

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

**PROGRAMA *STRICTO SENSU* DE MESTRADO PROFISIONAL EM
PSICOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

**VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: AS ESCOLHAS, OS CAMINHOS E O
PERCURSO - UM ESTUDO SOBRE ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL
PARA A VIDA RELIGIOSA.**

EDILAMAR DA GLÓRIA MARTINS

SANTOS

2022

EDILAMAR DA GLORIA MARTINS

**VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA:
AS ESCOLHAS, OS CAMINHOS E O PERCURSO - UM ESTUDO SOBRE
ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL PARA A VIDA RELIGIOSA.**

Santos

2022

[Dados Internacionais de Catalogação]
Departamento de bibliotecas da Universidade Católica de
Santos
Viviane Santos da Silva - CRB-8/6746

M379v Martins, Edilamar da Glória

Vida religiosa consagrada [recurso eletrônico] : as escolhas, os caminhos e o percurso - um estudo sobre o acompanhamento vocacional para a vida religiosa / Edilamar da Glória Martins ; orientadora Hilda Rosa Capelão Avoglia. -- 2022.
166 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Santos, Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, 2022

1. Vida Religiosa Consagrada. 2. Orientação vocacional. 3. Acompanhamento vocacional. I. Avoglia, Hilda Rosa Capelão.
II. Título.

CDU: Ed. 1997 -- 159.9(043.3)

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é para Deus fonte e inspiração da minha vida, certa de que só ele me possibilitou chegar até aqui.

Agradeço ao nosso Bispo Dom Tarcísio Scaramussa, comprometido com educação pela oportunidade que dá a Vida Religiosa de se capacitar através dos estudos.

A minha gratidão ao nosso Reitor Professor Marcos Medina pela provocação e incentivo que me fez iniciar este desafio do mestrado.

Gratidão infinita a minha congregação na pessoa da Madre Geral atual irmã Maria Dalessandro e todas as provinciais que foram abrindo oportunidades para eu ir me capacitando e a atual provincial irmã Denise Gomes Coutinho por acolher com alegria a minha proposta do mestrado e minha comunidade que muito me ajudou e compreendeu esse momento intenso de estudo.

Carinho e gratidão aos professores do mestrado por me ajudarem a adentrar no conhecimento e no caminho da ciência.

Profunda e eterna gratidão a Professora Doutora Hilda, pela parceria, pelo caminho que fizemos juntas, pelo investimento no meu potencial e pela amizade, mas tudo com muito profissionalismo, pois é uma pessoa que ensina sem pesar sempre mostrando que a ciência é o caminho. E se hoje posso ver a para vida com o olhar de pesquisadora eu devo isso a ela.

Agradeço com carinho as professoras da banca: a professora Helena Rinaldi que leu com muita atenção minha dissertação valorizando muito meu texto dando muitas contribuições. Gratidão a professora Miria Benincasa pela leitura atenciosa e pelas observações que trouxeram muitas luzes.

Agradeço a confiança da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB- Regional de São Paulo que, com generosidade, abriu campo para realização da pesquisa.

Não posso deixar de lembrar dos colegas do mestrado pelo caminho que fizemos juntos e pela amizade e respeito que fomos criando ao longo do percurso. O meu carinho a Zirlaide, Rafael, Márcio, Keli, Natália, Dilma, Luana, Ana Clara, Elisangela, Luana, Raquel

MARTINS, E. G. **Vida Religiosa Consagrada: As Escolhas, Os Caminhos e o Percurso - Um Estudo Sobre A Orientação Vocacional Para A Vida Religiosa.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas. Universidade Católica de Santos. Santos, 2022.

RESUMO

A Orientação Vocacional (OV) se constitui em um processo que envolve a escolha profissional e se refere a uma relação de ajuda temporária para auxiliar a pessoa a fazer escolhas conscientes, sobretudo relativas à sua ocupação profissional. No caso da vida religiosa consagrada (VRC) essa escolha desencadeia implicações específicas. Os objetivos da pesquisa foram descrever e analisar o processo de OV aplicado aos candidatos a VRC e propor um itinerário de OV que contemple a dimensão subjetiva dos candidatos visando uma escolha consciente pela VRC. Trata-se de uma pesquisa exploratória, transversal, de natureza quanti e qualitativa. Participaram do estudo 57 formadores, homens e mulheres adultos que atuam no processo de acompanhamento de jovens para a vida religiosa. Foram utilizados como instrumentos um Questionário sobre as atividades desenvolvidas pelos formadores e Grupo Focal, ambos aplicados na modalidade virtual, devido ao isolamento social imposto pela pandemia na fase de coleta de dados. Os dados do Questionário foram avaliados quantitativamente, já o Grupo Focal foi analisado qualitativamente por meio de categorias *a posteriori*. Os resultados quantitativos apontados pelo questionário indicaram que o acompanhamento da pessoa que busca a Vida Religiosa tem início por uma proximidade por meio de conversas (fr 70,1%). com uma pessoa específica que, neste caso, de acompanhamento que denominam como promotor vocacional (fr 50,8 %). O acompanhamento vocacional ocorre ao longo de todo o tempo da formação (fr 68,4%), sendo que a espiritualidade e o seguimento a Jesus compõem a base das temáticas tratadas no processo (fr 35,9 %). No entanto, o autoconhecimento é apontado por apenas 1,7% dos formadores participantes como algo importante, mas pouco elaborado. No que concerne a análise dos resultados do Grupo Focal observou-se a presença de preocupações com relação ao autoconhecimento e ao discernimento, entretanto ainda pouco explorados pelos formadores devido a ausência de recursos técnicos e científicos para o desenvolvimento dessas capacidades no percurso do acompanhamento vocacional. A partir dessas análises, sistematiza-se um produto técnico social consoante com o objetivo da pesquisa, que visa oferecer um roteiro demonstrando os caminhos para a construção de um processo de acompanhamento vocacional para a VRC.

Palavras-chave: Vida Religiosa Consagrada. Orientação Vocacional. Acompanhamento Vocacional.

MARTINS, E. G. **Vida Religiosa Consagrada: As Escolhas, Os Caminhos e o Percurso - Um Estudo Sobre A Orientação Vocacional Para A Vida Religiosa.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas. Universidade Católica de Santos. Santos, 2022.

ABSTRACT

Vocational Guidance (VG) is a process that involves the professional choice and refers to a temporary helping relationship to help the person to make conscious choices, especially concerning his or her professional occupation. In the case of consecrated religious life (VRC) this choice triggers specific implications. The objectives of the research were: to describe and analyze the process of VOL applied to candidates for VRC and to propose a VOL itinerary that takes into account the subjective dimension of candidates aiming at a conscious choice for VRC. This is an exploratory, cross-sectional, quanti and qualitative research. Fifty-seven formators, adult men and women who work in the process of accompanying young people to religious life, participated in the study. The instruments used were a questionnaire about the activities developed by the formation directors and a focus group, both applied in a virtual modality. The data from the questionnaire were evaluated quantitatively, while the focus group was analyzed qualitatively by means of a posteriori categories. The quantitative results pointed out by the questionnaire indicated that the accompaniment of the person who seeks Religious Life begins by a closeness through conversations (fr 70.1%). The vocational accompaniment takes place throughout the entire time of formation (Br 68.4%), with spirituality and the following of Jesus forming the basis of the themes dealt with in the process (Br 35.9%). However, self-knowledge is dealt with by only 1.7% of the participating formators. In what concerns the analysis of the results of the Focus Group, the presence of concerns about self-knowledge and discernment was observed, but they are still little explored by the formation directors due to the absence of technical and scientific resources for the development of these capacities in the vocational accompaniment process. From these analyses, a social technical product is systematized in accordance with the objective of the research, which aims to offer a roadmap demonstrating the ways for the construction of a process of vocational accompaniment for the VRC.

Keywords: Consecrated Religious Life. Vocational Guidance. Vocational Accompaniment.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
JUSTIFICATIVA	13
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1 CONHECENDO A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA (VRC)	15
1.2 ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/ PROFISSIONAL/ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL	18
1.2.1. Revisão bibliográfica sistemática sobre o conceito de Orientação Vocacional	18
1.2.2. Desenvolvimento das definições e conceitos da Acompanhamento Vocacional	25
1.3. ASPECTOS HISTÓRICOS DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL	30
1.4. ELEMENTOS ESSENCIAIS DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL.....	34
1.5. MOTIVAÇÕES E SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO DO ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL NA VRC	40
1.6. ASPECTOS DO ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL	44
2. PROBLEMA DE PESQUISA	48
3. HIPÓTESE	48
4. OBJETIVOS	48
4.1. OBJETIVOS GERAIS.....	48
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	48
5. MÉTODO.....	49
5.1. PARTICIPANTES	49
5.2. INCLUSÃO NA AMOSTRA.....	49
5.2. EXCLUSÃO DA AMOSTRA.....	49
5.4. LOCAL	49
5.5. INSTRUMENTOS.....	49
5.5.1. Questionário com os formadores (on line)	49
5.5.2. Grupo Focal	50
5.6. PROCEDIMENTOS	50
5.6.1. Procedimentos para coleta de dados.....	50
5.6.2. Procedimentos para análise dos dados:.....	51
5.6.3. Sobre o produto técnico	51
6. ASPECTOS ÉTICOS.....	52
6.1. RISCOS	52
6.2. BENEFÍCIOS	52

7. RESULTADOS	53
7.1. COMO ACONTECE O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL.....	72
7.2. QUESTÕES DOS QUE BUSCAM AV	74
7.3. DESAFIOS DO AV.....	75
7.4. SUGESTÕES PARA O PROCESSO AV	79
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
9. REFERÊNCIAS	85
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	93
ANEXO B – Questionário <i>on line</i>	95
ANEXO C – Transcrição do grupo focal	98
ANEXO D- Resultados quantitativos do questionário	118
ANEXO E – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	123
ANEXO F – Produto Técnico Social	130

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Meio pelo qual se inicia o processo de acompanhamento	53
Tabela 2 – Responsável pelo acompanhamento dos jovens	54
Tabela 3 – Forma de acompanhamento dos/as jovens	55
Tabela 4 – Momentos de participação dos jovens na missão da VRC.....	56
Tabela 5 – Experiências dos missionários e/ou voluntários.....	56
Tabela 6 – Momentos de convivência dos jovens nas comunidades religiosas	57
Tabela 7 – Presença de encontros vocacionais para grupos de jovens	57
Tabela 8 – Existência de material sistematizado para o acompanhamento dos jovens ..	57
Tabela 9 – Tempo de duração do acompanhamento.....	58
Tabela 10 – Áreas contempladas no acompanhamento	58
Tabela 11 – Processo de discernimento para jovens no ingresso a VRC	59
Tabela 12 – Como se realiza o processo de discernimento	59
Tabela 13 – Estratégias, recursos e ferramentas usadas no processo de acompanhamento vocacional	60

Lista de Quadros

Quadro 1 - Protocolo Prisma	19
Quadro 2 - Artigos selecionados para Revisão Bibliográfica	20
Quadro 3 - Categorias analisadas	61

APRESENTAÇÃO

Edilamar da Glória Martins, natural do Rio de Janeiro da cidade de Itaboraí. Ainda na família terminei o curso e Formação para Professores e atuei como professora do Ensino Fundamental I durante 4 anos na mesma escola que fiz o curso. Aos 23 anos entrei para a Vida Religiosa na Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz com sede em São Paulo - SP. A minha primeira residência foi no Espírito Santo na cidade de Colatina quando iniciando a formação atuei como professora em uma de nossas escolas.

Nos primeiros anos de consagrada fiz o curso de Pedagogia e atuei em várias áreas das nossas escolas: coordenação, orientação, direção e na área de Ensino Religioso. Na área social atuei na direção de abrigo de crianças e adolescentes.

Depois das experiências de trabalho na Educação fui chamada para trabalhar na formação de novas religiosas. Foi me oferecido um curso que se chamava “Escola para Formadores” porque tinha como foco trabalhar a pessoa do formador, assim era preciso fazer um processo terapêutico de no mínimo 5 anos e as aulas aconteciam nos meses de janeiro (5 anos). O curso era na linha da Psicologia da Vida Religiosa, com uma abordagem própria denominada Psicologia do Profundo que tem bases na Psicodinâmica fazendo uma integração com a transcendência, é ligada a universidade Gregoriana de Roma que é dos Jesuítas. Era um curso bem acadêmico, e hoje funciona como uma pós-graduação em psicopedagogia da Vida Religiosa. Com a teoria da Psicologia e o trabalho pessoal da psicoterapia éramos preparadas para fazer um Psicodiagnóstico dos formandos e ajudá-los no trabalho de autoconhecimento.

Este curso foi um divisor de águas em minha vida, sobretudo pela oportunidade do processo psicoterapêutico que ajudou a me tornar a mulher que sou hoje, com esta coragem de enfrentar o mestrado a esta altura da vida. Sou Religiosa, educadora que atuo na educação, tenho consultório com uma clientela considerável. Sou bem procurada para dar formações na área do desenvolvimento humano e este ano vou começar a dar aula em uma Pós-graduação na área da Psicologia

Terminado este curso ingressei na pós-graduação em Psicopedagogia e pela PUC de São Paulo e nesta apresentei o trabalho de Conclusão de Curso com o tema: “Psicopedagogia da Formação Para a Vida Consagrada.”

Depois da Psicopedagogia veio a necessidade de fazer a Psicologia, eu já não era mais tão jovem, porém obtendo a permissão iniciei com muito empenho e foi uma delícia porque queria muito este curso. Logo que terminei já comecei a clinicar e a atuar na área de

desenvolvimento humano sempre ligada ao público da Vida Religiosa Consagrada e entre estes alguns leigos indicados pela própria vida consagrada ou de alguma comunidade.

Há mais de doze anos realizo um trabalho na Conferência dos Religiosos do Brasil com sede em São Paulo - SP na área do desenvolvimento humano com as pessoas (na maioria são jovens) que estão no postulado que é etapa inicial da formação para a VRC na qual o jovem conhece a Congregação e faz seu processo de discernimento para fazer opção para esta vida (pode escolher ou não).

Aos poucos fui dando um formato a este curso para oferecer uma proposta que permitisse ajudar a aprofundar o processo de autoconhecimento para dar bases ao discernimento. Realizo quatro encontros de três dias com conteúdos da área da Psicologia, dinâmicas, técnicas projetivas e vivências. Tive atenção na preparação do conteúdo para que abrangesse todas as dimensões da pessoa para ajudar no aprofundamento do autoconhecimento.

Esse e outros casos me inquietam e a partir daí comecei a pensar no “Manual de Autoconhecimento” que seria mais um recurso para este processo de discernimento.

Acompanhando nestes últimos anos as dificuldades de nossa Igreja com os escândalos, as questões da pedofilia, o descompromisso de alguns, a busca de sucesso por parte de outros, pessoas desajustadas entre outras questões me faz hoje querer debruçar sobre o tema que trago para academia.

JUSTIFICATIVA

Em meu percurso como psicóloga fui me deparando com pessoas que estavam no processo de entrada na Vida Religiosa Consagrada (VRC) ou já eram religiosos cuja conduta não se mostrava alinhada com a opção e o valores da Vida Religiosa Consagrada, pois em suas atitudes, o que se via era a busca de poder, a projeção nas mídias sociais, em programas de televisão, de rádio e outros veículos que pudessem levar ao sucesso, o carreirismo, a obsessão pela auto realização, pelo dinheiro e seus bens de consumo em detrimento do compromisso com a missão, ou seja, remando em direção contrária a proposta da vida que é um chamado a oblação, a entrega da vida em favor dos irmãos, principalmente, os que mais sofrem ou se encontram em situação de vulnerabilidade.

Neste sentido, Veiga e Zacharias (2019, p. 209) trazem à baila as dificuldades que a Igreja vem enfrentando nestes últimos anos devido aos escândalos sexuais em que homens e mulheres, membros da Vida Religiosa, do clero e leigos estavam envolvidos, sobretudo, no que diz respeito a temas ligados ao abuso sexual, a pedofilia ou vida dupla, pois se propondo a viver o celibato ou a castidade, simultaneamente, mantinham relações afetivo-sexuais secretas, assim, tais comportamentos provocam questionamentos acerca da opção vocacional destas pessoas que apresentavam uma prática totalmente oposta ao que escolheram. Outra questão que leva a interrogações é perceber a procura pela VRC por pessoas que sofreram abuso sexual, ou por pessoas que viveram em situação de pobreza extrema, trazendo consigo um trauma a ser elaborado, o que quase sempre compromete e ofusca o processo de escolha vocacional que comporta um envolvimento emocional.

Não se pode negar que, muitos, buscam o acompanhamento para entrada na VRC trazem consigo um desejo sincero e boas intenções de se entregar a este estilo de vida, mas a grande questão versa sobre a estrutura da pessoa para vivência desse projeto. Trasferetti, Millen e Zacharias (2020 p. 324) falam dessa realidade apontando que muitos desses vocacionados vem de experiência de abandono, de ausência de amor ou de cuidados básicos, desenvolveram-se sem presença de um ou dos dois genitores, sofreram abuso sexual, violência física ou psicológica pontuando que estas experiências certamente influenciam no processo de escolha, bem como na forma como vivem ou viverão a consagração, caso façam a opção de entrada.

Diante dessas considerações, ressalta-se a importância de se fazer um trabalho qualificado de acompanhamento vocacional para que, no processo de autoconhecimento, a pessoa vá se apropriando destes elementos para que não condicionem tanto o percurso quanto opção. Neste sentido, Imoda (2005, p. 9) salienta que a Psicologia tem muito a contribuir

oferecendo instrumentais que ajudam a pessoa que se coloca no processo de escolha. Ao ressaltar a ajuda da Psicologia no âmbito da escolha a referência é a Orientação Vocacional, cuja função é ajudar a pessoas a refletir sobre si, a conhecer a sua personalidade e a entender suas questões como explicitam Andrade, Meira e Vasconcelos (2002). Levenfus e Soares (2010, p. 21) vão na mesma linha de reflexão, pontuando que o orientador, no nosso caso o acompanhante, deve auxiliar no desenvolvimento de uma identidade refletida que leve a uma vivência coerente e não fracionada e incongruente. Assim é importante trazer presente que a psicologia através da Orientação Vocacional tem a possibilidade de viabilizar um Acompanhamento Vocacional que toma em consideração a pessoa no processo de escolha tendo em conta sua singularidade interna e do contexto que está inserido juntamente com as questões conflitivas que a envolve (LEITE, 2019, p. 16).

No que concerne à especificidade da Vida Religiosa esta não pode ser comparada a uma profissão que é vivida apenas em determinado momento, mas sim, de forma integral porque é um estilo de vida comparado ao que chamamos estado civil em que, quando se pergunta a um religioso se este é casado ou solteiro, a resposta é que é Religioso, Consagrado. O mesmo se dá com a profissão que por mais que se tenha uma formação acadêmica é o “ser religioso” que é colocado em relevo. E neste contexto a justificativa mais contundente para um trabalho de Acompanhamento Vocacional aplicado a VRC está no fato de que para a OV escolher uma profissão “é somente decidir o que fazer, mas principalmente, decidir quem ser. Escolher uma ocupação é escolher um estilo de vida, um modo de viver” como sublinha Neiva (2013, p. 37). Com este argumento, com muita segurança este trabalho pretende viabilizar um modelo de acompanhamento vocacional que em seu processo contemple a dimensão subjetiva para uma opção mais coerente e consistente em que a negativa para a entrada VRC seja um processo discernido com clareza, leveza e tranquilidade e a resposta positiva seja feita com tomada de consciência das próprias forças, estrutura e condições para uma entrega serena, responsável e comprometida com o que se escolheu.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 CONHECENDO A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA (VRC)

Dentro do presente trabalho se faz importante apresentar a especificidade da Vida Religiosa Consagrada (VRC), uma vez que esta pesquisa se propõe a atender a uma demanda específica a respeito deste estilo de vida propondo um itinerário de Acompanhamento Vocacional que contemple a dimensão subjetiva dos candidatos, visando uma escolha consciente pela VRC. Aqui se fala em delinear estratégias diferenciadas no âmbito da Orientação Vocacional para Vida Religiosa Consagrada, pelo fato desta ser um estado de vida em que a pessoa coloca todo o seu ser neste ideal como nos diz o documento *Vita Consecrata* (1996 nº 9). Nas diversas expressões de Vida Religiosa ao longo dos tempos muitas pessoas se desprendendo de muitas coisas consagraram-se a Deus professando publicamente os Conselhos evangélicos, a partir de um carisma específico e numa forma estável de vida comunitária para se colocar a serviço do próximo de diversas maneiras. Sinalizando que são diversas as famílias religiosas tais como Cónegos regulares, as Ordens mendicantes, os Clérigos regulares, e as Congregações religiosas masculinas e femininas, em geral, dedicadas à atividade apostólica e missionária e às múltiplas obras que a caridade cristã suscitou.

Na mesma perspectiva, o Documento de Aparecida (2007, nº 215, p.104) descreve a Vida Religiosa como “caminho de especial seguimento de Cristo, para dedicar-se a Ele com coração indiviso e colocar-se, como Ele, a serviço de Deus e da humanidade, assumindo a forma de vida que Cristo escolheu para vir a este mundo: vida virginal, pobre e obediente.”

Este trabalho tem como foco o trabalho do Acompanhamento Vocacional das pessoas que buscam a Vida Religiosa Consagrada neste sentido Gomes e Lisboa (2015 p. 4) explanam que este processo é entendido como: “movimento interno que mobiliza a pessoa a dar resposta ao chamado divino para dedicar sua vida em prol de uma causa maior. A adesão da pessoa a esse chamado permite-lhe fazer um processo gradativo de amadurecimento nas etapas de formação religiosa (VITÓRIO, 2008)”.

Assim, a partir da ótica de fé, a pessoa que se sente “vocacionada” a este estilo de vida precisa ter clareza quanto às implicações desta escolha que pede a renúncia de relações afetivo sexuais, já que toda essa energia deve ser colocada a serviço da missão e da causa dos pobres e, deste modo, abrir mão da posse e aquisição de bens materiais para uma condissão, pois se coloca tudo em comum, o despojar-se das próprias decisões para submetê-las a decisões em conjunto disponibilizando-se a vida comunitária na qual se compartilha tudo. Este são os

elementos centrais nos quais se fundamentam a proposta da VRC, como nos diz Baggio (2012, p. 72):

Pela profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, a vida religiosa consagrada é um sinal que resplandece o jeito de viver um estilo de vida que corresponde a uma escolha vocacional. Diante do mundo o fundamental é dar testemunho de Deus. Um testemunho escatológico, que consiste em transcender as estruturas temporais, para trazer presente o próprio Deus (BAGGIO, 2012, p. 72).

Estes elementos evidenciam as exigências deste estilo de vida e requerem um trabalho atencioso com aqueles que manifestem desejo de fazer parte da mesma, para ajudar a discernir sobre as condições para vivência da proposta, pois pode acontecer da pessoa que busca não ter tais condições.

Vale ressaltar que, em se falando de Vida Religiosa, deve-se ter clareza que é uma Vocação que tem sua especificidade na sociedade, sobretudo pelo fato de falar de celibato, de castidade, assuntos que vão contra a corrente em uma sociedade hedonista e sexualizada. Neste sentido, Zacharias e Veiga (2019 p. 213) afirmam que “o processo formativo, para alcançar o seu objetivo, pressupõe que o vocacionado tenha dado sentido definitivo a própria vida, isto é, clareza de sua opção fundamental”. Nesta mesma perspectiva Gomes e Lisboa citando Pereira (2004) e Noé (2010) argumentam que:

...a vida religiosa consagrada é entendida na experiência do mistério. Uma vida dedicada a viver de forma sublimada tem possibilidades de se abrir para a transcendência. Porém, o fato de uma pessoa estar no contato com o sagrado não a exime do mundo profano. Para tanto, a vida religiosa consagrada é um caminho que tem como ideal priorizar a vivência do sagrado, devendo considerar-se que esta se configura num tempo histórico (PEREIRA, 2004; NOÉ, 2010 *apud* GOMES; LISBOA, 2015, p. 6).

Em função das questões ligadas aos escândalos envolvendo na Igreja nesses últimos anos, nunca se falou tanto sobre a necessidade de contar efetivamente com a ajuda da Psicologia no sentido de se buscar um trabalho mais profundo nas etapas iniciais ou na fase de seleção dos candidatos, como também nos apontam Zacharias e Veiga (2019, p. 159) sobre “(...) a importância de atentar para os sinais de problemas e a necessidade de contar com a ajuda psicológica no processo de seleção e acompanhamento dos candidatos.” Isso porque não é algo simples a opção pela VRC. Neste prisma Gomes e Lisboa (2015 p. 604) sugerem que quem deseja escolher consagração religiosa optando pela vivência da castidade é essencial que tenham maturidade afetiva que é a capacidade de viver conforme o estilo de vida abraçado numa vivência integrada das dimensões humana e cristã.

Assim, diante do exposto, é importante considerar a dimensão de base que é humana das pessoas que buscam a Vida religiosa, Faz-se necessário lançar mão da Orientação

Vocacional, um braço da Psicologia que se ocupa exclusivamente do processo de escolha como argumenta Leite (2018, p. 16) considerando a peculiaridade da escolha propondo-se a fazer uma análise profunda da pessoa que se coloca no processo de escolha, tendo presente sua realidade tanto interna como externa sobretudo o conflito que predomina, tendo como foco a investigação da pessoa na forma de eleger suas prioridades.

Neste estudo é abordada a dimensão vocacional daqueles que buscam a VRC e como sublinha Noé (2010, p. 70) é através da “dimensão psicológica da vocação religiosa que queremos nos ocupar mais atentamente no contexto deste estudo”. O intuito é lançar mão das estratégias da ciência psicológica que traz em seu bojo a Orientação Vocacional enquanto área especializada que se ocupa da escolha da pessoa para contribuir no processo de discernimento do candidato VRC para processo de escolha mais consciente e comprometida. De forma ilustrativa Noé argumenta (2010, p. 171):

Sob esta perspectiva, o lugar sui generis da investigação da vocação religiosa, a partir da Psicologia da Religião, seria a análise dos motivos inconscientes nela implicados. Portanto, não se trataria de se fazer uma “desmistificação” ou “desmitologização” da vida religiosa, mas sim de buscar nela os elementos inconscientes constitutivos, deixando suspenso o elemento teológico enquanto tal.

Assim, é importante ressaltar que não se está desmerecendo a dimensão espiritual ou teológica da vocação, mas sim buscando auxílio de uma ciência, neste caso, a psicologia, que muito pode contribuir para que o processo de acompanhamento vocacional seja mais assertivo e ajude a tomada de decisões mais conscientes e com mais liberdade interior.

Essa pesquisa certamente será importante não apenas para a Vida Religiosa, mas para a Igreja, como um todo, que imersa no mundo atual enfrenta os desafios próprios desse tempo e, assim, poderá contar com pessoas mais integradas. Papa Francisco em seu discurso de 17 de março de 2018, dirigido aos seminaristas, aborda a questão do discernimento dizendo:

Ter discernimento, isto é, entender, isto é, entender “o que está certo” e “o que não está certo”, é a primeira “regra”. Depois, é fundamental “cuidar” da própria “formação”: humana, pastoral, espiritual, comunitária. E, para fazer isso, é importante “conhecer os próprios limites” (PAPA AOS..., 2018, *online*).

1.2 ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/ PROFISSIONAL/ACOMPANHAMENTO

VOCACIONAL

1.2.1. Revisão bibliográfica sistemática sobre o conceito de Orientação Vocacional

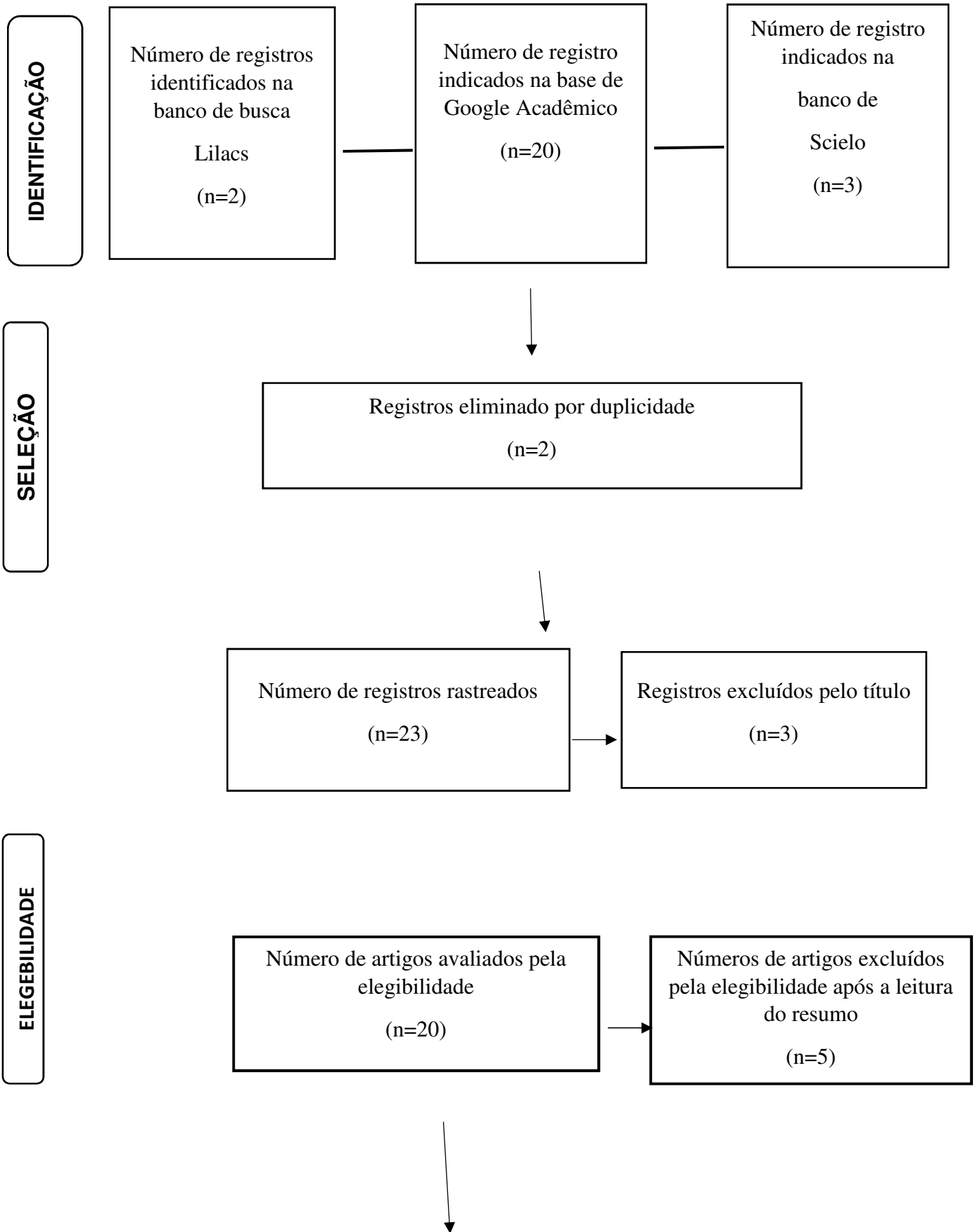
Parte-se da ideia de que, a partir do momento em que uma pessoa necessita de auxílio temporário no que diz respeito as suas escolhas profissionais, ou sua vocação, a qual deseja tornar mais consciente, ela busca uma orientação vocacional.

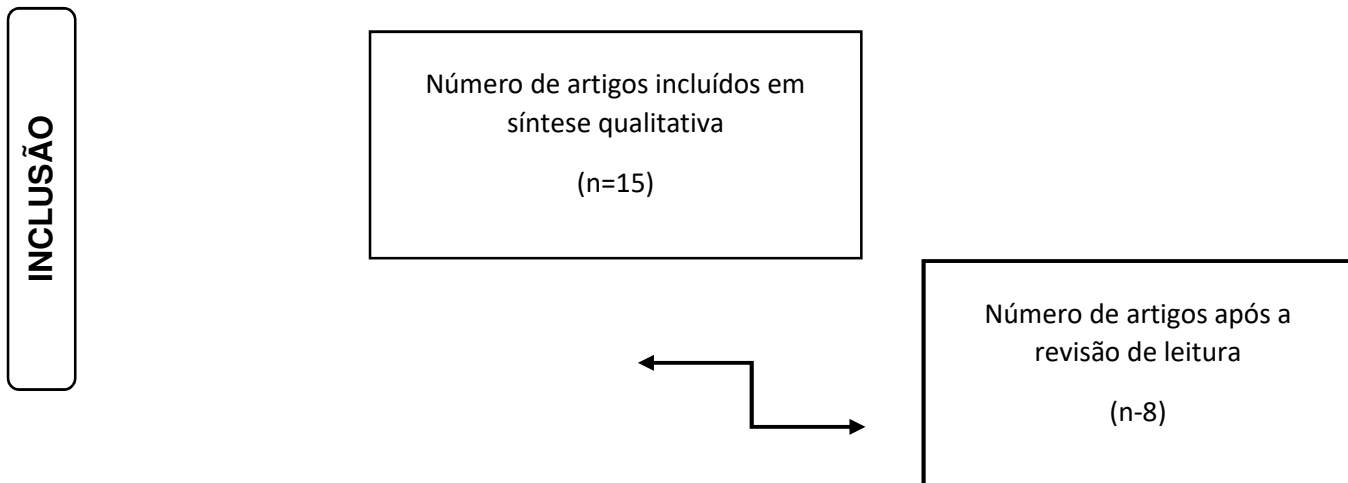
Para tecer comentários sobre o tema, analisou-se os diversos conceitos e formas utilizadas para realização da orientação vocacional na atualidade. Para essa etapa da pesquisa, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica sistemática baseada no modelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA).

Por meio de filtros que permitisse à pesquisadora chegar a um número suscinto de artigos escritos, exclusivamente em língua portuguesa sobre o tema e no período do ano de 2018 ao ano de 2021, foram usados os descritores “*orientação profissional*” entre aspas e separado com ponto e vírgula, “*orientação vocacional*” entre aspas seguida de ponto e vírgula separando por ponto e vírgula e palavra “*psicologia*” entre aspas nos artigos em português.

Desta forma, conforme demonstrado na Figura 1, é possível verificar que as bases de busca de dados totalizaram 25 (vinte e cinco) artigos, destes três são da base de dados SCIELO, 2 (dois) da LILACS e 20 (vinte) do Google Acadêmico. Já os registros eliminados por duplicidade totalizam 2 (dois) artigos, restando 23 (vinte e três) artigos e após a leitura, foram excluídos 3 (três) artigos. Destes, o rastreamento indicou 20 (vinte) artigos e, após a leitura dos resumos, tivemos uma nova redução de 5 (cinco) artigos, resultando então 15 (quinze) artigos para realização da leitura. Após a leitura elege-se 8 (oito) artigos para compor a revisão bibliográfica desta pesquisa. O critério da escolha foi porque estes traziam em sua estrutura conceitos e formas utilizadas para realização da orientação vocacional na atualidade.

Quadro 1 - Protocolo Prisma





Após a revisão sistemática da literatura foram selecionados 8 (oito) textos que apresentam a descrição dos conceitos de orientação vocacional/profissional de acordo com a compreensão de cada um dos autores. Foram organizados alguns agrupamentos a partir da análise dos artigos selecionados, sendo verificado que 4 (quatro) estavam ligados à área da educação, 2 (dois) relacionados às relações familiares, 1 (um) direcionado a jovens em situação de vulnerabilidade e 1 (um) versando sobre a produção nacional dos instrumentos de avaliação psicológica.

A elegibilidade da consulta bibliográfica realizada apontou os seguintes artigos, como pode ser visualizado no Quadro 1:

Quadro 2 - Artigos selecionados para Revisão Bibliográfica

Nº ARTIGO	TÍTULO	AUTOR(ES)	OBJETIVO	ANO
1	Os Desafios Do Ensino Superior E Os Papéis Sociais Na Identidade Profissional Do Adolescente: Uma Revisão Narrativa.	Vanessa Tiemi Duarte Raffo Amarilis Cavalcanti da Rocha Diego da Silva	O objetivo deste artigo é refletir sobre os desafios no ensino superior e os papéis sociais na identidade profissional do adolescente.	2021
2	Intervenção Em Orientação Profissional Em Estudantes De Escolas Públicas Brasileiras: Uma Revisão Narrativa.	Bruna Pessenda Thais de Souza Mascotti Hugo Ferrari Cardoso	Este estudo visou realizar uma revisão narrativa de artigos nacionais voltados para grupos de intervenção em OP.	2018
3		Natalia Fernandes Teixeira Alves		

	Orientação Profissional com Jovens em Vulnerabilidade Social	Rafaelly Naira da Silva Marília Maia Lincoln Barreira Terezinha Teixeira Joca	O objetivo deste artigo foi compreender como a OP tem atuado com adolescentes e jovens de classes sociais minoritárias.	2019
4	A Atuação Da Psicologia Na Orientação Profissional Do Futuro Ingressante Universitário: Uma Revisão Bibliográfica	Lirani Firmo da Costa Souza Mayara Cristina da Silva Lima Hedwe Matheus de Sousa Firmo Sandra Patrícia Lamenha Peixoto	Sendo a Orientação Profissional (OP) um processo que visa auxiliar os sujeitos com dúvidas relacionadas à carreira profissional e avaliar características pessoais com vistas a realizar escolhas profissionais	2020
5	Orientação Profissional Na Interface Entre Psicologia E Educação: Uma Revisão De Literatura	Ladislau Ribeiro do Nascimento	Este artigo expõe resultados de uma pesquisa sobre a prática de Orientação Profissional (OP) na interface entre Psicologia e Educação...	2020
6	Instrumentos de Avaliação Psicológica em Orientação de Carreira: Análise da Produção Nacional	Leonardo de Oliveira Barros Rodolfo Augusto Matteo Ambiel	Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão integrativa da produção científica nacional acerca do uso de instrumentos de avaliação psicológica no contexto de orientação profissional e de carreira no período de 2000 a 2017.	2020
7	Influência Da Família Em Processos De Escolha Profissional Entre Jovens: Uma Revisão Integrativa De Produções Nacionais	Thayane De Sousa Guimarães	O presente trabalho possui o objetivo de entender como a família influencia no processo de escolha profissional dos jovens através de uma revisão integrativa de publicações brasileiras.	2018
8	Associações entre Estilos Parentais, Interesses e Indecisão Profissional em	Camélia Santana Murgo Leonardo de Oliveira Barros	Este estudo objetivou verificar as relações entre estilos parentais, interesses profissionais e	2018

	Estudantes do Ensino Médio	Bárbara Cristina Soares Sena	indecisão de adolescentes	
--	----------------------------	------------------------------	---------------------------	--

O tema “Os desafios do ensino superior e os papéis sociais na identidade profissional do adolescente” desenvolvido por Rafo, Rocha e Silva (2021, p. 41), discute sobre a “identidade vocacional” e “identidade profissional”, fazendo uma diferenciação conceitual a partir de Boholavisky (1988). Os autores pontuam que a identidade vocacional seria uma resposta ao porquê se escolhe, enquanto a identidade profissional é adquirida depois da escolha definida respondendo também as perguntas onde, com quem e quando (RAFO; ROCHA; SILVA, 2021, p. 41), citam também Neiva (2013) a qual considera que o processo de escolha leva à elaboração da identidade vocacional que, por sua vez, leva à compreensão das motivações da decisão.

Passenda, Macotti e Cardoso (2018), debruçaram-se sobre o tema, por meio de uma revisão narrativa de artigos nacionais voltados para grupos de intervenção em orientação profissional no estudo denominado “Intervenção em Orientação Profissional em Estudantes de Escolas Públicas Brasileiras: uma revisão narrativa”, concedendo destaque ao papel do orientador profissional no contexto escolar. Afirmam esses autores que o trabalho da orientação profissional se ampliou nas escolas e passou de auxiliar no processo de escolha da profissão e inserção no mercado de trabalho para promover a reflexão de um projeto de vida. Foi possível observar que não existe um conceito específico de orientação vocacional/profissional, mas apontam como relevante o papel do orientador vocacional no contexto escolar, destacando que este deve ajudar nas questões relacionadas à escolha e ao mercado de trabalho, bem como a inserção e participação na sociedade e construção do projeto de vida (PASSENDA; MACOTTI; CARDOSO, 2018).

Alves *et al.* (2019), em sua revisão teórica sobre a orientação profissional discorre a sua aplicabilidade em adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social com o objetivo de compreender a atuação da orientação profissional com eles, utilizando a definição da orientação profissional como um processo em que a pessoa deve aprofundar-se na construção da identidade profissional que auxilia nas escolhas, no conhecimento das profissões e na construção do projeto de vida tendo presente a questão da aposentadoria (LEVENFUS, 2010; SOARES, 2009; SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004).

O conceito apresentado demonstra a preocupação em auxiliar os jovens em situação de vulnerabilidade a perceberem suas possibilidades de realizar sua escolha de vida e engajamento no mercado de trabalho.

O artigo intitulado “A Atuação da Psicologia na Orientação Profissional do Futuro Ingressante Universitário: Uma Revisão Bibliográfica”, desenvolvido por Souza *et al* (2020) descreve a orientação profissional como um processo que auxilia a pessoa nas dúvidas relacionadas a carreira profissional, bem como avalia características pessoais para realizar o processo de escolha. Isso ocorre porque os adolescentes, vivenciam um período de mudanças, ansiedade, conflitos e angústia frente a todo processo de escolha. Assim, o interesse dos autores foi contribuir com os ingressantes na prevenção de possíveis dúvidas e dificuldades após a escolha no ingresso no curso escolhido.

Barros e Ambiel (2020), na revisão integrativa intitulada “Instrumentos de Avaliação Psicológica em Orientação de Carreira: análise da produção nacional”, buscam conceituar orientação vocacional/profissional, por meio do conceito de Savickas (2011), ressaltando que a orientação vocacional é um processo facilitador da escolha e construção de trajetória profissional utilizando-se de estratégias de acordo com as necessidades da pessoa que a buscam (BARROS; AMBIEL, 2020). Nessa conceituação os autores realçam as intervenções e o que é possível de se compreender a partir do objetivo que a pesquisa traz, ou seja, realizar uma revisão integrativa da produção científica nacional acerca do uso de instrumentos de avaliação psicológica no contexto de orientação profissional e de carreira.

A Orientação vocacional/profissional pode contribuir para compreender a necessidade de autorrealização e autoestima como também as mudanças sociais, econômicas, políticas e familiares que influenciam e facilitam a classificação das habilidades e interesses, como explicam Murgu, Barros e Sena (2018, p. 693/694) no artigo “Associações entre Estilos Parentais, Interesses e Indecisão Profissional em Estudantes do Ensino Médio”, relatando pesquisa realizada no ensino médio, utilizando-se das contribuições de Sartori, Noronha, Godoy e Ambiel (2010).

Guimarães (2018) relata o processo de construção e avaliação de um dispositivo grupal de curta duração chamado Oficina de Orientação Profissional para a Feira de Profissões da Universidade de São Paulo (USP), e a partir de Soares (2002) afirmam que a orientação profissional é uma ajuda para tomada de consciência das possibilidades e escolhas que são possíveis dentro da sociedade, e da história, tornando-se consciente dos fatores determinantes no processo de escolha.

Ao estudar o tema “Orientação Profissional Na Interface Entre Psicologia E Educação: uma revisão de literatura”, Nascimento (2020) trabalha a orientação vocacional/profissional a partir da abordagem sócio histórica pontuando a importância da transformação social e ressalta que a orientação profissional tem a função de conscientizar a respeito dos

determinantes históricos e sociais, relacionadas a rever as trajetória as narrativas de vida, problematizando preconceitos e naturalizações acerca da escolha, do sucesso, da carreira e formação entre outros.

Assim, diante dos estudos acerca das nomenclaturas utilizadas, é importante trazer as contribuições de Andrade e Conserva Junior (2013) salientando que orientação vocacional/profissional é um processo de colaboração para ajudar a pessoa em suas escolhas e/ou decisões acerca de ocupações significativas para a vida, oferecendo estratégias de autoconhecimento, buscando o desvendamento dos interesses, aspirações, motivações e projetos de vida. Pode-se dizer que a orientação vocacional/profissional é uma relação de ajuda ocasional por um tempo determinado usando recursos diversificados para que a pessoa possa fazer escolhas conscientes.

Ao longo da história, a orientação vocacional/profissional ganhou espaço e atualizações, da mesma forma que a tarefa e a ocupação estão em contínua mudança, como afirma Bohoslavisky (1993, p. 31): “A realidade sociocultural muda incessantemente. Surgem novas carreiras, especializações e campos de trabalho, continuamente”.

Como resultado a orientação vocacional/profissional se faz presente em outras áreas, com a reestruturação constante de seus aportes teóricos e, por conseguinte, de sua prática, e com uma abertura para o âmbito da multidisciplinariedade.

Em linhas gerais Andrade, Meira e Vasconcelos (2002) argumentam que a orientação vocacional/profissional nasce no século XIX, em meio a expansão da industrialização e o crescimento do comércio, momento em que se diversificaram o trabalho, as maneiras como os indivíduos se ocupavam e, desde esse momento, vem buscando dar conta das questões relacionadas a escolha profissional que traz em seu bojo o interesse, a aptidão, adaptabilidade, habilidade, talento, realização, entre outros. Resultando na nomenclatura orientação vocacional/profissional.

Necessário diferenciar-se os termos aqui utilizados, ou seja, orientação profissional e orientação vocacional, não existindo entre os profissionais da área um consenso entre estas nomenclaturas, alguns usam o termo “orientação vocacional” considerando adentrar em profundidade na dinâmica psíquica; outros usam o termo “orientação profissional”, enfatizando o indivíduo na relação com a profissão/ocupação (LEITE, 2019).

A partir destes esclarecimentos pode-se considerar que a orientação vocacional atua na dimensão psicológica ajudando a pessoa a adentrar em aspectos mais profundos de si mesma e, assim, conhecer suas motivações e intenções, atuando também na dimensão extrínseca, voltada

para ajudar no entendimento, no manejo e a prover meios para que a pessoa possa lidar bem com sua futura ocupação. (LEITE, 2019, p. 16).

A orientação vocacional/profissional apresenta, primeiramente interesse voltado para pessoa, que traz consigo a necessidade de fazer “escolhas” diante da vida. É possível reconhecer que a escolha se refere a algo sempre presente na vida, uma vez que cotidianamente, a pessoa está diante de escolhas. Porém na orientação vocacional/profissional fala-se de uma escolha diferenciada que acontece em um momento ou em momentos específicos da vida, pois a pessoa precisa decidir sobre sua ocupação e sua escolha, o que implica em muitas outras escolhas. Sobre o assunto, Neiva (2013 p. 37) salienta que: “Escolher uma profissão não é somente decidir o que fazer, mas principalmente, decidir quem ser. Escolher uma ocupação é escolher um estilo de vida ou um modo de viver.

Ao Orientação Vocacional/ profissional lida com as aspirações, desejos e sonhos da pessoa e também pode ajudar a pessoa a constatar suas resistências e entraves internos, confrontando-se assim com a identidade em todos os seus aspectos, como afirma Leite (2019):

O orientador ajuda o indivíduo a analisar seus desejos, resistências, possibilidades, dificuldades, com vistas a traçar um projeto de carreira, Mais do que tomar contato com a aspiração principal, o jovem defronta-se com um vasto leque de aspirações. Diversas facetas de si mesmo que serão privilegiadas em momentos diferentes da escolha profissional (Leite 2019, p. 15).

Trabalhando os diversos autores abordando a OV é importante perceber que está sempre se questionando na busca de responder as demandas exigidas ao longo dos tempos, como nos apontam Andrade, Meira e Vasconcelos (2002) a OV deve estar atenta as mudanças que ocorrem na sociedade no âmbito sociocultural e econômico, posicionando-se como uma trilha possível para os que tem objetivo de fazer a escolha vocacional de forma consciente e madura.

Nesta perspectiva, neste estudo será utilizada a nomenclatura de Acompanhamento Vocacional no intuito de aplicá-la ao contexto da Vida Religiosa.

1.2.2. Desenvolvimento das definições e conceitos da Acompanhamento Vocacional

Após a revisão sistemática feita passamos a nos debruçar sobre os conceitos e definições partindo dos escritos de Ribeiro e Melo-Silva (2011), que apontam Parsons como precursor mundial da orientação vocacional por realizar a partir de 1908 um trabalho sistemático com essa temática e por usar o termo “orientação vocacional” para nomear o

trabalho de auxílio aos jovens que buscavam orientação para ingressar na universidade ou no mundo do trabalho. Os autores esclarecem que orientação vocacional para Parsons era algo a ser descoberto com a função de diagnosticar as características da pessoa para adequá-la às ocupações que mais se ajustavam a esta concepção, dando base ao enfoque de orientação traço-fator.

Neiva (2013) pontua ainda que em 1940, esta concepção sofre modificação devido ao surgimento das ideias do aconselhamento que colocava a orientação como processo de construção de escolhas.

Para falar de conceitos e definições da orientação vocacional é imprescindível se ter presente o seu início e, neste aspecto, Ribeiro e Melo-Silva (2011) sublinham que ela se dividiu em três grandes áreas, a saber: a orientação educacional que atuaria no interior das escolas ocupando-se do educando no seu desenvolvimento como um todo, a orientação vocacional comprometida em auxiliar o jovem que desejasse ingressar em um curso em nível superior e, a orientação profissional que atuava com as pessoas, que desejavam ingressar em um determinado posto de trabalho.

Aproximando-se dos tempos atuais, considera-se importante apresentar as contribuições de Bohoslavsky (1993), um pioneiro da orientação vocacional na América Latina, com em sua obra intitulada “Orientação Vocacional – A estratégia clínica”. Ele faz questão de ressaltar que entende a orientação como realização de procedimentos de psicólogos com pessoas com dificuldades no processo de escolha e de maneira especial de alunos que estão fazendo transição de um ciclo para outro, tendo a necessidade de tomar decisões e fazer escolhas, o que faz com este seja um momento difícil.

Carvalho (1995) argumenta que os primeiros trabalhos europeus na área da Orientação Vocacional eram unificados na seleção profissional e que uma conceituação separada foi estabelecida por Claparede em 1922, em seu trabalho apresentado à Sociedade das Nações, quando definiu a orientação vocacional como:

[...] complexo de conceitos diretivos e de métodos que servem para indicar a cada indivíduo as atribuições de trabalho para o qual ele possui as necessárias inclinações e capacidade e no exercício da qual tem possibilidade de conseguir alcançar resultados melhores com vantagem sua e da sociedade (CARVALHO, 1995, p. 40).

Trabalhando com conceitos e definições, é importante apontar as considerações de Leite (2015), ao afirmar que, em seus primórdios, a orientação vocacional se propunha a ajudar a pessoa a escolher uma profissão que fosse condizente com suas características, assim o orientador deveria ser capacitado para intervir encontrando um trabalho que fosse compatível

com estas características. Desse modo, o orientador deveria encontrar a vocação da pessoa e, neste contexto, Leite (2015) esclarece que a palavra trazia ideia de chamado divino, um chamado interno, interior que designava para cada pessoa uma posição de trabalho ideal.

Muller (1988) aborda a mesma questão acrescentando que “O Vocacional” era concebido quando a pessoa era convocada a cumprir um chamado na vida em uma posição de acatamento, de submissão, pois era um chamado vindo de fora. Em sua concepção de orientação a vocação, afirmava que esta não nasce com o indivíduo, mas faz-se, constrói-se na história, na subjetividade e na interação com as pessoas. É importante retomar as considerações de Leite (2015) que citando Levanfus (1997) ao afirmar que a partir de 1970, a vocação passa ser entendida como chamados internos e externos, individuais e socioculturais, nos quais a pessoa busca elementos para o que quer ser, o que quer fazer e como quer fazer.

Neiva (2013), uma das maiores estudiosas da orientação vocacional da atualidade, considera que a definição de Ribeiro (2011) é a que melhor representa a realidade da orientação vocacional na contemporaneidade, pois o autor entende que a orientação vocacional tem caráter de mediação e cooperação entre um profissional competente que tem preparação teórica e técnica para prestar este serviço a uma pessoa ou grupo que necessite de auxílio para construir projeto de vida profissional/ocupacional, tendo presente todos os aspectos envolvidos neste processo. Neste sentido, Neiva (2013) sublinha que, ainda hoje, nos tempos atuais, não se pode separar o projeto profissional do projeto de vida e que o trabalho do orientador deve abranger vários aspectos da vida e da realidade da pessoa.

Leite (2019), considerada um dos expoentes da Orientação Vocacional/Profissional contemporânea, indaga o que vem a ser uma orientação profissional. Afirma que a pessoa que procura a orientação profissional quer aprender a fazer escolhas comprometendo-se com elas e que o orientador deve ajudá-la a analisar desejos, resistências, possibilidades e dificuldades em vista de traçar seu projeto de carreira.

Melo-Silva (2004) faz uma revisão minuciosa dos termos clássicos da orientação vocacional/profissional, tendo como base inicial a própria palavra “orientação” que na língua portuguesa, genericamente, seria o ato de orientar, sugerindo possibilidade de a pessoa ser orientada por profissionais qualificados ou a pessoa orientar a si própria, ou seja, reconhecer onde está para encontrar seu caminho. Enfatizando que as pessoas podem tomar decisões por si mesmas em determinadas etapas de sua vida, assim a Orientação Vocacional/Profissional pode ser necessária em alguns momentos da carreira.

A autora (Melo-Silva 2004) traz também o termo “vocação” que fazendo referência ao “vocacional” que no latim significa chamado, escolha predestinação, tendência, talento, aptidão. Acentua que o termo “profissão” é definido como pertencente a profissão ou certa profissão. Diz ainda que o conceito de orientação vocacional profissional na perspectiva da Psicologia significa prestar ajuda a pessoas com problemas relativos à escolha da profissão ou que desejam progredir no âmbito profissional. Explicita ainda que o termo orientação profissional tem sido utilizado também para designar disciplinas e estágios dos cursos de Psicologia.

Já o termo “ocupacional”, de acordo com Melo-Silva, Lassance e Soares (2004,) refere-se a ocupação trabalho ofício, sendo que a Classificação Brasileira de Ocupações define como conjunto de postos de trabalhos substancialmente iguais quanto a natureza exigida ou ainda como conjunto articulado de funções, tarefas e operações destinados à obtenção de produtos ou serviço.

Diante do que foi descrito, qual seria a terminologia correta e qual o termo mais utilizado científica e informalmente?

Melo-Silva, Lassance e Soares (2004) esclarecem que, no senso comum, a orientação vocacional é mais utilizada sobretudo nas intervenções no campo da Psicologia, neste aspecto, Leite (2019) afirma não existir consenso entre os autores que usam orientação vocacional, profissional ou ocupacional tendo cada um suas razões e que, na atualidade, um grande grupo prefere usar o termo orientação profissional, com intuito de evitar a palavra “vocacional” que traz o sentido de chamado divino, e que configura determinismo, com sendo algo que já nasce com a pessoa.

Com o intuito de se definir no presente estudo a terminologia e o conceito a ser utilizado, recorre-se as ideias de Leite (2015) sobre a ideia de vocação como chamado divino, de força interior comungando desde os anos de 1970 até hoje. Vocação passa a ser entendida como os chamados internos e externos individuais e socioculturais e, aquele que se sente o chamado combina dados a decidir, quem quer ser, como quer ser, o que fazer e como fazer.

Tendo presente as mudanças no mundo contemporâneo, a globalização, a veiculação das informações cada vez com mais rapidez, também a Orientação Vocacional se vê desafiada a buscar novas alternativas no trabalho do Acompanhamento Vocacional e partir desta demanda. Spaccaquerche (2005, p. 64) formula a proposta de um programa de Orientação Vocacional online, assim a autora define como:

Programa Orientação Profissional online (OP online) - está fundamentado na abordagem clínica, integrando especialmente ideias de Bohoslavsky (1977), e na concepção desenvolvimental de Ginzberg (1966), que considera a escolha profissional

um processo contínuo na vida do indivíduo. O eixo principal da proposta de Bohoslavsky é considerar o jovem como capaz de fazer sua escolha profissional. Ao propor a abordagem clínica contrapondo à atuarial, ele devolve ao jovem sua capacidade de reflexão, de liberdade de escolha e consequente responsabilidade pela mesma. O papel do psicólogo é auxiliá-lo na percepção de si mesmo, orientá-lo quanto às informações sobre as profissões, e encaminhá-lo na construção de critérios para sua escolha profissional (SPACCAQUERCHE, 2005, p. 64).

A partir do exposto sobre a proposta de Orientação Profissional online fica claro que não há uma diferença do que é realizado em na Orientação Profissional presencial, mas sua essência é preservada com possibilidade de atingir um número maior de pessoas sempre preservando sua função.

Tendo discorrido sobre os diversos conceitos da OV cabe no contexto assinalar como fica a questão no âmbito da VRC. O projeto de Animação Vocacional da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) Sul 2 sugere que o Serviço De Animação Vocacional tem como foco a pessoa que deseja descobrir o projeto que Deus tem para ela bem como a todo cristão na sua escolha vocacional cristã apostólica por meio de uma fé madura que manifeste sua adesão ao serviço ministerial das atividades da igreja o que sugere que é um serviço estendido a toda igreja e não só na vocação específica. Ampliando esta perspectiva Gomes e Lisboa (2015), expondo de forma específica sobre a vocação a VRC sublinham que esta diz respeito a uma vocação pessoal em que a pessoa pode dar significado e sentido à própria existência, os autores ressaltam ainda que definem vocação como a visão que impulsiona a pessoa a fazer algo em prol do próximo, fazendo a diferença segundo a inspiração em Jesus Cristo.

A vocação à vida religiosa difere da escolha de uma profissão no sentido que a pessoa faz opção de consagrar a Deus se colocando a serviço dos irmãos, isso implica em viver uma vida de entrega exclusiva no serviço ao próximo na gratuidade a Deus e aos irmãos e com regras diferenciadas como assinalam Gomes e Lisboa (2015). Assim sendo, neste estudo será utilizado a nomenclatura Acompanhamento Vocacional no sentido de aplicá-la à Vida Religiosa.

1.3. ASPECTOS HISTÓRICOS DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL

Para trazer os aspectos histórico da Orientação vocacional/profissional é importante ter presente a questão do trabalho que é uma realidade humana e neste sentido Bohoslavsky (1993) no início de sua obra clássica “Orientação Vocacional – A estrutura clínica citando Huarte San. Juan de 1575 traz presente a questão do engenhar-se. Sua teoria entendia que os vários engenhos eram herdados de pais para filhos e eram os pais que se encarregavam de ver as habilidades dos filhos para que eles pudessem se ajustar socialmente. Neiva (2013), na mesma direção de pensamento sublinhando que nos primórdios quem determinava as ocupações eram os clãs, castas, famílias ou posições sociais.

Carvalho (1995) traz presente que Platão na obra “A república”, a partir de uma visão grega ideal argumenta que determinadas pessoas têm mais habilidades para determinado tipo de tarefa e diz ainda que em Roma Cícero analisava a diferença das pessoas a partir de seus talentos e dos diversos trabalhos que existiam, já realçando necessidade de adequação das pessoas às ocupações.

Ainda falando das concepções de trabalho, Leite (2015) inicia a questão trazendo a terminologia labor e faz a distinção entre trabalho e labor, assim, assinala que os serviços feitos na rotina da casa para suprir as necessidades dos familiares fazia parte do labor, bem como o ofício dos artífices e daqueles que empregavam muita força no que faziam. Era denominado trabalho as atividades realizadas fora das casas das famílias.

É importante dar destaque ao trabalho dentro do contexto histórico devido ao profundo significado do trabalho dentro da realidade humana e nesta perspectiva Leite (2015) sinaliza que o trabalho é inerente ao ser humano e que sem trabalho a pessoa se dissolve, não só pela falta de dinheiro, mas pelo sentimento de fracasso e humilhação de depender de favores alheios e não poder por si prover-se. A supracitada autora explicita ainda que o trabalho é importante não só por prover sustento, mas ajusta a pessoa dando função social, vinculando-a vida já que a pessoa só se sente fazendo parte da vida trabalhando.

É importante situar-se frente a realidade do trabalho, da ocupação ou labor pois é diante desta realidade que a orientação Vocacional/Ocupacional vai despontar ou se fazer necessária, pois a mesma surge frente a uma realidade e a uma demanda da possibilidade de escolha, da busca de realizar aquilo com que se identifica.

No que tange as origens da Orientação Vocacional/Profissional Ribeiro e Melo-Silva (2011) abordam os primórdios da “Orientação” e do “fazer escolhas”. Para os autores no caso da “Orientação” tanto a ideia como a prática sempre foram objeto de preocupação ao longo da

história da humanidade, configurada como ajuda de alguém mais experiente para ajudar resolver problemas, questões, busca de conselho e/ou fazer escolhas. Os autores colocam ainda que desde a Pré-história já era necessário a ajuda mútua para sobrevivência, na Antiga Grécia os mestres acompanhavam o desenvolvimento dos discípulos, descobrindo talentos e indicando caminhos, na Idade Média era a Religião com seus sacerdotes que orientavam os seguidores, como na família os pais orientavam os filhos e os mestres de ofícios ensinavam e orientavam os jovens artesãos.

Ribeiro e Melo-Silva (2011) também mencionam os primórdios do “ato de fazer escolhas” pontuando que desde a Pré-história tempo em que a sobrevivência era um desafio, pois cada dia era vivido como único as decisões ou escolhas eram em torno da sobrevivência e determinavam a continuidade da vida das pessoas, por isso deveriam ser bem refletidas. Assinalam que na Grécia antiga as determinações partiam dos deuses cabendo as pessoas os seguir. Na Grécia Clássica acreditavam que dominando a natureza pela reflexão conseguiriam determinar o futuro para seus escolhidos, porque os outros já tinham seu futuro predeterminado como nobre, soldado ou servo. Sublinham que na Idade Média é a religião que vai determinar as escolhas a partir da fé e no Renascimento surge a possibilidade de resgate da subjetividade que trouxe a oportunidade de a pessoa poder assumir a vida e optar por si o que lhe aprouver.

Leite (2015) numa perspectiva mais histórica, citando Silva (1991), coloca os fatores que contribuíram para o surgimento da Orientação Vocacional/Profissional, assim pontua que as mudanças do modo de produção que eram feitas de forma artesanal e cooperativa, cujos ofícios eram monopólio guardado em segredo pelas corporações e, o com o advento do desenvolvimento tecnológico necessita-se do trabalho humano. O segundo ponto são as doutrinas liberais dos sec. XVII e XVIII que com seus ideais de liberdade, revoltam-se contra os privilégios e estruturas das corporações o que contribuiu para ascensão de Burguesia com a livre iniciativa e acúmulo de lucro. Por fim, o terceiro ponto, que é justo se mencionar e se ter em conta é o desenvolvimento da Psicologia no século XIX sobretudo a partir dos instrumentos de medidas mentais que trouxe estrutura teórica e técnica para o estabelecimento da Orientação Vocacional como disciplina científica.

Neiva (2013), quando escreve sobre a história da Psicologia Vocacional, e traz como ponto relevante para seu surgimento o século XIX com o aumento do processo da industrialização bem como a expansão comercial que possibilitou novas formas de trabalhos, ocupações, ofícios que levaram proporcionar oportunidade de escolher entre as modalidades que eram oferecidas naquele momento.

Neiva (2013) pontua que Psicologia Vocacional tem seu primeiro escritório de Orientação Profissional, instado em Munique – Alemanha, em 1902 e que outros escritórios deste tipo foram abertos em outros países como na França em 1906, Suíça em 1916, Inglaterra em 1920 e outros. A autora também argumenta que na América Latina o Brasil e a Argentina foram os pioneiros nesta área e destaca no Brasil o professor Roberto Manage com o trabalho de Orientação Vocacional no Liceu de Artes e Ofícios em 1931 e na Argentina a fundação do Instituto de Orientação Profissional no Museu Social Argentino em 1925.

Ribeiro e Melo-Silva (2011) ressaltam que Super (1953) introduziu a expressão “Desenvolvimento Vocacional” para enfatizar a ideia de que a escolha profissional não é um evento, e sim, um processo longo e complexo, trabalho este que foi revisado e expandido e apresentado no livro “Desenvolvimento de carreira” que marcou um novo ciclo de estudos e posições na Orientação Profissional. Lima, Uvaldo e Dias (2018) sinalizam que na América do Sul, Bohoslavsky representa a corrente de Orientação Vocacional/Profissional de enfoque psicanalítico que propunha que os problemas vocacionais devem ser entendidos como problemas de personalidade, uma vez que a identidade vocacional é parte da identidade do sujeito.

No que diz respeito à Orientação Vocacional no Brasil, Carvalho (1995) cita que em 1931 foi criado por Lourenço Filho o primeiro serviço de Orientação Profissional no Serviço de Educação do Estado de São Paulo, trabalho este que mais tarde teve prosseguimento no Instituto de Educação da Universidade São Paulo. Carvalho (1995) descreve também várias iniciativas criadas a partir de serviços públicos com denominação de Orientação Profissional, porém mais no sentido de ensino de profissões ou seleção de pessoas. Ressalta que a Orientação Profissional em nível de ensino superior junto à seleção profissional surgiu como disciplina do curso de Psicologia proposto após a promulgação da federal 4.119 em 1992. Em 1962, a Psicologia foi instituída como profissão em território nacional, sendo que a partir daí foi surgindo o movimento de orientação vocacional em consultórios particulares ligados a clínica.

Sparta (2003) escrevendo sobre o desenvolvimento da Orientação Vocacional na realidade brasileira resalta que em 1993 durante um Simpósio de Orientação Vocacional foi fundada a Associação Brasileira de Orientação Vocacional (ABPO) com o objetivo de unificação e desenvolvimento da Orientação Vocacional no Brasil. Ainda buscando trazer dados históricos, Neiva (2013) comenta que a Psicologia Vocacional pode ser dividida em duas partes, a primeira entre 1900 e 1950 dominado pela psicometria com a produção de muitos testes para medir rigorosamente aptidões interesses e escolhas com o intuito de colocar a

pessoa certa no lugar certo e a segunda a partir de 1950 até da atualidade quando surgiram várias teorias abordando novas interpretações do problema da escolha profissional.

Diante da visão geral evidenciada pelos aspectos históricos da OV cabe no contexto trazer alguns elementos para contextualizar a trajetória do Acompanhamento Vocacional na Igreja Católica a partir das contribuições de Claudemir (2010) que assinala que o Acompanhamento Vocacional até a década de 70 o trabalho vocacional era na linha da mobilização grupos que tinham a função de rezar e angariar fundos para manutenção dos seminários masculinos. Existia um trabalho de recrutamento de crianças e adolescentes nas famílias rurais que na época eram numerosas, geralmente eram as famílias mais pobres da classe média

Claudemir (2010) ressalta que após o concílio Vaticano II que foi um grande movimento de renovação da Igreja durante os anos de 1963 a 1965 e levou a Igreja a repensar várias áreas de sua atuação e o Acompanhamento Vocacional não ficou fora, assim após muitas reflexões que causaram crise diante do modelo adotado até o momento, é neste contexto de profunda reflexão que entre os anos de 1964-1967 acontecem Encontros Brasileiros da Pastoral Vocacional, promovidos pelo Secretariado Nacional de Vocações da CNBB, e um Encontro Latino-Americano sobre teologia da Vocação. Nesse mesmo período foi fundado o Instituto Superior de Pastoral Vocacional (ISPAV). Nesta perspectiva, Claudemir (2010) aponta que a reflexão desse período juntamente com ampliação da visão sugeria pelos citados encontros levou à tomada de consciência das limitações da forma de acompanhamento vocacional praticado até aquele momento a partir daí uma nova reflexão acerca do acompanhamento desponta no sentido de ajudar. A pessoa na descoberta de sua vocação na igreja em que são chamados a descobrir seu lugar na edificação da comunidade cristã.

Claudemir (2010) pontua ainda que a partir dessa reflexão, a nova Pastoral Vocacional orienta-se no sentido de ajudar o adolescente ou jovens na descoberta, em primeiro lugar, da “vocação cristã”, em que todos os batizados são chamados a descobrir sua missão e participar da edificação da comunidade cristã.

1.4. ELEMENTOS ESSENCIAIS DO ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL

Após relacionar os conceitos e definições de Orientação Vocacional/Profissional, conforme apresentado no capítulo anterior, faz-se importante discriminar os elementos essenciais do Acompanhamento Vocacional. São eles: o Processo de Escolha, o Autoconhecimento, a Construção de uma Identidade Vocacional e o Discernimento.

No contexto do Acompanhamento Vocacional, um primeiro elemento a ser trazido dentro da Vocacional/Profissional é o **processo de escolha**, sendo que, fazer escolhas, optar, tomar decisões, é uma possibilidade inata do ser humano e, neste sentido, Grun (2014) argumenta que o ser humano é, por natureza, decisão; e que ele não só se decide continuamente, mas que forma sua natureza histórica através da decisão, sendo livre para decidir-se e, apoiando-se em Soren Kierkegaard, traz presente que a pessoa decide sobre si em sua história e marca sua história com suas decisões.

Neste mesmo contexto, Neiva (2013) fala da escolha profissional como processo explicitando que, ao longo da vida, várias decisões profissionais são tomadas e que estas impactam não só a carreira, mas também na vida, pois escolher uma carreira não é apenas decidir o que fazer, mas o que ser, no sentido de que, escolher uma carreira é decidir um estilo de vida, um modo de viver. Leite (2019), ao abordar a questão da escolha, ressalta que a escolha da profissão tem a ver com dar sentido a própria vida, assim sua abordagem está atenta na escolha da profissão e para isso analisa a pessoa em sua realidade interna e externa, atenta ao conflito dominante, sendo seu foco a forma como se escolhe, para assim ajudar a pessoa a realizar opções maduras e conquistar seu lugar na sociedade.

É possível observar que a questão da escolha é ampla, indo muito além da seleção de uma profissão, mas abrangendo toda vida de uma pessoa. Neste sentido, Ribeiro e Melo-Silva (2011) acentuam que ao longo do tempo a questão da escolha sempre foi o foco predominante na Acompanhamento Vocacional, mas que na atualidade este foco deveria se voltar para o projeto de vida da pessoa e os planos de ação por envolver processos contínuos de escolhas que a vida traz.

A questão da escolha, pontuada pelos autores fundamenta o objetivo deste trabalho voltado para a Vocação à Vida Religiosa Consagrada (VRC), no sentido de que não se orienta para uma profissão, mas também para opção por um estilo de vida e que se deve ajudar a pessoa para que esta opção seja feita de forma consciente madura e responsável.

O segundo aspecto, está relacionado ao processo de escolha que diz respeito ao **Autoconhecimento**, ou seja, a importância do conhecer-se e conhecer a realidade em que se

vive. Neiva (2013) especifica que é essencial o autoconhecimento e afirma que só assim a pessoa pode optar pelo o que fazer e como fazer, enfatiza ainda que o autoconhecimento possibilita o desenvolvimento do autoconceito que vai contribuindo na integração da personalidade.

Ainda referente ao autoconhecimento, Acuna (2021) argumentando sobre o Acompanhamento Vocacional e citando os estudos de Super e Bohn (1980), ressalta que esta é uma prática que vai além da escolha da profissão, mas que estimula a pessoa a se conhecer melhor na relação consigo é com a realidade em que vive ou o contexto sociocultural e para estes, isto implica na qualidade de vida. Acuna (2021) traz também contribuições de Dessen, Costa e Áderson (2005) que defendem que a Orientação Vocacional cumpre seu papel quando leva a pessoa a refletir sobre si analisando suas características, explorando sua personalidade aprendendo a escolher e como abordar as situações conflitivas. Acuna 2021 cita ainda Bock (2014), argumentando que o trabalho da Acompanhamento Vocacional deve ser feito em etapas: a primeira voltada para o autoconhecimento para que a pessoa reconheça quem é, os seus interesses, modos de ser, ansiedades e perspectivas relativas a si, de forma que estes elementos possam ser refletidos e analisados para favorecer o processo de escolher e a construção do projeto de vida. A segunda, voltada para reflexão do sistema vigente na sociedade capitalista, e/ou neoliberalista, do mundo do trabalho e das profissões, também buscando informações sobre a realidade acadêmica, como vestibular e entrada no mundo acadêmico. E a terceira, para desenvolvimento do projeto de vida a curto, médio e logo prazo etapa em que o orientador trabalha os elementos das etapas procurando ajudar o orientando a traçar estratégias para construção do projeto de vida.

Andrade, Meira e Vasconcelos (2000), citando Bock e Aguiar (1995), ressaltam que na esfera do autoconhecimento o Acompanhamento Vocacional deve promover condições e estratégias para que a pessoa identifique suas aptidões, interesse e características de sua personalidade.

O terceiro aspecto a ser colocado em realce é a Construção **da Identidade** dentro do processo de Acompanhamento Vocacional, ou seja, esta é uma das tarefas mais relevantes e ajudar a pessoa a construir uma identidade vocacional. Nessa linha, Leite (2015) traz as contribuições de Bohoslavsky que preconiza que quando o jovem faz a opção pela carreira que quer seguir, ele já construiu uma identidade ocupacional que é a auto percepção dos papéis ao longo do tempo que está apoiada num determinado num contexto histórico-social que se desdobra na contínua interação entre fatores internos e externos da pessoa. Neiva (2013) argumenta que o processo de identidade vocacional-ocupacional é parte do processo de

identidade pessoal e que o processo de escolha implica na construção da identidade profissional/ocupacional que seria a definição do que fazer, como fazer, compreendendo o porquê e para que da opção. Levenfus e Soares (2010) assinalam que na atualidade o Acompanhamento Vocacional tem um novo papel auxiliar no desenvolvimento de uma identidade mais introjetada, ajudando a pessoa ter senso de continuidade, de inteireza frente à sociedade que leva a fragmentação, com capacidade de pensar de forma coesa numa continuidade temporal tendo presente e passado, presente e futuro.

Cencini (1999 p. 6) explicita que a história pessoal é o campo onde se pode reconhecer, concretamente, aquilo que a pessoa é, bem como o que deseja tornar-se, seus sonhos e projetos e argumenta ainda que “a história pessoal é o primeiro critério de discernimento de uma vocação para o acompanhado em questão” (CENCINI, 1999, p.7).

Ao fazer referência à questão da identidade no Acompanhamento Vocacional implicitamente vem a baila a questão da identificação na escolha vocacional como um processo que tem a ver com a história familiar. Assim, Levenfus (1997) a partir dos estudos da Psicanálise diz que o desenvolvimento da pessoa se dão a partir da identificação ou imitação dos modelos que tem significado e que este é um processo que se inicia desde a relação mãe e filho, quando esta se oferece como fonte de nutrição contribuindo para que a criança vá incorporando a sua figura bem como como a realidade que a rodeia. Neste contexto entra também a figura paterna vai sendo incorporada pela criança precedendo suas futuras identificações. A autora pontua também a importância das figuras parentais nos primeiros anos de vida por estas constituírem a base das identificações para formação da personalidade. Ao escrever sobre identidade Leite (2015) cita os estudos de Erickson, que situa a construção da identidade no centro do ser humano bem como da cultura coletiva e esta identidade vai evoluindo num processo gradual a partir de sucessivas sínteses e ressínteses ou elaborações do eu na infância e nesse processo algumas identificações são incorporadas e outras descartadas ou repudiadas.

Abordando a questão da identidade, Neiva (2013, p.39) defende que a escolha pressupõe a construção de uma identidade vocacional que leva a pessoa a definir o que quer fazer, a forma e onde, bem como contribui para a tomada de consciência do porquê de sua decisão. Nesse mesmo contexto traz presente as identificações estabelecidas ao longo da vida auxiliando para identidade tanto pessoal como ocupacional.

A respeito da identidade ocupacional, Carvalho (1995) ressalta que, segundo Erickson (1972), esta não se forma abstratamente, mas a partir de conhecimentos reais ou de percepções fantasiosas. O exemplo é de um jovem que quer ser um engenheiro, ele já tem uma referência

concreta do tipo de engenheiro que pretende ser. Assim, o outro está sempre presente na escolha profissional, seja por meio de modelos e identificações, seja por meio das relações interpessoais, estabelecidas, ou no contexto social mais amplo. Lima, Uvaldo e Dias (2018) abordando a questão da identidade no mundo hipermoderno, explicitam que a formação da identidade se por meio de um processo de autorreflexão, com pouco comparecimento das estruturas extrínsecas do eu, não porque estas desapareceram, mas por estas terem se fragilizado ou mudado, aqui está se falando de família, escola, grupos sociais.

Por último, o quarto elemento a ser destacado dentro do processo do Acompanhamento Vocacional é o **Discernimento**, visto que estamos lidando com a pessoa que está no processo de opção pela VRC. Para abordar a questão do discernimento o dicionário Sacconi (1999) que define como: ver ou distinguir perfeitamente, discriminar, conhecer perfeitamente, perceber claramente. Na mesma linha, Passos (2021) esclarece que a palavra discernimento é composta do termo latino *discernere* significando dividir, separar, decidir e pelo termo *mentum* significando meio e instrumento assim pode-se dizer que discernimento é a faculdade, de escolher, de emitir juízo sobre determinada questão. O autor compreende ainda que a possibilidade de leitura de uma realidade humana pode ser sempre considerada um ato de discernimento realizado com critério teórico e com opção metodológica, nesta perspectiva, interpretar é a práxis de discernir sobre alguma coisa elaborando uma explanação cabível e coerente.

Interessa também, em conformidade com o presente estudo, a área espiritual que a conceitua como processo de investigação da origem de determinado estímulo espiritual. É visto como bom senso. Nesta mesma perspectiva, a revista online IHU (outubro, 2018) comenta sobre o “*discernir*” a partir da etimologia da palavra enfatizando como já foi dito que deriva do latim e é composta por “*cernere*” que diz respeito a ver com clareza, fazer distinção e que a precedência por “dis” supõe o “entre”, assim, discernir significa ver claramente entre, distinguir, bem como discernir e fazer observação atenta, optando, separando. A revista ressalta ainda que o discernimento é uma atividade processual de conhecimento realizada através de verificação vigilante e de experiência, cuidados que orientem a vida marcada por limites e desafios da novidade do não conhecer.

Neste prisma, Dominguez (2010, p. 23) apresenta o discernimento como ato de distinguir, discriminar, compreender e definir para assim fazer escolhas, tomar decisões e argumenta também que o discernimento engloba a análise e avaliação da realidade tanto interior como exterior para opções eficazes.

O Papa Francisco aborda com muita profundidade e propriedade em uma catequese sobre o discernimento apresentando este como “um exercício de inteligência, também de perícia e inclusive de vontade, para reconhecer o momento favorável: são estas as condições para fazer uma boa escolha. É preciso inteligência, perícia e também vontade para fazer uma boa escolha” (PAPA FRANCISCO, agosto, 2022). É muito elucidativo o Papa Francisco apresentar o discernimento como um exercício inteligente que demanda a cognição, o conhecimento, o pensar sobre, bem como o protagonismo da pessoa que deve se debruçar sobre o processo da escolha e ir aprendendo a compreender, a examinar a si, as condições e o momento oportuno para uma opção satisfatória.

Imoda (2002) tratando do processo de acompanhamento Vocacional argumenta que discernir as motivações da pessoa seria buscar compreender a pessoa no seu todo, indo além de comportamentos externos buscando os possíveis fatores internos ou as motivações intrínsecas com objetivo de oferecer ajuda necessária no processo de Acompanhamento. Imoda (2002) sinaliza também que o discernimento deveria seria uma atitude primordial na cotidianidade no sentido de a pessoa estar atenta a identificar em qualquer situação o que convém, sendo que o discernimento comporta a capacidade de compreensão da diversidade de elementos propostos pela experiência.

Costa (2019, p. 21-22) sugere que o discernimento na etapa de Acompanhamento Vocacional deve estimular a pessoa que está no processo a mergulhar em sua interioridade em busca do sentido de sua vocação e, nesta experiência, irá se deparar com suas potencialidades, mas também com seus limites e desafios. O autor sublinha questões que não podem faltar no discernimento, dentre elas o não se prender só no que é qualidade Vocacional da pessoa em processo, mas estar atento às motivações, ao que o que realmente leva a pessoa a buscar a VRC, assim, demarca a importância de conhecer a pessoa que está no processo, a história, a família, a cultura. Diz também que se as motivações se mostrem imaturas, egocêntricas e cristalizadas sem a possibilidade de mudanças sugere orientar a pessoa a não optar por este estilo de vida. O autor sugere também diante da complexidade do Acompanhamento Vocacional que este seja realizado com uma equipe multidisciplinar com o acompanhante vocacional, a família, com psicólogo, com acompanhante espiritual. Costa (2019, p. 22-23) traz um elemento essencial dentro do processo do discernimento que é dar tempo para que a pessoa em processo viva a experiência do aprofundamento do autoconhecimento, da experiência de Deus e das pessoas envolvidas ou não no processo.

1.5. MOTIVAÇÕES E SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO DO ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL NA VRC

No que diz respeito à escolha vocacional na perspectiva da Igreja católica esta concebe que a pessoa tem uma gama de possibilidades que são as diversas formas de se viver este chamado, assim a pessoa pode fazer opção para ser padre, para ser religioso(a), para ser um leigo engajado no serviço da Igreja, além de poder ser um cristão no mundo que com seu profissionalismo, com seu trabalho comprometido faz o Reino de Deus acontecer contribuindo para tornar o mundo um lugar melhor. Neste prisma Imoda (2002) sugere ter presente que neste universo existe a pessoa com todas as suas potencialidades, possibilidades, reservas e limitações para responder a esta proposta e são justamente as reservas e limitações que podem condicionar ou levar a uma resposta que não esteja em consonância com suas reais possibilidades e pode acontecer da pessoa não ter consciência dessas limitações. Imoda (2002) evidencia ainda que no processo do acompanhamento vocacional a pessoa traz em seu interior um universo ou uma gama de questões, muitas vezes desconhecida por si, mas, que a orientam dinamizando suas ações, sua vida suas buscas, atividades, opções bem como a forma como se posiciona no mundo.

Ao se falar da complexidade da pessoa parece oportuno ressaltar a subjetividade que Baldissera (2015, p. 12) compreende como recursos interiores de pensamentos e sentimentos, ou seja, o campo emocional e racional, sobretudo, a emocionalidade que incide sobre a maneira de ser da pessoa, individuando-a das demais. O autor argumenta ainda que a subjetividade se manifesta na maneira como a pessoa lida consigo, com o mundo e como se relaciona, também a forma como lida com as próprias emoções e a forma como as expressa ou as reprime. O grifo da pesquisadora, neste âmbito, é que a subjetividade engloba também a forma como a pessoa se desenvolveu ou como se deu a história, o contexto em que foi educada pois no “...processo de constituição da imagem e subjetividade de um sujeito, como referência inicial em sua vida, a família aparece como a primeira instituição formadora de costumes, hábitos e subjetividade” (BOAVENTURA; COLOMBO; DRUGG, 2017, p. 2). Essa é a questão relevante no acompanhamento vocacional para entrada na VRC, visto que cada candidato traz a singularidade desenvolvida através da história vivida. Quando se ressalta a necessidade de tomar em conta a subjetividade do candidato para que possa dar uma resposta mais eficiente, tem se presente a importância de ter acesso às próprias questões, a própria interioridade ou, como ressaltam Andrade e Junior (2007 p. 2), o conhecer-se é um fator determinante para tomada de decisão e o autoconhecimento engloba o conhecimento dos valores, interesses, habilidades, as expectativas influências familiares, pode-se acrescentar a forma como viveu as

relações no âmbito familiar. Também é importante sublinhar que a vivência familiar tem influência ou pode influenciar a pessoa que está em processo de acompanhamento vocacional, o que ela quer para sua vida, o que faz para conseguir o que quer e como faz escolhas em sua trajetória. Nesta perceptiva Levenfus (2004, p. 124) sublinha que é no aspecto interno da família que se estrutura a personalidade vocacional da pessoa.

Cabe trazer à baila a questão das motivações que dão direcionamento ao processo de tomada de decisão e também a manutenção da decisão tomada. Assim, é importante conceituar motivações. As Cavalcante, Barbosa e Estender (2015 p. 4) que, citando Pieron (1972), definem motivações como um aspecto da psique que impele, estimula a pessoa realizar determinada ação, objetivos ou metas sendo que pode ser consciente ou não. Complementando, Levenfus (2004, p. 24) sublinha que as motivações podem ser conscientes e inconscientes e podem impelir a pessoa a uma opção, a um posicionamento na vida e se pode aqui apontar a interface com a subjetividade. Neste aspecto, falando de, Santos e Henriques (2020 p. 4) argumentam que esta pode ser “considerada uma pressão interna surgida de uma necessidade guiando e mantendo a conduta até que alguma meta ou objetivo seja atingido. Os motivos são energizadores que dinamizam as atitudes”.

Vilela (2010, p. 13) assinala que no campo do Acompanhamento Vocacional é relevante a busca da compreensão das forças que impulsionam os diversos aspectos do comportamento da pessoa que se colocam no processo de escolha. Neste sentido quando se tem presente a vocação para VRC será primordial ter em consideração os fatores motivadores para esta escolha, o que está levando a pessoa a escolher este estilo de vida, pois muitas vezes a pessoa traz motivos subjacentes. Neiva (2013 p. 39) traz um esclarecimento para a questão quando salienta que a pessoa conhece o que lhe interessa, mas não conhece as origens desses interesses, assim a escolha vocacional tem motivações conscientes e inconscientes.

No campo das motivações alguns buscam este estilo de vida para obtenção de status, a necessidade de estar em evidência, conquista de prestígio, já que uma religiosa, um religioso, um padre podem ocupar posições de evidência e influência. De certa forma, oferece um nível de vida privilegiado e neste sentido Transferetti, Millen e Zacharias (2018, p. 14) pontuam que existe o perigo dos vocacionados caírem no esquecimento da proposta do evangelho de Jesus Cristo, votando-se para si mesmos, para suas propostas e projetos. Outro aspecto é a questão da subjetividade no que diz respeito a como transcorreu a história da pessoa e acontece muitas vezes de a pessoa vocacionada trazer uma história conflitiva, conturbada e/ou precária, afetivamente, e poderá fazer opção pela VRC como busca de compensação, ou seja, a possibilidade de obter tudo aquilo que faltou, tanto no sentido material como afetivo. Falando

no sentido material é que a Vida Religiosa possibilita oportunidades que fora dela seria bem difícil como por exemplo estar à frente de uma paróquia, de uma escola, de uma universidade, um projeto social em fim de poder liderar tantas coisas, sem contar que os vocacionados do sexo masculinos só estudam e recebem uma mesada, coisa que fora muitos não teriam.

No sentido afetivo, a formação acontece num espaço especial todo pensado para possibilitar o desabrochar da pessoa em todas as suas dimensões oferecendo alguém que acompanhe pessoalmente que é o formador, ou formadora, com a possibilidade de estar num grupo ou comunidade, existe a possibilidade de acompanhamento espiritual e ou psicológico em muitos casos, sem falar do estudo formal, muitas vezes até o doutorado, estudo de línguas e outros estudos e cursos que venham a agregar na vida e missão, pois a proposta de tudo isso é “levar a pessoa a amar e valorizar a sua origem e não assumir um estilo de vida distante dela devendo ser uma experiência de reconhecimento de sua própria história” (TRANSFERETTI; MILLEN; ZACHARIAS, 2018 p. 14). O que aqui se evidencia é que a escolha pode se dar por motivações compensatórias ou necessidades, neste sentido Tombini (2014 p. 12) reportando-se as circunstâncias que acompanham a motivação sinaliza que esta sugere a ligação da pessoa a alguém ou algo sendo resultado de necessidades. Nesta perspectiva, os autores Transferetti, Millen e Zacharias (2018, p. 12) que argumentam sobre preocupação da busca da VRC motivada pela satisfação das necessidades e que o acompanhamento formativo deve estar atento a isso:

“O processo formativo deve, também, formar pessoas capazes de lidar e se comportar com naturalidade e sabedoria diante das diferenças; de usar com liberdade e temperança os bens materiais e as redes sociais digitais; de construir um estilo de vida que testemunhe a opção feita pelo próprio Cristo, que se fez pobre para enriquecer (2 Cor 8, 9); de não se perder por causa dos desejos de consumismos, de gostos exacerbados por vestes luxuosas e carros de luxo, da dependência da internet e das redes sociais, do apego aos bens materiais” (TRANSFERETTI; MILLEN; ZACHARIAS, 2018, p. 12).

Daí a importância de um acompanhamento vocacional que esteja atento à pessoa como um todo, tendo presente não só a dimensão espiritual, mas também as demais e nesse trabalho intenciona-se realçar a questão da subjetividade e das motivações. Nesta mesma linha, Imoda (2002, p. 11) realça a importância do discernimento das disposições que motivam a pessoa que sente chamada a este estilo de vida afim de procurar compreendê-la com mais profundidade e não se deter apenas nos comportamentos visíveis para assim oferecer a ajuda apropriada.

É nesta perspectiva que deve ser encaminhado o acompanhamento de uma pessoa que busca a VRC, pois assim, a pessoa que se coloca neste processo terá uma visão clara sobre si, sobre sua subjetividade e sobre o que move sua busca por este projeto de vida.

1.6. ASPECTOS DO ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL

No capítulo anterior abordou-se a questão das motivações e subjetividade no contexto do acompanhamento vocacional na VRC, a finalidade deste estudo é construir um itinerário de Acompanhamento Vocacional aplicada ao contexto da VRC com foco em acompanhar as pessoas que desejam ingressar na VRC e, por isso, necessitam de auxílio para que, ao cumprir esse caminho, seja possível uma escolha mais consciente e coerente com sua condição. É importante ressaltar que denominar-se-á essa modalidade de orientação vocacional aplicada ao contexto da vida religiosa de “acompanhamento vocacional”.

Nesta mesma linha, Cencini (1994) entende ser uma ajuda qualificada, temporária, instrumental de um religioso com mais tempo e experiência dada a uma pessoa que manifesta o desejo de discernir sobre sua opção para VRC, não sendo um estilo amizade ou coleguismo, mas uma relação que se inspira nas relações de modelo operativo da identificação projetiva, vejamos:

Processo através do qual o mundo subjetivo do indivíduo (sentimentos, projetos, imagem de si, dificuldades etc.) é transmitido a outra pessoa (ou projetada sobre ela) à qual o reelabora a luz de precisos critérios e depois o restitui ao sujeito de forma modificada para que ele volte a se apropriar. Enquanto instrumento de mudança do jovem que está em busca da sua vocação ou em formação, a identificação projetiva pode ser definida como aquele processo mediante o qual o jovem se liberta de alguns aspectos do próprio eu “depositando-os” (projetando-os) em outra pessoa, para depois se reapropriar daquilo que se libertara antes, mas agora em versão modificada, ou seja, corrigida, evangelizada, descobrindo aí a sua nova identidade (CENCINI, 1994, p. 55).

O autor supracitado salienta que este modelo de relação requer a disponibilidade para operar inicialmente como uma tela projetiva que acolhe a realidade da pessoa em acompanhamento, com capacidade de reelaborar essa realidade à luz de critérios objetivos, provocando na pessoa o desejo de se reapropriar de forma nova de sua realidade ou de sua identidade vocacional mais consciente e ressignificada. Neste campo, Neiva (2013) acredita que o acompanhante tem como objetivo principal auxiliar o acompanhado na elaboração de própria identidade vocacional, mobilizando sua capacidade fazer a opção de forma autônoma. A autora entende que, neste processo, o acompanhante tem papel ativo atuando como um facilitador acompanhando quem se coloca no processo em seu caminho de reflexão e esclarecimentos auxiliando assim que elabora gradativamente seu projeto vocacional.

Ainda no que diz respeito ao processo de acompanhamento, alguns aspectos nos estudos de Levenfus (1997), podem ser adequados ao nosso contexto entre eles, a empatia que inclui afetos por identificação controlada de forma personalizada com cada acompanhante. A

distância adequada procurando o equilíbrio entre o colocar-se no lugar do acompanhante, sentir com ele, sem se confundir com ele. Que o acompanhante tenha reconhecimento por sua forma de pensar respeitando o outro no caso, o acompanhado, em sua forma de ser autônomo aceitando suas contradições e limites. Que em sua relação de acompanhante não seja diretivo e não imponha as pautas, mas que proponha atividades informativas e tarefas que julgue ser pertinente no processo.

Andrade, Meira e Vasconcelos (2002) argumentam, que o acompanhamento vocacional deve não só auxiliar no processo de escolha, mas também ajudar a se conhecerem melhor como pessoas que vivem num contexto social, econômico e cultural, e deve também intervir na cotidianidade oferecendo aparato para adaptação nos desafios da vida. Calvi *et al.* (2021) entendem que o acompanhamento vocacional é realizado para criar oportunidade ao acompanhado, de investigar criticamente suas reais possibilidades de opção vocacional e que o orientador nesse processo deve ter claro esse protagonismo, contribuindo na ampliação das possibilidades para uma escolha crítica.

Abordando o Acompanhamento Vocacional, Spaccaquerche (2005, p. 63) defende que este desenvolve a habilidade de reflexão, de autonomia na escolha e, conseqüentemente, de responsabilidade pela opção feita. Argumenta ainda que o acompanhante tem função de auxiliar o acompanhado na percepção de si, orientando-o em relação às informações sobre as diversas possibilidades e ocupações, encaminhando-o na elaboração de critérios para sua escolha. Lisboa (1988) sugere que o Acompanhamento Vocacional é um instrumento que facilita a opção por uma ocupação para uns e para uma *re-escolha* para outros, expõe ainda que não basta orientar somente orientar para a descoberta de si, mas também observar e conhecer a realidade.

Costa (2010), tratando sobre a atuação da acompanhante vocacional, acredita que este deve atuar em todos os níveis, proporcionando informações sobre a realidade da escolha, contribuindo para o autoconhecimento bem como para construção de um projeto de vida por parte de quem se coloca no processo. Costa (2010) citando Jenschke (2002), defende que a o Acompanhamento Vocacional deve preparar a pessoa para enfrentar as constantes transformações sociais bem como as suas questões pessoais. A partir dos estudos de Pichon-Rivière e Quiroga (1998, p. 25) Costa (2010) especifica que a Acompanhante Vocacional deve considerar os que acompanha em sua realidade imediata, em suas condições concretas e em sua cotidianidade, postulando, assim, que o Acompanhamento Vocacional deve possibilitar uma escolha que esteja em consonância com o autoconhecimento, com o conhecimento da sua realidade bem como da realidade do que pretende escolher.

Semensato *et al.* (2009) apresentam aspectos significativos do acompanhamento vocacional, apontando a importância de dar relevância ao ambiente do orientando a fim de equipá-lo de competências que facilitem o enfrentamento das demandas ambientais no momento da transferência para a opção feita e assim estimular comportamentos adaptativos. Outro aspecto significativo que os autores ressaltam é que o orientador em sua função não deve desmerecer os valores que a pessoa em processo dá aos diversos aspectos de sua vida. Semensato *et al.* (2009, p. 31) aponta ainda que o processo de acompanhamento precisa levar o orientando a se questionar verificando quais são seus sonhos, procurando distinguir o que está cristalizado em sua vida e na sua história, distinguindo o que pode ser compreendido como novo ou transitório. Por fim, Semensato *et al.* (2009, p. 33) citando Soares e Silva (2001) aponta que o objetivo do Acompanhamento Vocacional deve ser estimular quem é acompanhado identificar suas características, conhecer as possíveis ocupações, contribuindo também o desenvolvimento da mesma enquanto pessoa, a fim de proporcionar o amadurecimento de sua personalidade, indagando-se sobre sua história pessoal, sobre suas atitudes e crenças adquiridas.

Algumas reflexões de Vitório (2008) sobre acompanhamento propõem que quem acompanha deve ter flexibilidade pelo fato de as pessoas em acompanhamento serem diferentes, sugerindo assim um acompanhamento personalizado. Expõe ainda que o acompanhante deve estar atento para não se envolver afetivamente, causando confusão na interpretação do seu papel que é o de acompanhante. Pontua a importância da paciência com o processo do orientando. Vitório (2008) assinala ainda que o acompanhante deve ser uma pessoa de profunda humanidade que busque proximidade, seja compreensivo e com capacidade de diálogo e sobretudo com capacidade de estar em constante auto avaliação, visando o aprimoramento da sua função e ser uma pessoa comprometida com a auto formação em vista de um crescimento contínuo.

É necessário apontar dois aspectos que Manenti (1993) destaca sobre o acompanhamento vocacional e que contribuem para um acompanhamento diferenciado. Primeiro se refere a **qualidade da escuta**, afirmando que o acompanhante deve ser capaz de escutar procurando captar a realidade pessoal mais profunda de quem é acompanhado. O segundo aspecto é que o acompanhante seja capaz de **trabalhar-se aceitando-se de maneira geral**, inclusive os próprios limites, renunciando à onipotência e vaidades a respeito de si, não achando que já está pronto não tendo mais nada para crescer, estar em constante crescimento buscando aprimorar-se sobretudo no que diz respeito ao acompanhamento.

Neste contexto, é importante trazer as contribuições de Muller (1988) que aborda a questão do acompanhamento vocacional no âmbito educacional, e nesta perspectiva, propõe o

método clínico-operativo que supõe que o acompanhante coloque sua personalidade ou o que se é no processo da orientação, sugerindo assim que a personalidade do acompanhante torne-se um importante instrumento na tarefa do acompanhamento, visto que este se propõe a oferecer aos acompanhantes espaço e tempo para manifestar suas inquietações, dificuldades e problemas, acompanhando-os nas reflexões dando esclarecimentos afim de que por si mesmos eles vão delineando seu projeto vocacional, aclarando as possibilidades de escolhas, identificando os obstáculos que atravancam a tomada de decisão ou o processo da escolha.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

A dimensão subjetiva é um fator essencial na decisão consciente na escolha vocacional da VRC?

3. HIPÓTESE

A dimensão subjetiva presente no processo de escolha vocacional para a VRC promove uma decisão mais consciente.

4. OBJETIVOS

4.1.OBJETIVOS GERAIS

- a) Descrever e analisar o processo de Orientação Vocacional aplicado aos candidatos a VRC.
- b) Propor um itinerário de Orientação Vocacional que contemple a dimensão subjetiva dos candidatos visando uma escolha consciente pela VRC.

4.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever o processo de Orientação Vocacional aplicado aos candidatos a VCR;
- b) Levantar estratégias para orientação vocacional que contemplem a dimensão subjetiva desse processo.

5. MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de corte transversal e de natureza mista, ou seja, quanti e qualitativa. Foi realizada com os formadores (pessoas que fazem o acompanhamento vocacional dos candidatos à VRC) com o intuito de compreender como é realizado o processo de discernimento vocacional, visando a construção de uma proposta de OV específica para VRC.

5.1. PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com 57 formadores-amostra diversificada nacional. Trata-se de mulheres e homens adultos (idade mínima de 25 anos), que atuam no acompanhamento das pessoas que participam do processo de discernimento vocacional para ingresso na Vida Religiosa Consagrada.

5.2. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Foram incluídos na mostra os formadores que atuam nas congregações, que estão diretamente envolvidos no trabalho de orientação do discernimento vocacional dos candidatos a VRC. Participaram da pesquisa os que assinalaram o “ACEITE” no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A), uma vez que o mesmo foi apresentado no formato *on line*.

5.2. CRITÉRIOS EXCLUSÃO

Foram excluídos da amostra aqueles formadores que não assinalaram o “ACEITE” do TCLE ou que não tiveram disponibilidade para participar da coleta dos dados. Também foram excluídos da amostra os formadores que não foram designados ou não atuavam no acompanharem do processo de discernimento vocacional dos candidatos à VRC.

5.4. LOCAL

Os participantes da pesquisa são os formadores, ou seja, pessoas que fazem o acompanhamento dos candidatos a Vida Religiosa Consagrada das diversas instituições da Vida Consagrada que atuam em todo Brasil. Especificamente sobre o local para a coleta de dados da pesquisa foi o ambiente virtual, a plataforma *Google Forms*.

5.5. INSTRUMENTOS

5.5.1. Questionário com os formadores (*on line*)

Na primeira fase da pesquisa foi utilizado um questionário estruturado com questões de múltipla escolha que, segundo Silva *et al* (1997) “seria uma forma organizada e previamente

estruturada de coletar na população pesquisada informações adicionais e complementares sobre determinado assunto sobre o qual já se detém certo grau de domínio” (p. 410).

O Questionário proposto foi composto por 13 perguntas, contendo de 6 a 7 alternativas, bem como alternativas de “sim” ou “não” para escolha dos participantes. Ao final, a última pergunta foi de natureza dissertativa e descritiva, possibilitando ao participante uma comunicação mais livre. Este Questionário foi elaborado pela própria autora visando conhecer a realidade enfrentada cotidianamente pelos formadores da VRC. Encontra-se no Anexo B.

5.5.2. Grupo Focal

O Grupo Focal é uma estratégia que Gondim (2002), citando Morgan (2003 p. 151) define como técnica utilizada em pesquisa para discutir assuntos que o pesquisador sugere, com o objetivo de compreender as percepções, entendimentos e representações de determinado grupo sobre o tema abordado.

Dentre a totalidade dos 57 formadores submetidos ao Questionário, foram convidados aleatoriamente 15 que participaram do Grupo Focal visando esclarecimento, aprofundamento e confirmação para o que foi levantado na tabulação do Questionário (1ª. Etapa). No Grupo Focal os participantes tiveram mais espaço para se expressarem de forma mais ampla sobre o modelo que utilizam para o acompanhamento vocacional bem como as dificuldades enfrentadas no mesmo. Os disparadores do Grupo Focal foram extraídos dos resultados quantitativos obtidos a partir do Questionário (1ª. Etapa).

5.6. PROCEDIMENTOS

5.6.1. Procedimentos para coleta de dados

A pesquisa teve um delineamento metodológico subdividido em etapas, conforme apresenta-se a seguir. É importante destacar que a coleta de dados teve início apenas após a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética de Pesquisa da UNISANTOS, como observa-se no Parecer Consubstanciado Número: 5.059.136 e CAAE 52269721.1.0000.5536 (Anexo E).

Após clicarem no “ACEITE” registrando sua concordância com o TCLE, os participantes tiveram acesso ao *link* contendo o Questionário que foi respondido. Caso não clicassem na aceitação do TCLE (Anexo A), não teriam o acesso ao *link*.

1ª. Etapa da pesquisa:

A primeira etapa da pesquisa consistiu na aplicação do Questionário (Anexo B) nos formadores (N 57); por meio da plataforma *Google Forms*. O tempo de duração para responder ao Questionário foi de aproximadamente 5 a 10 minutos.

2ª. Etapa da pesquisa:

Foram convidados aleatoriamente 15 participantes para integrarem um Grupo Focal, que ocorreu *on line*, a partir da plataforma *Google Meet*. O convite foi feito via *WhatsApp* a todos os 50 participantes, sendo que os 15 primeiros que responderam aceitando o convite, compuseram o grupo. Foi realizado um encontro onde se procurou-se esgotar o assunto no horário proposto de duas horas e meia de encontro.

No Grupo Focal foi oferecido aos participantes da pesquisa mais espaço para se colocarem de forma mais ampla, para expressarem sentimentos que emergiram ao responder as questões e também apresentarem propostas para formulação de subsídios para a OV na VRC.

5.6.2. Procedimentos para análise dos dados:

Para a **1ª. Etapa**, ou seja, os resultados do Questionário, as respostas foram sistematizadas de modo descritivo em frequências absoluta (*fa*) e frequência relativa (*fr*).

Já para a **2ª. Etapa**, a análise dos dados foi qualitativa utilizando a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2010) que orienta para a necessidade de três fases necessárias: 1) pré-análise, 2) exploração do material, e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Justifica-se o uso desse procedimento para análise proposto por Bardin, pois permite uma análise detalhada e completa como o próprio autor sinaliza:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 44).

Os dados obtidos na primeira e na segunda etapa serão articulados de modo a levantar os subsídios para a construção de um modelo de OV especificamente destinado ao ingresso na VRC. E, por fim, a pesquisa visa apresentar esse modelo de OV, enquanto produto do estudo.

5.6.3. Sobre o produto técnico

Proposição de um modelo de OV para a VRC

A partir da análise integrada dos resultados do questionário e do desenvolvimento do grupo focal foi construída uma proposta de Orientação Vocacional para VRC que contemple a dimensão subjetiva desse processo.

6. ASPECTOS ÉTICOS

Para garantir que a pesquisa foi desenvolvida dentro dos princípios éticos, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Santos, e apenas foi realizada após este procedimento. Assim, pode-se dizer que esta foi elaborada para primar pela proteção e bem-estar dos participantes.

6.1. RISCOS

A participação na pesquisa não ofereceu nenhum risco, sendo possível ocorrer algum cansaço físico em função de responder aos instrumentos ou mesmo em participar dos encontros grupais. Não é previsto, mas caso ocorresse algum desgaste ou mobilização emocional do participante e foi garantido o respaldo profissional da pesquisadora, que é psicóloga devidamente credenciada para o exercício dessa finalidade (Edilamar da Glória Martins – CRP 06/84872).

6.2. BENEFÍCIOS

Os Formadores da Vida Religiosa Consagrada que participaram da pesquisa contribuíram para o avanço científico na área da Orientação Vocacional no âmbito da Vida Religiosa Consagrada. Também favoreceram a criação de um produto técnico final que vise estratégias de Orientação Vocacional específicas para este estilo de vida.

7. RESULTADOS

Para introduzir a apresentação dos resultados da pesquisa discute-se alguns pontos abordados por Muller (1988, p.81), referente a Orientação Vocacional Institucional na Vida Religiosa Consagrada que é uma instituição, sendo que, neste sentido, comenta que, ao inserir do trabalho de Orientação Vocacional em uma instituição deve se ter presente que a mesma reflete o seu jeito de ser, sua cultura interna com seus valores, normas, contradições bem como sua visão de mundo e que esta é condicionada pelo grupo mais amplo que sintetiza o modo com suas peculiaridades e o reproduz na sociedade em que está estabelecida (MULLER, 1988, p.81). A presente pesquisa foi realizada na Conferência dos Religiosos do Brasil Regional de São Paulo (CRB-SP), instituição que reúne e congrega as várias outras congregações com intuito de oferecer formação, atualização e motivar reflexões frente aos desafios dos tempos atuais. É importante esclarecer que cada congregação é autônoma e tem sua cultura e concepções internas, desse modo, destaca-se a diversidade expressa neste trabalho.

A proposta da pesquisa com o questionário semiestruturado foi apresentada em um minicurso da professora Doutora Hilda Rosa Capelão Avoglia na Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e segundo a mesma Conferência estavam presentes 85 pessoas, sendo que 78 eram religiosas do sexo feminino e 7 eram religiosos do sexo masculino. No questionário não havia nenhuma especificação de sexo, idade ou outra exigência, mas remetia diretamente as referentes perguntas caso a pessoa aceitasse participar. A meta da pesquisa era que 50 religiosos respondessem a pesquisa, tivemos 57 respondentes. Os resultados são apresentados a seguir;

Tabela 1 - Meio pelo qual se inicia o processo de acompanhamento

1 - Como se inicia o processo de acompanhamento dos/das jovens que procuram a Vida religiosa		
Consagrada:	Fa	Fr %
Conversas	40	70%
Redes Sociais	4	7%
Visita familiar	4	7%
Busca de antecedentes	0	-
Carta recomendação	1	2%
Conversa com pároco	1	2%
Participação de encontros presenciais	1	2%
Jovem procura a comunidade religiosas	3	5%
Outros	3	5%
Total	57	100%

Esta pergunta apresenta qual o meio que funciona como porta de entrada do relacionamento a ser estabelecido entre os formadores e formandos. Os resultados apontam um elemento importante pois, 70 % iniciam o processo com a conversa, o que indica a busca de uma relação mais próxima com mais possibilidade de assertividade no conhecimento da pessoa que busca a VRC.

Tabela 2 – Responsável pelo acompanhamento dos jovens

2 - Quem é responsável pelo acompanhamento das jovens que iniciaram o processo de aproximação com a Vida Religiosa Consagrada?		
	Fa	Fr
Animador e/ou Promotor Vocacional Provincial	29	51%
Religioso(a) da comunidade mais próxima da residência do(a) jovem	26	46%
Leigo integrante da equipe vocacional próximo à residência do(a) jovem	0	-
Pároco	0	-
Diretor Espiritual	0	-
Provincial	0	-
Outro. Qual?	2	4%
Total	57	100%

A responsabilidade de acompanhar a pessoa que procura a VRC que é parte fundamental da pesquisa indica que existe alguém específico e fixo que vai realizar este acompanhamento, assim 50,8% elegem um animador vocacional, que é a pessoa que irá cuidar de tudo o que diz respeito da área vocacional de uma congregação, principalmente o relacionamento com o candidato(a). É significativo também que 51% optam por um (a) religioso (a) da comunidade onde acontece a busca da entrada na VRC. Isso demonstra que há um esforço de realizar o acompanhamento de forma próxima com pessoas que possam contribuir no processo. Para a pesquisa indica, inicialmente, a necessidade de capacitar essas pessoas que atuam no acompanhamento, oferecendo subsídios que possam ajudar a realizar um acompanhamento mais profundo, possibilitando atingir a subjetividade dos que buscam a VRC.

Tabela 3 – Forma de acompanhamento dos/as jovens

3 - Como se dá o acompanhamento das jovens?	Fa	Fr %
Acompanhamento pessoal feito pelo referente provincial	12	21%
Cada comunidade tem um religioso e/ou religiosa referente para o acompanhamento pessoal dos(as) jovens	35	61%
Por meio da convivência em grupo	3	5%
Os(as) jovens residem nas comunidades religiosas por um período determinado antes de iniciar a etapa formativa	4	7%
Visita às famílias	2	4%
Visitas às paróquias e/ou comunidades que os candidatos(as) participam	1	2%
Testes psicológicos, <i>coachings</i> e vocacionais	0	-
Total	57	100%

Esta questão reforça que o acompanhamento é feito de forma próxima pelo fato de 61% assinalarem que cada comunidade tem uma pessoa referente para realizar o processo. Verifica-se também o elevado percentual (fr 21%) dos que tem como acompanhante o provincial, que é o nome que se dá à pessoa que reponde pela gestão da instituição como um todo, sendo este o responsável por acompanhar de forma geral os religiosos. Diante das atribuições do provincial é possível supor que seja uma pessoa com grandes ocupações o que dificultaria em termos de qualidade o referido acompanhamento ao que deseja ingressar na VRC.

Outro dado importante nesta questão é a alternativa, “*Testes Psicológicos, Coach...*” esta aponta que nenhum dos formadores se utiliza de instrumentos da área da Psicologia, reforçando as dificuldades em se aproximarem de dados mais subjetivos por parte dos formadores, ou seja, revela que no processo de Acompanhamento não são utilizados instrumentos que ajudem e trazer dados da dimensão subjetiva.

Tabela 4 - Momentos de participação dos jovens na missão da VRC

4 - São proporcionados momentos dos (das) jovens participarem da missão da Vida Religiosa Consagrada? (Justifique em "Outra")	Fa	Fr %
Sim	55	96%
Não	0	-
Outra	2	4%
Total	57	100%

Acompanhamento vocacional proporciona momentos de participação na missão da congregação para ver se a pessoa se identifica com o que a congregação faz, visto que cada congregação realiza uma tarefa concreta na sociedade. Este deve ser um momento importante tanto para a congregação que pode ver o quanto aquela pessoa poderá se engajar na missão, quanto para quem está em acompanhamento, pois poderá ver se é isso que quer para sua vida, pois é o lado da prática cotidiana.

Tabela 5 - Experiências dos missionários e/ou voluntários

5 - É proporcionado aos (as) candidatos(as) experiências missionárias e/ou voluntariado?	Fa	Fr %
Sim	49	86%
Não	7	12%
Outra	1	2%
Total	57	100%

Ao proporcionar experiências práticas na área do voluntariado e na área da missão, o acompanhante pode perceber o nível de engajamento da pessoa acompanhada, porque pode falar que quer atuar, mas na realidade não se compromete.

Tabela 6 - Momentos de convivência dos jovens nas comunidades religiosas

6 - É proporcionado momentos de convivência dos(as) jovens com as comunidades religiosas?	Fa	Fr %
Sim	54	95%
Não	0	-
Outra	3	5%
Total	57	100%

Fazer encontros com a pessoa acompanhada é algo formal em que muitas vezes a pessoa se contém mostrando só o que é solicitado ou o que convém, pois no momento do encontro, irá realizar as tarefas propostas, porém quando é proporcionado momentos de convivência tem se a possibilidade de ver um pouco da dinâmica da pessoa, ou seja, como a pessoa é na prática.

Tabela 7 - Presença de encontros vocacionais para grupos de jovens

7 - São organizados encontros vocacionais para grupos de jovens vocacionadas(os)?	Fa	Fr %
Sim	54	95%
Não	2	4%
Outra	1	2%
Total	57	100%

Proporcionar encontro entre os que são acompanhados individualmente é uma estratégia importante por ser uma possibilidade de ver a pessoa no grupo.

Tabela 8 - Existência de material sistematizado para o acompanhamento dos jovens

8 - Existe algum material sistematizado para o acompanhamento dos(as) jovens?	Fa	Fr %
Sim	43	75%
Não	12	21%
Outra	2	4%
Total	57	100%

Esta pergunta traz informações acerca da existência de material sistematizado, visto que a pesquisa busca descrever como é realizado o acompanhamento, assim temos um grupo expressivo de (fr 75%) que já tem um material organizado para realização do acompanhamento.

Tabela 9 - Tempo de duração do acompanhamento

9 - Qual o tempo de duração do acompanhamento realizado com aos jovens?	Fa	Fr %
1 semana	0	-
3 meses	0	-
6 meses	1	2%
9 meses	1	2%
1 ano	16	28%
Durante toda a etapa formativa	39	68%
Não há acompanhamento	0	-
Total	57	100%

Esta pergunta se refere ao tempo de acompanhamento, um fator importante desse processo, pois esta pesquisa está interessada na dimensão subjetiva e neste sentido sabe-se que esta exige tempo, paciência e as alternativas mais assinaladas ilustram essa compreensão, pois 68% entendem que a pessoa não é acompanhada só para entrar e ressalta que a pessoa que se sente vocacionada a VRC deve ser acompanhada durante todo processo de formação. Os 28% entendem a importância de um bom tempo para o acompanhamento da entrada assim assinalam um ano.

Tabela 10 - Áreas contempladas no acompanhamento

10 - Marque as áreas contempladas no acompanhamento dos jovens que desejam se consagrar a Deus.	Fa	Fr %
Desejo de se consagrar a Deus	11	19%
Seguimento a Jesus Cristo	20	35%
Carisma Congregacional	2	4%
Espiritualidade	1	2%
Participação na comunidade paroquial e/ou de vida	0	-
Autoconhecimento	1	2%
Afetividade e Sexualidade	0	-
Dons e habilidades	0	-
Catequese	1	2%
Projeto de Vida	5	9%
Outra	16	28%
Total	57	100%

Esta pergunta é de fundamental importância para pesquisa para vermos as áreas contempladas no acompanhamento que é realizado assim é justo que 35% contemplam o seguimento de Jesus visto que este o fator essencial. Assim como quem assinalou o desejo de consagração com 19%. Um dado significativo para a pesquisa é que apenas 2% incluem a área do autoconhecimento que é um fator relevante na subjetividade. Esse dado reforça a nossa ideia da importância de propor um itinerário que contemple a dimensão subjetiva.

Tabela 11 - Processo de discernimento para jovens no ingresso a VRC

11 - Existe algum processo de acompanhamento para os candidatos que estão fazendo o discernimento para entrada na Vida Religiosa Consagrada.	Fa	Fr %
Sim	51	89%
Não	3	5%
Outra	3	5%
Total	57	100%

Esta pergunta parecer ser sem sentido, mas é importante perguntar por que pode ser que alguma congregação simplesmente convide a pessoa para entrar sem fazer nenhum processo, neste sentido os resultados são bons pois 89% tem alguma forma de acompanhamento e somente 5% não tem nenhuma forma de acompanhamento.

Tabela 12 - Como se realiza o processo de discernimento

12 - De que maneira você descreve como é realizado o processo de discernimento?	Fa	Fr %
Presencial	14	25%
Online	0	-
Híbrido, ou seja, das duas formas	38	67%
Não existe acompanhamento	0	-
Outra	5	9%
Total	57	100%

Esta pergunta ajuda no entendimento de como é a relação que se estabelece com quem deseja fazer o processo de acompanhamento, assim 67% optaram pela forma híbrida

caracterizando a situação do momento que era o tempo de pandemia e apenas 25% optaram pelo presencial o que é possível de entender.

Tabela 13 - Estratégias, recursos e ferramentas usadas no processo de acompanhamento vocacional

13 - Que estratégias, recursos e/ou ferramentas são usadas nesse processo?	Fa	Fr %
Entrevistas individuais	25	44%
Entrevistas grupais	0	-
Fichas de atividades da Congregação	12	21%
Avaliação psicológica	0	-
Acompanhamento espiritual	3	5%
Encontros frequentes com grupos maiores	2	4%
Outra	15	26%
Total	57	100%

No que diz respeito às estratégias é significativo para a pesquisa ver que a estratégia mais usadas é a entrevista individual com um percentual de 44%, sinalizando que existe a possibilidade um contato mais próximo o que possibilita oportunidade de trabalhar a área da subjetividade, daí a importância da elaboração de um instrumento que contemple esta área.

Resultados da 2ª Etapa: Análise do grupo focal

É importante assinalar que para composição do grupo focal foi seguida a proposta do projeto que propunha que entre o total de participantes da primeira fase que responderam o questionário semiestruturado, fossem convidados os quinze primeiros que aderissem no dia do encontro compareceram 11 participantes. Assim o grupo focal foi composto por uma população feminina, morando em sua maioria no estado de São Paulo com destaque de três que estavam na Itália em lugares diferentes.

O grupo focal foi analisado a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin que segundo Sousa e Santos (2020) descreve como conjunto de método e procedimentos para análise de diferentes estilos de conteúdos verbais ou não verbais por meio da sistematização de métodos utilizados em uma análise de dados. Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021) afirmam que a análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa utilizada com o objetivo de analisar, de descrever todo tipo de comunicações utilizadas nas pesquisas qualitativas, explicitam ainda que

esta auxilia na reinterpretação de comunicações possibilitando a compreensão dos significados em um nível que vai além da leitura comum.

Segundo Sousa e Santos (2020) a Análise de Conteúdo formulada por Bardin está estruturada em três fases sendo a primeira a pré-análises que se constitui de leitura flutuante, escolha dos documentos, (re)formulação de objetivos, hipótese e formulação de indicadores; a segunda fase a exploração do material no momento em que se criam as categorias e pôr fim a terceira que é o tratamento dos resultados que é a interpretação dos resultados.

Tendo presente as orientações preconizadas na Análise de Conteúdo proposta por Bardin conforme os autores citados acima, a segunda etapa da pesquisa foi a realização do grupo focal com os quinze primeiros participantes da primeira etapa, ou seja, dos que responderam o questionário semiestruturado. Confirmaram presença doze pessoas, porém só onze apareceram para participar do grupo.

Vejamos como a análise de conteúdo ficou estruturada:

A primeira categoria: Como acontece o acompanhamento vocacional, traz presente os discursos que especificam como as instituições realizam o processo de acompanhamento.

A segunda categoria: Questões dos que buscam o acompanhamento vocacional. Esta categoria aborda as questões dos que buscam o Acompanhamento Vocacional: Ao falar como é realizado o acompanhamento, foram emergindo as questões dos que buscam a VRC, assim esta categoria visa identificar e analisar as dificuldades trazida pelos que buscam a VRC.

Terceira categoria: Os desafios do acompanhamento na VRC: Esta categoria visa trazer presente os desafios que se apresentam no processo de acompanhamento das pessoas que buscam a VRC.

A quarta categoria: As sugestões para o Acompanhamento Vocacional: O cunho desta categoria foi envolver os participantes na busca por novas formas ou melhores alternativas para que o acompanhamento possa contemplar de forma mais efetiva a dimensão subjetiva dos que buscam a VRC.

Quadro 3 - Categorias analisadas

Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3	Categoria 4
-------------	-------------	-------------	-------------

COMO ACONTECE O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL (AV)	QUESTÕES DOS QUE BUSCAM AV	DESAFIOS DO AV	SUGESTÕES PARA O PROCESSO AV
<p>- ... quando adentram no autoconhecimento e começam a acessar a história, descobrem um pouco de suas questões, tomam contato com as motivações, com o porquê, que realmente estão aqui, porque escolheram esta vida, parecem que se decepcionam. Depois fazer a segunda opção pela Vida religiosa, se reestruturar dentro processo de formação, é um desafio.</p> <p>- ... quando descobrem as reais motivações, como por exemplo, que vieram por medo do casamento. Fazer depois uma nova opção é um caminho ainda um pouco difícil, ou bem difícil mesmo. Reestruturar esse novo modo de você sentir, de viver a vida religiosa, de viver o seu chamado.</p> <p>- ... Assim fazemos todo o processo de acompanhamento e, primeiramente, é o conhecer de onde a jovem vem, de que lugar, de que família e isso se dá com visitas para o conhecimento da jovem, dentro do convívio familiar, do convívio paroquial, no contexto de igreja que participa, que atua. Feito este primeiro passo do conhecimento, iniciamos o processo de acompanhamento vocacional. Aí procuramos ajudar a jovem no processo de</p>	<p>- ... é próprio da época, os jovens começam uma coisa e desistem e não saber exatamente o que querem.</p> <p>- E fazer o discernimento, é outro desafio porque às vezes não sabem exatamente o que querem.</p> <p>- ...as jovens estão muito abertas a esse autoconhecimento. Há também esse grande interesse da parte delas, de se conhecerem e sem saber se realmente aqui é o lugar delas.</p> <p>- Dentro deste contexto, vemos que é um desafio para a jovem estar dentro da vida religiosa, estar num outro contexto familiar ou se adaptar a uma família religiosa.</p> <p>- é importante ajudar a jovem ver o que quer (O que eu quero?) A pessoa quer ser religiosa, não é? Então, muitas vezes eu, na minha experiência, eu encontrei muitos casos, de pessoas que têm muita dificuldade com a identidade sexual.</p> <p>- E no caso do chamado, a parte mais objetiva é se</p>	<p>...o pré postulante no qual fazemos o acompanhamento dentro, ou seja, a jovem entra na VRC, e aí está um momento bem delicado do acompanhamento: a jovem sai de casa e entra para o convívio dentro da congregação. Como ajudar a fazer esse corte do cordão umbilical, para fazer com autonomia sua opção?</p> <p>- Hoje a questão das redes sociais, as dificuldades da família, fazer o acompanhamento é um processo minucioso, ter presente a individualidade, respeitando o caminhar de cada uma.</p> <p>- a Vida religiosa não é um mar de rosas, e que também nós temos os nossos defeitos e somos uma comunidade de irmãs que buscamos viver bem nossa entrega a Deus. Não somos perfeitas, estamos em busca de sermos cada dia melhores e é esse o caminho que vamos fazendo</p>	<p>- Um aspecto que eu penso e acredito que precisa melhorar é não focalizar no acompanhamento na vida consagrada. Parece contraditório, mas acompanhar a pessoa para que ela se encontre na vida e dentro do projeto de Deus que é amor, mas não focalizar para nenhuma estrutura. Não Enquadrar a pessoa. Eu vejo que isso atrapalha muito o discernimento.</p> <p>- Quero sublinhar sobre a questão também da escuta atenta dessas jovens, um acompanhamento próximo mesmo e não ficar só na formação de conteúdos, mas escutar as jovens e estar presente na vida delas, participando também do que em casa estão fazendo.</p> <p>- E não queimar as etapas, não é achar que já está pronta, então vamos para a próxima etapa. Já venceu o tempo, já está na hora de ir, porque existe também a questão</p>

<p>discernimento, dando possibilidade à jovem para entrar e ver o que realmente ela quer, qual é sua própria opção.</p> <p>- É muito importante ver como Deus aparece na história da pessoa, sua experiência de Deus. Ver a experiência de Deus que a pessoa faz. A experiência da jovem ou do jovem é a sua história real. Como ela é, não como a pessoa imagina, ou idealiza a sua história ou até quer contar. Mas como é a sua história? A história normal, não é? A história desde o nascimento. São as primeiras relações. Ver se aparece a questão Deus, porque quem chama é Deus. Não é a pessoa que quer inventar um ideal ou quer pertencer à vida consagrada ou quer ser uma religiosa.</p> <p>- Eu vejo que na verdade, o acompanhamento é um processo que exige tempo, tempo da jovem confiar na formadora, assim a gente tem que ter uma paciência muito grande.</p> <p>- E assim, eu vi que minha missão naquele momento era ajudar a jovem a encontrar também o seu lugar no mundo, o seu lugar na igreja. Quando uma jovem se deixava acompanhar aceitava fazer o processo, algumas viam que ali não era seu lugar e saíram felizes, claro que na hora era conflitivo mas depois percebiam.</p>	<p>tem Deus que chama, porque às vezes a pessoa quer ser religiosa e já está lá no noviciado, tem uma linguagem religiosa, mas não tem chamado de Deus. Tem um discurso religioso idealizado, mas não tem sinais de chamado.</p> <p>- Dava para perceber que existe um medo de revelar a história para formadora. Talvez pensasse no que falar e se a formadora iria compreender e ajudar.</p> <p>- Existem resistências e a gente tem que ter tempo, porque a pessoa procura passar uma outra imagem.</p> <p>- Portanto, não basta só saber da história. Eu vejo assim, de repente, ela pode relatar a história, mas a ferida está, muito presente nessa história ou na pessoa.</p> <p>- o jeito de ver a mesma, às vezes já mudou. Há coisas que realmente, mudaram. Aí, até que ponto a pessoa tem a consciência de ver realmente o que é a sua história. O que assimilou da sua história? O que</p>	<p>com elas, no dia a dia.</p> <p>- Quem faz questão de dizer que tem vocação para Vida Religiosa, acha que a vocação está clara, está muito clara e tem uma insistência muito grande neste sentido. Por isso, é preciso escutar, escutar a história da pessoa, como a história é, e não com fatos irreais, sem se buscar muito essa questão de ideal de vida, porque idealizar a vida é muito fácil. E todos nós idealizamos bastante e a idealização é uma fuga. Nós sabemos, não é? Uma fuga da realidade. Então, assim escutar, escutar a história da pessoa para mim é fundamental. Ai está a parte subjetiva.</p> <p>- Então, muitas vezes me deparei com essa realidade de escutar a história de uma pessoa e não ver nada de chamado porque não aparece em fatos. E quando perguntava, eu lhe dizia: olhe a sua vida, a sua experiência, tem uma linda busca de Deus. Mas um chamado de Deus não consigo perceber e é difícil, muito difícil isso.</p>	<p>da pressão das pessoas, do peso de pressão que as irmãs da província colocam.</p> <p>- E ressaltou também a importância da questão dessa da integração entre o humano e o Divino não só ficar no humano mas também o Divino.</p> <p>- é no presencial que a gente consegue tocar e perceber, mas concretamente. O quanto é importante retomar também a constância dos encontros tanto o com o grupo e também as conversas pessoais com a pessoa que acompanha.</p> <p>- Mas o grande desafio realmente é quando a jovem entra, porque é aí que vai aparecer aquilo quem é.</p> <p>- a importância de maior conhecimento e dentro do possível fazer visitas na família e também permitir que a jovem tenha essa convivência também conosco.</p> <p>- Por isso vejo como importante essa reciprocidade de conhecer a jovem e seu ambiente familiar e</p>
--	---	--	---

<p>- ... num dos nossos roteiros de acompanhamento on-line para jovens que estão iniciando, uma das perguntas é, descreva pormenorizadamente tudo, desde a sua gestação até agora.</p> <p>- ... o nosso processo de acompanhamento no postulado é de dois anos e, em nossa cabeça vamos criando fantasias, nós criamos imaginações, mas a questão é que a jovem chega com todo um contexto formado e a história, o contexto já da nossa história social, política, econômica, antropológica, tudo isso, é influência.</p> <p>- Tocando devagar, com muito carinho, com muito cuidado e, às vezes a gente não tem a paciência histórica nas etapas, e vamos passando para a próxima etapa. Assim vamos queimando as etapas.</p> <p>- Então, ajudar a jovem, fazer o processo é um desafio muito grande. Requer de nós, formadoras, muito discernimento, o nosso apaixonamento por aquilo que nós abraçamos, que é a vida consagrada é saber, é estar inteiro naquilo que nós abraçamos como religiosas e para ajudar nesse processo.</p> <p>- Então, ajudar a jovem, fazer o processo é um desafio muito grande. Requer de nós, formadoras, muito discernimento, o nosso apaixonamento por aquilo</p>	<p>acolheu da própria história? O que rejeitou da sua história?</p> <p>- O ajudar no sagrado da jovem é esse processo da confiança. Isso é muito sério. A gente pode conseguir que ela tenha essa abertura, mas também não ter confiança e abertura. E como lidar com tudo isso? Também não é tão simples.</p> <p>- Essa questão das motivações, que já foi dito, está sendo partilhada essa questão. O que a pessoa busca? E o que eu percebo também muitas vezes são fugas. Não que a gente precisa ir muito ao fundo de tudo isso.</p> <p>- Quando alguém nos procura para conhecer a nossa congregação, também quando se toca no assunto de fazer um trabalho de autoconhecimento, mostram resistência e não querem.</p> <p>- essas jovens que estão chegando do acompanhamento vocacional a gente percebe uma geração muito sensível, jovens muito frágeis e como alguém falou, vem pronta, vem</p>	<p>- E então, o que eu observei, por exemplo, no segundo ano do postulado, a história delas mudava muito. A versão que contou ou escreveu na primeira vez, no primeiro ano, mudou no segundo ano. Dava para perceber que existe um medo de revelar a história para formadora. Talvez pensasse no que falar e se a formadora iria compreender e ajudar.</p> <p>- Existem casos também, depois dos votos perpétuos. Depois que descobriu que tinha um problema afetivo, que foi passando por todas as etapas de formação e depois e descobriu que realmente não era esse o seu lugar.</p> <p>- É uma coisa que a gente tem que ter é paciência porque tudo depende da maturidade de cada uma. Mas eu vejo que é um processo e que é preciso ter confiança e a gente está para ajudar que ela descubra qual é o lugar, ou o que é que Deus pede a ela para que se realize.</p> <p>a questão da motivação, ou das motivações que as</p>	<p>da jovem nos conhecer numa experiência de alguns dias. Mas é muito importante permitir que ela tenha esse contato para ver como vivemos. Olhar literalmente para nós com qualidades e defeitos. Ter contato com nosso carisma, nossa espiritualidade.</p> <p>- Vejo também a necessidade da gente continuar trabalhando bem como de ajudar com que nossas comunidades estejam em constante trabalho pessoal. Precisamos dialogar ou aperfeiçoar cada vez mais diálogo. Já que nós vamos receber jovens é necessário trabalhar internamente vendo o que precisa ser melhorado.</p> <p>- Uma alternativa hoje são os profissionais que atendam online para suprir um pouco dessa dificuldade.</p> <p>- Eu vejo que hoje em dia dá para tirar o que de bom o online pode oferecer.</p> <p>- Fizemos um encontro convidando várias</p>
--	--	---	---

<p>que nós abraçamos, que é a vida consagrada é saber, é estar inteiro naquilo que nós abraçamos como religiosas e para ajudar nesse processo.</p> <p>- , para nós é muito forte trabalhar a história, mesmo que a jovem já comece lá no acompanhamento, antes de entrar ou no aspirantado, mas nessa etapa do postulante é muito importante rever a história e rezar essa história.</p> <p>- E ainda assim, sinto que por mais que a gente trabalhe um ano no postulante, ainda é pouco esse trabalho com a história, assim precisa continuar ao longo da formação.</p> <p>- ... mas também não deixa de ser uma graça, porque a gente se coloca nesse trabalho junto com a formanda e, automaticamente, vamos trabalhando a nossa história e a nós também. Não estamos prontas.</p> <p>- Então eu percebo, assim que preciso ajudar essas jovens crescer nessa amizade com Deus, nesse autoconhecimento de si. Hoje, temos quatro jovens e três delas já estão fazendo terapia. Então é perceber também essa passagem da família para a comunidade.</p> <p>- . E nós percebemos que toda essa questão de ajudar a jovem a olhar a própria história e acolher a própria vida, o escrever, falar é o que tem nos</p>	<p>com o diploma, vem com profissão e sabe resolver muitas coisas fora. Sabem fazer críticas, mas que não sabem se relacionar entre si que às vezes um pequeno desentendimento já tem uma crise de ansiedade, já ficam numa dificuldade tão grande. Então para mim também esse grande desafio.</p> <p>- Então para mim também esse grande desafio. perceber como que essa geração, como que essas vocacionadas que estão vindo são tão sensíveis emocionalmente. Parece que qualquer coisa vai quebrar, trazem dificuldade na relação.</p> <p>- Da parte da jovem é a abertura, o sair do ideal, de ver a minha família como perfeita, porque o medo de se deparar com a própria fragilidade, com a própria fraqueza, o medo de dar nome, de verbalizar pensando no que vão fazer, o que que vão pensar.</p> <p>- jovens que vêm com um algum problema de estrutura psicológica e o interessantes, que são os que têm mais certeza da vocação,</p>	<p>jovens trazem e também a questão de já chegam prontas e as vezes querem e outras vezes não trabalhar sua história que é sagrada.</p> <p>- processo de acompanhamento no postulante é de dois anos e, em nossa cabeça vamos criando fantasias, nós criamos imaginações, mas a questão é que a jovem chega com todo um contexto formado e a história, o contexto já da nossa história social, política, econômica, antropológica, tudo isso, é influência. Sem contar esses contextos de redes sociais. E a história tem muitas nuances e muitas vezes parece que a pessoa a encoberta e tantas coisas vão tocar esse coração da história. É muito desafiador.</p> <p>- E quando queimamos etapas, às vezes, acontece isso que nós já ouvimos dizer, que chegando o tempo de fazer os votos perpétuos, a jovem falar que a sua caminhada não é essa.</p> <p>- É um desafio que outras pessoas entendam isso, porque a jovem chega e o desejo de todas é que a jovem</p>	<p>congregações religiosas diferentes para partilharem do seu carisma, da sua espiritualidade com todas as vocacionadas. Assim vimos o quanto foi rico.</p> <p>- Isso é positivo, abrir o olhar, abrir o leque das vocacionadas, que vejam as opções são variadas que nos procuram, assim a escolha fica mais ampliada.</p> <p>- E no outro encontro nós tivemos que foi em agosto do ano passado, falando sobre as vocações, vários tipos de vocações. Aí chamamos um casal leigo amigo nosso para partilhar sobre a experiência deles de casamento, também convidamos outros tipos de consagradas. Com a partilha do jovem tivemos algumas vocacionadas que passaram a ver o casamento de forma diferente como uma opção de vida, tendo clareza de que vocação religiosa era uma fuga do casamento.</p> <p>- Não ter não medo de avançar no processo, porque às</p>
--	--	--	---

<p>ajudado muito também na convivência.</p> <p>- Assim temos psicólogos alguns casos com psiquiatras. Vimos também a importância do conhecimento cultural, somos uma congregação pequena mas temos essa interculturalidade então a importância desse processo na aceitação de cultura.</p> <p>- os que percebemos que não têm condições por algum problema estrutura de personalidade. Aí é preciso fazer esse caminho de ajudar a jovem a se perceber e ajudar a ver que sua vocação não é a vida consagrada.</p> <p>- Um aspecto que penso e precisa melhorar é não focalizar o acompanhamento da vida consagrada. Parece contraditório, mas vou explicar. Acompanhar a pessoa para que se encontre na vida, dentro do projeto do amor de Deus, que é infinito e se ela se encontra como pessoa ela vai dar uma resposta coerente seja na vida consagrada ou seja para uma cristã ou casada ou não, mas que seja real, no bem, no amor de Deus.</p> <p>- não apressar os tempos, porque a gente tem muita pressa, até no acompanhamento externo. Essa pressa de chegar em nossa casa quando é necessário acompanhar...</p>	<p>são os que percebemos que não têm condições por algum problema estrutura de personalidade.</p> <p>- ...desafio o da frustração. Às vezes a expectativa da jovem é grande e quando frustrada gera ansiedade.</p> <p>- Tem jovens que giram por vários Institutos.</p>	<p>permaneça, ter muitas vocações, muitas irmãs, mas não adiante ter pessoas que não se sintam felizes e ajustadas.</p> <p>- Eu vejo assim, tanto no trabalho de acompanhamento como depois que a jovem que entra a necessidade de que entre a equipe tenha comunhão, quem acompanha a jovem para a entrada e a equipe de formação que vai acompanhar a jovem depois que entra e que haja também essa comunhão com o Conselho geral ou Governo provincial, no sentido de saber onde se quer chegar ou pelo menos, o objetivo desse acompanhamento, de saber aonde chegar. Ver a importância de trabalhar juntas este lado humano</p> <p>- Hoje em dia, não são muitas vocações que saem, nem às vezes é a questão da vocação em si, mas é a questão desse lado humano mesmo, que às vezes ainda não foi trabalhado.</p> <p>- Então, é um desafio também para a gente que está na formação, que tem horas que nós também, de repente precisamos</p>	<p>vezes a gente fica com aquele receio de deixar a jovem mais um ano na etapa formativa e eu vejo que isso as vezes é uma necessidade que precisa ser enfrentada. Em alguns casos a jovem precisa ficar mais um ano na etapa, seja do aspirantado, seja no postulante sempre no intuito de ajudar a amadurecer no discernimento.</p> <p>- Também é importante levar em consideração a questão partilhada de juntar ao discernimento a possibilidade de ter contato com vários carismas, com outras vocações específicas que podem ajudar nesse processo.</p>
--	---	--	---

<p>- Nossa Congregação procura saber porque a jovem deixou a mesma, por que procurou outro Instituto. Qual foi a experiência que a jovem teve. Conhecer também a família, conhecer a realidade da jovem antes de entrar, é muito importante para ver os sinais de vocação. Ver as reais condições da jovem, é possível.</p> <p>- Ter a objetividade de ajudar a jovem sair da congregação sem se preocupar com o número de irmãs no momento. Cuidar do processo formativo para que amanhã não ocorram dificuldades por causa das falhas na formação e que geram dificuldades no amanhã da Congregação tanto para a jovem como para as comunidades...</p> <p>- Outra questão é a da escuta. Acompanhamento próximo mesmo, não ficar só nos conteúdos. Escutar as jovens, estar presente na vida delas, participar do que elas estão fazendo. Não queimar etapas. Está na hora, já passou o tempo... não queimar etapas e atenção à integração entre o humano e o divino.</p> <p>- ... dar responsabilidade para elas, de enfrentar juntas os desafios de dialogar, de chamar atenção com paciência é elogiar.</p> <p>- ...dar responsabilidade para elas, de enfrentar</p>		<p>desconstruir algumas ideias formadas, pois pensamos de um jeito e de repente surge tanta coisa e você tem que estar aberto ao novo e também ao novo da jovem.</p> <p>- E eu fico imaginando, é uma das minhas preocupações. Como fazer para proporcionar uma ajuda mais profunda para a jovem?</p> <p>- o desafio maior porque entendo o quanto vai fazer bem para a pessoa, pois a ajuda no testemunho, mas a pessoa pode não querer. Não estou me referindo às pessoas que estão entrando, pois estão na formação inicial de aspirantado, postulante, mas as irmãs que já estão mais diante e não conseguem pegar a oportunidade de se trabalhar.</p> <p>- Mas é um desafio quando eu penso assim, que nós temos quatro jovens, hoje na comunidade, suas são vocacionadas, uma é aspirante e a outra postulante. E mesmo que elas estivessem na mesma etapa, para mim, o desafio é</p>	
---	--	---	--

<p>juntas os desafios de dialogar, de chamar atenção com paciência é elogiar...</p> <p>- Ajudar a discernir na história da pessoa onde estão os desejos dela que podem ser escondidos e podem ser conscientes. E como está a busca de Deus na vida. Ajudar a confrontar esse nível.</p> <p>- Eu vejo uma grande necessidade a questão da convivência e a nossa congregação estabeleceu que a jovem que quer conhecer a nossa congregação faça primeiro um período de experiência para ter esse tempo de experiência, de convivência conosco, que pode ser de três a seis meses para ver realmente se é esse caminho que deseja seguir assim esse processo já integra essa questão do humano e do espiritual.</p>		<p>que a medida de uma, não é a medida para a outra.</p> <p>- E assim como eu também sou nova na formação, então, para mim, em alguns momentos eu vejo a formação mesmo como esse desafio, mas um desafio positivo que primeiro me faz sair de mim, me desconstruir para construir e, ao mesmo tempo ajudar essas jovens a se abrir para Deus.</p> <p>- Um grande desafio nosso, institucional, que nós somos um instituto novo, então temos muitos desafios. Um entre eles, é a formação das próprias irmãs</p> <p>- Temos buscado a escola de formadores e mais leituras e estudos mas, mesmo assim nós percebemos como é difícil, ter uma irmã que acompanhe, que ajude nesse processo, de ajudar as jovens que nos buscam e as formandas a encontrar sua verdadeira motivação, a entrar na história e trabalhar história. Não só ouvir a jovem e não só passar de etapa mas</p>	
--	--	---	--

		<p>ajudá-la a se trabalhar.</p> <p>- Então isso é um grande desafio nosso, é tentar fortalecer as próprias irmãs, as próprias formadoras, para que fazendo um bom processo pessoal, possam ajudar as próprias irmãs e formandas.</p> <p>- desafio que temos hoje é com o tempo, pois nós temos um ano de aspirantado, dois anos de postulado e dois anos de noviciado. E às vezes, parece que todo esse tempo formativo ainda é pouco, e temos problemas como as irmãs como já acabaram de falar.</p> <p>- . perceber como que essa geração, como que essas vocacionadas que estão vindo são tão sensíveis emocionalmente. Parece que qualquer coisa vai quebrar, trazem dificuldade na relação, no trato. Esse é um grande desafio que eu estou tocando aqui.</p> <p>- Outro desafio que encontramos hoje é da jovem querer assumir compromissos permanentes ou de</p>	
--	--	---	--

		<p>longo prazo embora já entrem com mais conhecimento, mais preparação intelectual, profissional, trazem consigo também grandes fragilidades na área afetivas.</p> <p>- Tem também o desafio de saber trabalhar com as novas gerações. À medida que também vamos envelhecendo, vai se tornando difícil o trabalho com as novas gerações.</p> <p>- Sim, então acho que cada vez mais é desafiante a questão de estrutura, de família, de tantas outras questões.</p> <p>- Estou aprendendo e também em relação a outros países onde nós estamos e aí entra o desafio da interculturalidade, compreender o outro que vem de uma outra família, de uma outra realidade, com outra educação e outra forma de compreender a fé.</p> <p>- Um desafio para vida consagrada será no acolhimento e no trabalho dos jovens que vem de famílias homossexuais, dois pais, duas mães e tantas outras realidades na área</p>	
--	--	--	--

		<p>da identidade sexual.</p> <p>- A questão da ansiedade é muito gritante hoje, na sociedade também. Pra mim é uma inquietação, porque a fragilidade nos jovens é sentida e é difícil pra gente que tem que lidar com tudo isso.</p> <p>O que às vezes me inquieta, não é o acompanhamento psicológico, mas, o psiquiátrico que muitos jovens estão necessitam mesmo e essa inquietação não dá para descartar. Como trabalhar isso?</p> <p>- Os jovens que chegam para nós, são sofridos e muitos já sofreram abusos ficando neles essa marca, e nós, recebendo esses tesouros.</p> <p>- E além desses, vejo como desafio o da frustração. Às vezes a expectativa da jovem é grande e quando frustrada gera ansiedade.</p> <p>- Estava pensando se o maior desafio é o de acompanhar ou de ser acompanhante... se eu não me deixo acompanhar continuamente é muito difícil acompanhar.</p>	
--	--	--	--

		- E nós chegamos à conclusão em nossa Congregação que a maior dificuldade nossa é a formação permanente. Devemos continuar o caminho de amadurecimento pela vida.	
--	--	---	--

7.1. COMO ACONTECE O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL

A primeira categoria: *Como acontece o acompanhamento vocacional*, traz presente os discursos que especificam como as instituições realizam o processo de acompanhamento,

No que se refere a esta categoria, observa-se que um aspecto que aparece com muita ênfase nas colocações do grupo focal é o quanto é necessário o **autoconhecimento** no processo de escolha, como mostra a colocação: “[...]quando adentram no autoconhecimento e começam a acessar a história, descobrem um pouco de suas questões, tomam contato com as motivações, com o porquê, que realmente estão aqui, porque escolheram esta vida, parecem que se decepcionam”. Nesta afirmação, a presente pesquisa apresenta sem seu bojo o autoconhecimento como um fator essencial, visto que está ancorada na Orientação Vocacional e, nesta perspectiva, confirma a proposição de Neiva (2013), ao argumentar que é essencial o autoconhecimento, e que só assim, a pessoa pode optar pelo “o que fazer e como fazer”, enfatizando ainda que o autoconhecimento possibilita o desenvolvimento do autoconceito que vai contribuindo na integração da personalidade.

Andrade e Conserva Junior (2013, p. 2) reforçam a questão enfatizando que “Conhecer a si mesmo é um dos fatores cruciais no processo de tomada de decisão.” Diante deste aspecto, enfatizado pelo grupo focal, é possível entrever que na VRC existe tanto o interesse como a prática de proporcionar oportunidade do autoconhecimento para as pessoas que estão em processo de acompanhamento vocacional.

Ainda no que concerne ao autoconhecimento é apontado o resgate da história ou um contato mais profundo com a história pessoal como destacada na fala abaixo:” *É muito importante ver como Deus aparece na história da pessoa, sua experiência de Deus. Ver a experiência de Deus que a pessoa faz. A experiência da jovem ou do jovem é a sua história*

real. Como ela é, não como a pessoa imagina, ou idealiza a sua história ou até quer contar. Mas, como é a sua história? A história normal, não é? A história desde o nascimento. São as primeiras relações. Ver se aparece a questão Deus...”.

Outra colocação trazida foi : *“Para nós é muito forte trabalhar a história, mesmo que a jovem já comece lá no acompanhamento, antes de entrar no aspirantado, mas nessa etapa do postulando[...]*” Aponta-se mais uma colocação visto que o assunto ocupou um bom espaço dada importância para o processo: *“[...]E nós percebemos que toda essa questão de ajudar a jovem a olhar a própria história e a acolher própria vida...Os resultados obtidos na presente pesquisa confirmam a importância do trabalho com a história pessoal no processo de acompanhamento vocacional conforme explicita Cencini (1999, p. 6) ao comentar que história pessoal é o campo no qual se pode reconhecer, concretamente, aquilo que a pessoa é bem como o que deseja tornar-se, seus sonhos e projetos e argumenta ainda que “a história pessoal é o primeiro critério de discernimento de uma vocação para o acompanhado em questão” (CENCINI, 1999, p. 7).*

O contexto da formação da **identidade vocacional** e da identificação com as figuras parentais é abordada no grupo focal um aspecto importante no processo do Acompanhamento Vocacional.: *“[...] Assim fazemos todo o processo de acompanhamento e, primeiramente, é o conhecer de onde a jovem vem, de que lugar, de que família e isso se dá com visitas para o conhecimento da jovem, dentro do convívio familiar, do convívio paroquial, no contexto de igreja que participa, que atua.”* Esta questão é abordada e consentida na fundamentação da presente pesquisa, pois Levanfus (1997), a partir dos estudos da Psicanálise, diz que o desenvolvimento da pessoa se dá a partir da identificação ou imitação dos modelos que tem significado e, que este é um processo que se inicia desde a relação mãe e filho, quando a mãe se oferece como fonte de nutrição contribuindo, assim, para que a criança vá incorporando a sua figura, bem como como a realidade que a rodeia, neste contexto entra também a figura paterna vai sendo incorporada pela criança precedendo assim suas futuras identificações.

Assim, Levanfus (1997) pontua também a importância das figuras parentais nos primeiros anos de vida por estas constituírem a base das suas identificações para formação da personalidade. A abordagem do tema família corrobora para o entendimento de que, de certa forma, o tema família e seus desdobramentos no caso as identificações já assunto tomado em consideração no contexto do acompanhamento feito na VRC, é uma questão a ser aprofundada.

Destaca-se que, falando sobre o acompanhamento das vocações um membro do grupo faz uma colocação pertinente sobre as motivações sinalizando que o que move a pessoa pode ser diferente daquilo que se mostra: *“[...] quando descobrem as reais motivações, como por*

exemplo, que vieram por medo do casamento. ” Neste sentido, a pesquisa confirma essa realidade explicitando quando Tombini (2014, p. 12), reportando-se as circunstâncias que acompanham a motivação, sinaliza que esta sugere a ligação da pessoa a alguém ou algo sendo resultado de necessidades. Nesta perspectiva, os autores Transferetti, Millen e Zacharias (2018, p.12) que pontuam sobre a preocupação da busca da VRC motivada pela satisfação das necessidades e que o acompanhamento formativo deve estar atento a isso.

Outro aspecto a ser apontado no grupo refere-se a importância de o acompanhante ter proximidade junto ao acompanhado no processo: *“Outra questão é a da escuta. Acompanhamento próximo mesmo, não ficar só nos conteúdos. Escutar as jovens, estar presente na vida delas, participar do que elas estão fazendo”*. Abordando a questão da postura do acompanhante Vitório (2008) assinala ainda que o acompanhante deve ser uma pessoa de profunda humanidade que busque proximidade. A pesquisa leva em consideração a questão da proximidade, tendo presente que o acompanhante deve ter sempre presente a sua função e seu papel no processo.

7.2. QUESTÕES DOS QUE BUSCAM AV

A segunda categoria: Questões dos que buscam o acompanhamento vocacional. Esta categoria aborda as questões dos que buscam o Acompanhamento Vocacional: Ao falar como é realizado o acompanhamento, bem como os seus desafios foram emergindo as questões dos que buscam a VRC, assim esta categoria visa identificar e analisar as dificuldades trazida pelos que buscam a VRC.

Sobre as questões trazidas pelos que buscam o acompanhamento na VRC, o grupo focal apresenta verbalizações que se referem à indecisão, ou seja, não saber o que quer *“[...]é próprio da época, os jovens começarem uma coisa e desistirem e não saber exatamente o que querem”*. No contexto da pesquisa este fator é relevante porque é para ajudar no processo de decisão que acontece o acompanhamento e, nesta perspectiva, os autores Ribeiro e Melo-Silva (2011) acentuam que ao longo do tempo a questão da escolha sempre foi o foco predominante no Acompanhamento Vocacional, mas que na atualidade este foco deveria se voltar para o projeto de vida da pessoa e para os planos de ação por envolver processos contínuos de escolhas que a vida traz.

Um destaque trazido pelo grupo focal que se pode colocar na classe da subjetividade no processo do acompanhamento é com relação às elevadas expectativas que quando frustradas despertam ansiedades quanto desafios ou frustrações. *“Às vezes, a expectativa da jovem é*

grande e quando frustrada gera ansiedade”. A nossa pesquisa traz essa questão quando aborda a subjetividade articulando-se às reflexões de Baldissera (2015, p. 12) para quem a subjetividade se manifesta na maneira como a pessoa lida consigo, com o mundo e como se relaciona, também a forma como lida com as próprias emoções e a forma como as expressa ou as reprime.

No grupo focal verificou-se que, muitas vezes, as pessoas buscam o Acompanhamento para entrada na VRC por fuga, colocando a importância de se estar atento às motivações. “[...] *Essa questão das motivações, que já foi dito, está sendo compartilhada essa questão. O que a pessoa busca? E o que eu percebo também muitas vezes são fugas. Não que a gente precise ir muito ao fundo em tudo isso...*”. Também a nossa pesquisa concorda acerca da importância de se estar atento às motivações e, neste sentido, Vilela (2010, p. 13) assinala que no campo do Acompanhamento Vocacional é relevante a busca da compreensão das forças que impulsionam os diversos aspectos do comportamento da pessoa que se coloca no processo de escolha.

No grupo focal, ao abordarem a questão da história, foi argumentado sobre o impacto no processo de escolha das marcas, feridas e sofrimentos trazidos pelos que buscam o acompanhamento, como pode ser visto nessas frases: “[...] *não basta só saber da história. Eu vejo assim, de repente, ela pode relatar a história, mas a ferida está, muito presente nessa história ou na pessoa.*” Esta pesquisa admite que esta é uma realidade na pessoa em acompanhamento e, neste sentido, Imoda (2002, p. 8) explana que é importante ter presente que, neste universo, existe a pessoa com todas as suas potencialidades, possibilidades, reservas e limitações para responder a esta proposta, e são justamente as reservas e limitações que podem condicionar ou levar a uma resposta que não esteja em consonância com suas reais possibilidades também pode acontecer da pessoa não ter consciência dessas limitações.

O grupo focal apontou ainda que, sobretudo os jovens que procuram o acompanhamento vão manifestando problemas na área emocional: “[...] *Essas jovens que estão chegando do acompanhamento vocacional a gente percebe uma geração muito sensível, jovens muito frágeis e como alguém falou, vem pronta, vem com o diploma, vem com profissão e sabe resolver muitas coisas fora*”. Essa realidade pode ser associada à afirmação de Veiga e Zacharias (2019, p. 159) sobre a “... a importância de atentar para os sinais de problemas e a necessidade de contar com a ajuda psicológica no processo de seleção e acompanhamento dos candidatos”.

7.3. DESAFIOS DO AV

Terceira categoria: Os desafios do acompanhamento na VRC: Esta categoria visa trazer presente os desafios que se apresentam no processo de acompanhamento das pessoas que buscam a VRC.

No grupo focal também entrou em pauta o discernimento, no que se refere a dificuldade de quem está em acompanhamento em tomar ciência do que se deseja: “[...] *E fazer o discernimento, é outro desafio porque às vezes não sabem exatamente o que querem...*” Neste trabalho a questão do discernimento é abordada como uma atitude cotidiana como sugere Imoda (2002, p. 73), sinalizando que o discernimento deveria ser uma atitude primordial na cotidianidade no sentido da pessoa estar atenta em identificar em qualquer situação o que convém, sendo que o discernimento comporta a capacidade de compreensão da diversidade de elementos propostos pela experiência.

O grupo explicita que na modalidade de acompanhamento na VRC, deve-se procurar auxiliar o acompanhado em seu processo de discernimento: “*Feito este primeiro passo do conhecimento, iniciamos o processo de acompanhamento vocacional. Aí procuramos ajudar a jovem no processo de discernimento, dando possibilidade à jovem para entrar e ver o que realmente ela quer, qual é sua própria opção*”. Concordando com a importância do discernimento, Costa (2019 p.21-22) sugere que o discernimento na etapa de Acompanhamento Vocacional deve estimular a pessoa que está no processo a mergulhar em sua interioridade em busca do sentido de sua vocação e, nesta experiência, irá se deparar com suas potencialidades, mas também com seus limites e desafios.

Comentando sobre o processo de acompanhamento, o grupo apresentou a questão das resistências como dificuldade das pessoas que se colocam no processo, a questão foi colocada da seguinte forma: “[...] *Existem resistências e a gente tem que ter tempo, porque a pessoa procura passar uma outra imagem.*” Entende-se que é esperado o aparecimento de resistência e que o acompanhante deve estar preparado para lidar com essa questão, como especifica Semensato *et al.* (2009 p. 31) apontando ainda que o processo de acompanhamento precisa levar o orientando a se questionar, verificando quais são seus sonhos, procurando distinguir o que está cristalizado em sua vida e na sua história, distinguindo o que pode ser compreendido como novo ou transitório.

O grupo aponta como desafio dentro do acompanhamento a relação de dependência assumida pela pessoa que está em acompanhamento, o que tende a dificultar o processo de escolha e decisão: “[...] *Como ajudar a fazer esse corte do cordão umbilical, para fazer com autonomia sua opção?*”. Esta realidade se relaciona com colocação de Andrade e Junior (2007 p. 2) que ressaltam que o conhecer-se é um fator determinante a tomada de decisão e que o

autoconhecimento engloba o conhecimento dos valores, interesses, habilidades, as expectativas e influências familiares.

O grupo focal acenou também que a Vida Religiosa tem como essencial a dimensão transcendente, mas é vivida por pessoas humanas em uma realidade concreta:

A Vida Religiosa não é um mar de rosas, e que também nós temos os nossos defeitos e somos uma comunidade de irmãs que buscamos viver bem nossa entrega a Deus. Não somos perfeitas, estamos em busca de sermos cada dia melhores e é esse o caminho que vamos fazendo com elas, no dia a dia.

Esta questão é de suma importância, trazendo as considerações de Gomes e Lisboa:

“[...] a vida religiosa consagrada é entendida na experiência do mistério. Uma vida dedicada a viver de forma sublimada tem possibilidades de se abrir para a transcendência. Porém, o fato de uma pessoa estar no contato com o sagrado não a exime do mundo profano. Para tanto, a vida religiosa consagrada é um caminho que tem como ideal priorizar a vivência do sagrado, devendo considerar-se que esta se configura num tempo histórico (Pereira, 2004; Noé, 2010)” (GOMES E LISBOA, 2015, p. 604).

As considerações desses autores confirmam a essência desta nossa pesquisa no sentido de que o contexto do acompanhamento vocacional na VRC é para opção de um estilo de vida de pessoas concretas, daí a proposta de um acompanhamento que tenha presente a dimensão subjetiva.

O grupo focal expressa o entendimento de que todo contexto da pessoa em acompanhamento deve ser considerado, dizendo: “*a jovem chega com todo um contexto formado e a história, o contexto já da nossa história social, política, econômica, antropológica, tudo isso, é influência.*” Este aspecto é confirmado nesta pesquisa como sugere Guimarães (2018) citando Soares (2002) afirmando que a orientação profissional é uma ajuda para tomada de consciência das possibilidades e escolhas que são possíveis dentro da sociedade e da história, tornando-se consciente dos fatores determinantes no processo de escolha.

A questão da permanência ou da perseverança, tanto no Acompanhamento Vocacional para entrada como os que fizeram opção e entraram na VRC foi um fator trazido como desafio pelo grupo focal, porém o próprio grupo tinha presente as causas sugerindo que não seria a questão vocacional, mas sim as dificuldades humanas não trabalhadas “[...] *Hoje em dia, não são muitas vocações que saem, nem é a questão da vocação em si, mas é a questão desse lado humano mesmo, que às vezes ainda não foi trabalhado*”. Neste sentido, a presente pesquisa assente e compreende o papel do Acompanhamento Vocacional abordando as questões através dos estudos de Acuna (2020) trazendo as contribuições de Dessen, Costa e Áderson (2005) que defendem que a Orientação Vocacional cumpre seu papel quando leva a pessoa a refletir sobre si analisando suas características, explorando sua personalidade aprendendo e escolher e como abordar as situações conflitivas.

Foi expressa no grupo a preocupação em proporcionar uma ajuda mais profunda às pessoas em acompanhamento, indicando que é a área fragilizada do processo do acompanhamento: *“E eu fico imaginando, é uma das minhas preocupações. Como fazer para proporcionar uma ajuda mais profunda para as jovens...”* Esta questão demonstra que a pessoa que acompanha vê dificuldades no processo de acompanhamento que realiza, assim preocupa-se com uma ajuda mais profunda, esta pesquisa delinea com clareza o papel do acompanhante deixando claro que este deve assumir seu papel no processo, assim a autora Neiva (2013) entende que neste processo o acompanhante tem papel ativo atuando como um facilitador acompanhando-o em seu caminho de reflexão e esclarecimentos auxiliando assim que elabore gradativamente seu projeto vocacional. Isso reafirma a necessidade da proposta de OV apropriada para a VRC no sentido de oferecer um norteamento para que quem acompanha já ajude a pessoa que está no processo.

Observou-se no grupo de como lidar com as pessoas que ainda estão presas à família e apresentam dificuldade de dar passos na tomada de decisão durante todo processo. As colocações que falam a este respeito são: *“Como ajudar a fazer esse corte do cordão umbilical, para fazer com autonomia sua opção?”* que na mesma linha desta colocação: *Dentro deste contexto, vemos que é um desafio para a jovem estar dentro da vida religiosa, estar num outro contexto familiar ou se adaptar a uma família religiosa.* A pesquisa abordando a Orientação Vocacional compreende que esta deve atender esta demanda, neste sentido Semensato *et al.* (2009, p. 31) aponta a importância de dar relevância ao ambiente do orientando, afim de equipá-lo com as competências que facilitem o enfrentamento das demandas ambientais no momento da transferência para opção feita e assim estimular comportamentos adaptativos.

O grupo apresentou o desafio do acompanhante estar sempre aberto a desconstruir ideias cristalizadas e ter disposição de se abrir ao novo que o acompanhado, traz assim expõe:

Então, é um desafio também para a gente que está na formação, que tem horas que nós também, de repente precisamos desconstruir algumas ideias formadas, pois pensamos de um jeito e de repente surge tanta coisa e você tem que estar aberto ao novo e também ao novo da jovem.

A pesquisa prevê esta realidade concordando com a questão e para isso apresenta a argumentação de Levenfus (1997) que aponta alguns aspectos que podem ser adequados ao nosso contexto, são eles a empatia que inclui afetos por identificação controlada de forma personalizada com cada acompanhante. A distância adequada procurando o equilíbrio entre o colocar-se no lugar do acompanhante, sentir com ele, sem se confundir com ele. Além de que o acompanhante tenha reconhecimento por sua forma de pensar respeitando o outro, no caso o acompanhado, em sua forma de ser autônomo, aceitando suas contradições e limites; em sua

relação de acompanhante não seja diretivo e não imponha as pautas, mas que proponha atividades informativas e tarefas que julgue ser pertinente no processo.

7.4. SUGESTÕES PARA O PROCESSO AV

A quarta categoria: As sugestões para o Acompanhamento Vocacional: O cunho desta categoria foi envolver os participantes na busca novas formas ou melhores alternativas para que o acompanhamento possa contemplar de forma mais efetiva a dimensão subjetiva dos que buscam a VRC.

Ressalta-se que o grupo focal trouxe a necessidade de realizar um acompanhamento vocacional que não seja somente focado vocacional para a VRC, mas que seja aberto a vida como um todo e ajude a pessoa a explorar as diversas áreas da vida *“Um aspecto que eu penso e acredito que precisa melhorar é não focalizar no acompanhamento na vida consagrada. Parece contraditório, mas acompanhar a pessoa para que ela se encontre na vida e dentro do projeto de Deus que é amor.”* Os resultados da pesquisa se mostram de acordo com essa questão, visto que lançou-se mão do campo da Psicologia que é a orientação vocacional que já aponta essa perspectiva em Levenfus (2010); Soares, (2009); Silva, Lassance e Soares (2004). Os autores sublinham que o acompanhamento vocacional estando no campo da orientação vocacional deve ser um processo que deve se aprofundar na construção da identidade profissional que auxilia nas escolhas, no conhecimento das profissões e na construção do projeto de vida tendo presente a questão da aposentadoria. Isso deixa clara a amplitude da área de estudo que a pesquisa está utilizando.

O grupo focal aponta como primordial o conhecimento da família por parte das pessoas que acompanham os que buscam a VRC *“[...] a importância de maior conhecimento e dentro do possível fazer visitas na família e também permitir que a jovem tenha essa convivência também conosco”*. Dentro dessa ótica, a pesquisa concorda, a partir de alguns autores que oferecem um referencial de como entender o papel e a influência da família na vida daqueles que busca a VRC. Assim, trazemos Levanfus (1997) que pontua a importância das figuras parentais nos primeiros anos de vida por estas constituírem a base das suas identificações para formação da personalidade. Ao escrever sobre identidade Leite (2015), cita os estudos de Erickson que situa a construção da identidade no centro do ser humano bem como da cultura coletiva e que esta identidade vai evoluindo num processo gradual a partir de sucessivas sínteses e elaborações do eu na infância e nesse processo algumas identificações são assumidas e outras descartadas.

Nas sugestões destaca-se como elemento essencial do acompanhamento, a questão da escuta, porém uma escuta trabalhada que possibilite a proximidade ajudando a pessoa acompanhada a ir fazendo um caminho dentro do acompanhamento: “*Quero sublinhar sobre a questão também da escuta atenta dessas jovens, um acompanhamento próximo mesmo e não ficar só na formação de conteúdo, mas escutar as jovens e estar presente na vida delas, participando também do que em casa estão fazendo.*” Manenti (1993) argumenta sobre a qualidade da escuta no acompanhamento vocacional, sublinhando que o acompanhante deve ser capaz de escutar procurando captar a realidade pessoal mais profunda de quem é acompanhado. Esse é um fator primordial visto que a pesquisa dá atenção aos aspectos subjetivos num modelo de acompanhamento aplicado a VRC.

Em se tratando de processo o acompanhamento vocacional é preciso respeitar tempo e o grupo fala da importância dessa questão solicitando: “... *não queimar as etapas, não é achar que já está pronta, então vamos para a próxima etapa. Já venceu o tempo, já está na hora de ir, porque existe também a questão da pressão das pessoas, do peso de pressão que as irmãs da província colocam...* Outra colocação relacionada a paciência com o processo vale a pena expor: “[...] *JE não queimar as etapas, não é achar que já está pronta, então vamos para a próxima etapa...*”. A pesquisa compreende a importância do respeito ao tempo do acompanhado dentro do processo quando inclui questão a partir de iluminação de Vitório (2008) que pontua a importância da paciência com o processo do orientando, sendo este trabalho que considera fundamental a individualidade da pessoa levamos em consideração a preocupação do grupo.

O grupo se mostra bem aberto sugerindo que o acompanhamento vocacional oportunize as diversas possibilidades para que realmente seja um processo de escolha “...*Isso é positivo, abrir o olhar, abrir o leque das vocacionadas, que vejam as opções são variadas que nos procuram, assim a escolha fica mais ampliada...*” Neste sentido Spaccaquerche (2005, p. 63) que postula que o acompanhante tem função de auxiliar o acompanhado na percepção de si, orientando-o em relação a informação sobre as diversas possibilidades e ocupações encaminhando-o na elaboração de critérios para sua escolha. Concorde-se com essa ideia pois o objetivo da nossa pesquisa é que o acompanhamento proporcione à pessoa que está em acompanhamento abertura para lidar com as diversas possibilidades.

É importante salientar que o grupo focal aconteceu no contexto da pandemia e mencionou algumas vezes a necessidade de recorrer ao acompanhamento *online* para fazer acontecer o processo, assim, foi sublinhado que: “*Uma alternativa hoje são os profissionais que atendam online para suprir um pouco essa dificuldade.*” Outra fala: “*Eu vejo que hoje em dia dá para tirar o que de bom o online pode oferecer.*” A pesquisa foi desenvolvida de forma

online, pode-se compreender a demanda do grupo Spaccaquerche (2005) aponta que existe a possibilidade do desenvolvimento de um trabalho eficiente proveitoso para o orientado via internet ou de forma online.

Manifesta-se também no grupo focal a necessidade da retomada do processo de acompanhamento vocacional visto que o grupo estava no contexto de pandemia e já se começava o movimento de retomada em todos os seguimentos, mas também deve-se ressaltar que é perceptível a valorização do processo de acompanhamento para o grupo: *“O quanto é importante retomar também a constância dos encontros tanto com o grupo e também as conversas pessoais com a pessoa que acompanha.”* A pesquisa, tratando do papel do acompanhante associa as contribuições de Muller (1988), postula que este a importância de oferecer aos acompanhados espaço e tempo para manifestar suas inquietações, dificuldades e problemas, acompanhando-os nas reflexões mas dando esclarecimentos afim de que por si mesmo vá construindo, seu projeto vocacional, aclarando as possibilidades de escolhas, identificando os obstáculos que atravancam a tomada de decisão.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos dessa pesquisa foram descrever e analisar o processo de OV aplicado aos candidatos a VRC e propor um itinerário de OV que contemple a dimensão subjetiva dos candidatos visando uma escolha consciente pela VRC, tendo como base o problema de que “a dimensão subjetiva é um fator essencial na decisão consciente na escolha vocacional da VRC? Havia indícios hipotéticos de que a subjetividade não era considerada no processo de acompanhamento, nesta perspectiva, constituindo-se, portanto, no pano de fundo para a realização da presente pesquisa. Nos últimos anos, a atuação da Igreja Católica vem sendo marcada de forma negativa por condutas indevidas de religiosos, sobretudo no que diz respeito aos abusos sexuais e “vida dupla”, no sentido de fazer opção pela vivência da castidade e, ao mesmo tempo, buscar relações afetivo sexuais secretas, na modalidade presencial ou virtual, desencadeando o envolvimento em escândalos sexuais. A segunda grande questão é que pessoas estão buscando a VRC ou as que estão na VRC apresentam motivações equivocadas, considerando-se as exigências no exercício dessa função religiosa; tais como busca de *status*, de poder, desejo de sucesso e projeção nos meios comunicação e/ou redes sociais, obsessão por dinheiro e seus desdobramentos como atos de corrupções e manipulações. Tudo isso em detrimento da vivência comprometida com a premissa básica da VRC que é o seguimento afetivo e afetivo de Jesus e sua missão em favor dos menos favorecidos. Diante dessa realidade, este trabalho buscou incluir a dimensão subjetiva nesse processo visando a construção de uma resposta mais consciente diante do interesse na VRC.

Os resultados obtidos na primeira etapa do estudo, indicam que o acompanhamento vocacional na VRC ocorre, em linhas gerais, apontando que o processo de acompanhamento vocacional se inicia por meio de conversa (fr 70%) que é uma forma de aproximação; é designado um responsável para acompanhar o processo denominado animador ou promotor vocacional (fr 51 %), sendo que este será a referência na realização do acompanhamento; com relação ao tempo de acompanhamento a maioria opta por acompanhar durante todo período de formação (fr 68%); no que diz respeito às áreas contempladas são o seguimento de Jesus (fr 35%) o desejo de se consagrar a Deus (fr19%) e autoconhecimento (fr 2%) indicando que a base do processo é na linha espiritual e com o mínimo da dimensão humana; com relação as ferramentas ou o material utilizado um número significativo utiliza as fichas da congregação (fr 21%); no que diz respeito á forma como o acompanhamento é realizado a forma híbrida foi indicada pelo maior número pessoas (fr 67%) o que caracterizou bem o momento de realização da pesquisa que foi o tempo de pandemia.

Ao final das análises propostas, é possível afirmar que o objetivo inicial foi atingido com qualidade e o processo mostrou-se bem-sucedido. A partir do grupo focal pode-se afirmar que já existe um trabalho considerado pelos formadores como estruturado, ou seja, que leva em conta os elementos de base da Orientação Vocacional tais como o autoconhecimento que o grupo tratou como aspecto essencial dentro do processo de opção. Outro aspecto é a questão familiar com seus desdobramentos como é o caso das identificações, a autonomia, o fato de dar o passo, de poder fazer o processo fazendo o saudável desligamento das figuras parentais para uma opção mais consciente e autoral. A contribuição para tomada de consciência das motivações, sobretudo as intrínsecas, que dizem respeito ao porquê adentrar ou aos reais motivos para o ingresso na VRC, na mesma linha entra a questão da subjetividade que envolve os processos interiores, o trabalho com a história pessoal, a indecisão, os problemas emocionais como foi citada a ansiedade, também as resistências. A constatação é que essas questões fundamentais da Orientação Vocacional já são levadas em consideração, mas ainda como pouca base científica e pouco sistematizadas e, principalmente, sem recursos específicos, ou seja, precisam de um suporte de realidade que vem de encontro ao objetivo da pesquisa de propor um itinerário que contemple a dimensão subjetiva.

Ainda falando dos resultados no âmbito qualitativo, os pontos nevrálgicos evidenciados foram a preocupação com o aprimoramento do acompanhamento e com quem acompanha, no caso do acompanhamento diz respeito às ferramentas, a lidar com os desafios que atingem o processo, a como ajudar as pessoas com sua problemática e no que concerne ao acompanhantes, se tem presente a capacitação, a como também se preparar e se trabalhar para realização da função e também ao fato de serem pessoas com sua problemática própria o que muitas vezes pode interferir no processo.

O ponto relevante dos resultados indica que seja feito um processo de acompanhamento Vocacional que não foque só na entrada para a VRC, mas que ajude o acompanhado a se colocar diante de várias opções, assim possa fazer uma escolha justa e aberta tendo várias possibilidades para poder escolher.

Por fim, um elemento significativo foi o fato de grupo colocar em evidência a fragilidade da Vida Religiosa e de quem acompanha, por viverem uma vida que tem na sua essência a dimensão transcendente, mas trazerem em sua base a constituição humana e, por isso, trazem defeitos e dificuldades, o fato é que querem ser consideradas nessa realidade de pessoas concretas inseridas na realidade, e não serem olhadas como pessoas sobrenaturais.

Mesmo percebendo que o estudo foi favorável, não é possível deixar de apontar as limitações da pesquisa, primeiramente, por ter acontecido no período de pandemia, no começo

da decretação do isolamento social, momento em que não apenas o país, as pessoas, as instituições e também o meio acadêmico estavam aprendendo a caminhar nesse contexto. Assim, a metodologia usada na pesquisa foi totalmente realizada online e, certamente, a etapa de cunho qualitativo teve seus prejuízos, pois supõe um contato mais próximo com os participantes.

Outro limite foi o fato do tema de estudo o “Acompanhamento Vocacional na Vida Religiosa Consagrada” não ter bibliografia disponível na área da Orientação Vocacional, assim foi preciso ir adaptando e aplicando na realidade do tema. É claro que a proposta da OV é estar inserida nos diversos contextos e nas diversas áreas, isso implicou numa revisão de literatura complexa.

Ressalta-se o desejo de que o estudo tenha continuidade e que outras pessoas trabalhem o tema da Acompanhamento Vocacional aplicada à Vida Religiosa Consagrada sobretudo no concerne ao acompanhamento de forma que este possa responder às demandas das entradas de pessoas que trazem problemas relacionados a condutas, a transtornos de personalidade e distúrbios diversos, incluindo os sexuais, visto que estes não só prejudicam o trabalho a ser desenvolvido na Igreja Católica, como também seu papel na sociedade.

A questão que norteou este trabalho foi a maturidade vocacional para a opção pela VRC tendo presente as pessoas e os problemas que nos últimos anos vem sendo explicitados, sobretudo no que diz respeito os abusos sexuais e sociais como abordava Veiga e Zacharias (2019), um dos autores da fundamentação teórica, assim uma pesquisa a ser realizada futuramente, poderia incluir a maturidade das pessoas que buscam o processo de Acompanhamento Vocacional para a VRC.

Acredita-se que o assunto, está longe de ser esgotado, ao contrário, foram abertos horizontes para que novas pesquisas explorem o tema e tragam novas contribuições para o Acompanhamento Vocacional aplicado a VRC.

REFERÊNCIAS

V CONFERÊNCIA GERAL do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 29 de junho de 2007. Disponível em:

http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf: “Acesso em 6 nov. 2022.

ACUNA, José Tadeu. Desenvolvimento de autoconhecimento e projeto de vida na Orientação Vocacional: um relato de caso. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 68, p. 91-104, 2020.

ALVES, Natália Fernandes Teixeira *et al.* Orientação Profissional com Jovens em Vulnerabilidade Social: Uma Revisão Teórica. **Revista FSA**, v. 16, n. 3, 2019.

ANDRADE, Josemberg Moura de; CONSERVA JUNIOR, Misael de Sousa. **O autoconhecimento e a escolha profissional**. 10 nov. 2013. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/4CCHLADPPROBEX2013567.pdf>. Acesso em 11 nov. 2022.

ANDRADE, Josemberg M. de; MEIRA, Girlene R. de Jesus Maja; VASCONCELOS, Zandre B. de. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], v. 22, n. 3, p. 46-53, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000300008>>. Acessado em: 8 fev. de 2022

BAGGIO, Marileda. Vida Religiosa Consagrada Na Igreja, Segundo O Magistério.

Teocomunicação, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 68-81, jan./jun. 2012. Disponível:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/11295>. Acesso em: 6 nov. 2022

BALBINOTTI, Marcos Alencar Abaide. A noção transcultural de maturidade vocacional na Teoria de Donald Super. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online]. 2003, v. 16, n. 3 , pp. 461-473. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300005>. Acesso em 4 set. 2022.

BALDISSERA, Deolino Pedro. **Conhecer-se Um Desafio: Aspetos do Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Paulinas, 2015.

BARROS, Leonardo de Oliveira; AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo. Instrumentos de Avaliação Psicológica em Orientação de Carreira: Análise da Produção Nacional. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], v. 40, p. 1-17, 2020. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/1982-3703003203346>>. Acesso em: 27 nov. 2021

BAU, Jorgiana *et al.* Autoconhecimento como caminho para a escolha profissional. **XXIV Seminário de Iniciação Científica e XI Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Santa Catarina, *online*, 17 a 21 set. de 2018. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/17876/9678>

BOAVENTURA, Juliane Mittelstadt; COLOMBO Silvia Cristina Segatti; DRUGG, Angela Maria Schneider. Subjetividade e a Escolha Profissional. **XVII Jornada de Extensão**. Unijui 2016. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/6252>

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional, a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fonte, 1993.

CALVI, Ester Xavier *et al.* A escolha profissional e o planejamento de futuro: oficina extensionista de sensibilização com secundaristas de uma escola pública. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 5, n. 10, p. 44-60, 12 mar. 2021.

CARDOS, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 98-111/2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acessado em 10 nov. 2022.

CARVALHO, Maria Margarida M. J. de. **Orientação Profissional em grupo – Teoria e técnica**. São Paulo: Psy, 1995.

CAVALCANTE, Daniela Santos; BARBOSA, Lidiane; ESTENDER, Antonio Carlos. A motivação como ferramenta para eficácia organizacional. **XII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2015. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/7228.pdf>. Acessado em: 11/11/2022.

CENCINI, Amadeu. **Os sentimentos do Filho. Caminho Formativo Na Vida Consagrada**. São Paulo: Paulinas, 2002.

CLAUDEMIR, Padre. Histórico Da Pastoral Vocacional. **Seminário de Jales Jubileu**. Disponível em: <http://seminariodejalesjubileu.blogspot.com/p/historico-da-pastoral-vocacional-pe.html?m=1>

CNBB. **Projeto Da Escola Vocacional Sul 2**. Paraná. Disponível em: <https://cnbbs2.org.br/pastoral-vocacional/>. Acesso em 8 nov. 2022.

COSTA, Janaina Moutinho. Orientação profissional: um outro olhar. **Psicologia USP** [online]. v. 18, n. 4, p. 79-87, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642007000400005>>. Acesso em 24 out. 2022.

COSTA, Mário. **Discernimento Vocacional: estratégias, subjetividade e itinerários**. São Paulo: Paulinas, 2019.

DOMINGUEZ, Luíz María García. **Discernir o Chamado: Avaliação Vocacional**. São Paulo: Paulus, 2010.

GOMES, Nilvete Soares; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada. **Psicologia & Sociedade** [online]. v. 27, n. 03, 2015, p. 599-608, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p599>. Acesso em 14 out. 2022.

GRÜN, Anselm. **O Poder da decisão na vida nos relacionamentos, no trabalho cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GUIMARÃES, Thayane de Sousa. **Influência da família em processos de escolha profissional entre jovens: uma revisão integrativa de produções nacionais**, 2018, Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia), Universidade Federal do Ceará, 24 f. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42746>

IMODA, Franco. **Conduziu-os Até Jesus: Psicologia da Vocação na adolescência**, v. 1. São Paulo: Paulinas. 2002.

IMODA, Franco. **Olhou para Ele com amor: Psicologia da Vocação na fase da juventude**. v. 2. São Paulo: Paulinas. 2002.

IMODA, Franco. **Mestre onde Moras? Discernimento da Vocação**. Vol. 3. São Paulo: Paulinas 2002.

IMODA, Franco; KIELY, Bartholomew. **Buscando Jesus: caminho e Acompanhamento Vocacional na Adolescência**. São Paulo: Paulinas. 2002.

LEITE, Maria Stella Sampaio. **Orientação Profissional**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

LEITE, Maria Stella Sampaio. **Orientação Profissional Série O que fazer**. São Paulo. Blucher, 2019

LEPRE, Rita Melissa, **Adolescência e construção da identidade**, *online*, Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Rita-](https://www.researchgate.net/profile/Rita-Lepre/publication/237343201_ADOLESCENCIA_E_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE/inks/573c9f6c08aea45ee84197bc/ADOLESCENCIA-E-CONSTRUCAO-DA-IDENTIDADE.pdf)

[Lepre/publication/237343201_ADOLESCENCIA_E_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE/inks/573c9f6c08aea45ee84197bc/ADOLESCENCIA-E-CONSTRUCAO-DA-IDENTIDADE.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Rita-Lepre/publication/237343201_ADOLESCENCIA_E_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE/inks/573c9f6c08aea45ee84197bc/ADOLESCENCIA-E-CONSTRUCAO-DA-IDENTIDADE.pdf)

LEVENFUS, Rosane Schotgues; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação Vocacional Ocupacional**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LIMA, Giovanna Albuquerque Maranhão de Lima; UVALDO, Maria da Conceição Coropos; GARCIA, Maria Luiza Dias. **Orientação Vocacional e Psicanálise: o olhar clínico**. São Paulo: Vetor, 2018.

LISBOA, Marilu Diez. O papel do orientador profissional: orientando para as novas relações de trabalho. **Revista ABOP**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 55-63, 1998. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891998000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 out. 2022.

MANENTI, Alessandro. **Viver os Ideias: entre o medo e o desejo**. São Paulo: Paulinas, 1993.

MANTOVANI, Renata Forcato *et al.* **Uma demonstração da importância de promover o autoconhecimento na orientação profissional**. Londrina, 2014. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_41_1480955342.pdf

MELO-SILVA, Lucy Leal; LASSANCE, Maria Célia Pacheco; SOARES, Dulce Helena Penna. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Revista brasileira de orientação profissional**, São Paulo, v. 5, n. 2, dez. 2004, p. 31-52. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 jan. 2022.

MULLER, Marina, **Orientação Vocacional: Contribuições Clínicas e Educacionais**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

NASCIMENTO, Ladislau Ribeiro. Orientação Profissional na interface entre Psicologia e Educação: uma revisão de literatura. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 22, n. 1, p. 5-20, 2020.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **Processos de Escolha e Orientação Profissional**. São Paulo: Vetor Editora, 2013.

NOÉ, Sidnei Vilmar. A Vocação Sublime: da relação entre religião e sublimação na definição da vocação religiosa. **Psicologia USP** [online]., v. 21, n. 1, p. 165-182, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100009>. Acesso em 14 out. 2022

O QUE É o discernimento. É entender a vontade de Deus. **REVISTA IHU ON-LINE**. 11 out. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/583650-o-que-e-o-discernimento-e-entender-a-vontade-de-deus>. Acesso em 12 out. 2022.

OLIVEIRA. Ana Luiza Brandão Leal; MAIA. Andreia de Almeida Rosa; SILVA, Vanilce Conceição Maciel e. O Trabalhador e os aspectos motivacionais do trabalho: um olhar da psicologia. **SYNTHESIS: Revista Digital FAPAM**, v. 9, n. 1, p. 1-14, jul./dez. 2019 <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/download/188/185/584>. Acesso em 25 set. 2022.

PAPA AOS padres e seminaristas: o discernimento é fundamental. E cuidem como vocês usam o celular, **UNISINOS**, 18 mar. de 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577087-papa-aos-padres-e-seminaristas-o-discernimento-e-fundamental-e-cuidem-como-voce-usam-o-celular>

PASSOS, João Décio. Editorial. **Ciber Teologia**. Ed. 66, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/editorial/discernimentos-da-realidade-com-razao-e-fe/80>. Acessado em 7 nov. 2022.

PELLETIER, Denis; BUJOLD, Charles; NOISEUX, Gilles. **Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal**. Petrópolis: Vozes, 1982.

PESSENDA, Bruna; MASCOTTI, Thais de Souza; CARDOSO, Hugo Ferrari. Intervenção em orientação profissional em estudantes de escolas públicas brasileiras: uma revisão narrativa. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 123-138, dez. 2018.

PICHON-RIVIÉRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade** [online]. 2007, v. 19, n. 3, p. 14-19. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300003>. Acesso em 25 set. 2022.

RAFFO, Vanessa Tiemi Duarte; ROCHA, Amarilis Cavalcanti da; SILVA, Diogo da. Os desafios do ensino superior e os papéis sociais na identidade profissional do adolescente: uma revisão narrativa de literatura. **Journal of Research in Humanities and Social Science**, v. 9, n. 8, p. 39-45, 2021.

RESENDE, Gisele Cristina. Interesses profissionais: Revisão de literatura científica no Brasil, **Revista Amazônica**, v. 23, n. 2, p. 132-151, 2019.

RIBEIRO, Marcelo Afonso; SILVA, Lucy Leal Melo. **Compendio de Orientação Profissional e de Carreira**. São Paulo: Vetor, 2011.

RIBEIRO, Marcelo Afonso; SILVA, Lucy Leal Melo. **Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira: Enfoques Teóricos Contemporâneos e Modelos de Intervenção**. V. 1-2. São Paulo: Vetor, 2018.

SACCONI, Luiz Antonio. **Minidicionário Sacconi de Língua Portuguesa**. São Paulo, Escala Educacional, 1999.

SANTOS, Juliana Nascimento dos; HENRIQUES, Fabiana Regina. Motivação no trabalho: a estratégia que gera resultados satisfatórios para as organizações. **Revista Científica Integrada**. v. 4, ed. 5, 2020. Disponível em: <https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao-5/4164-rci-motivacao-no-trabalho->. Acesso em 11 nov. 2022.

SEMENSATO, Ana Claudia *et al.* Um estado qualitativo sobre orientação vocacional e profissional: direções possíveis, desafios necessários. **Akrópolis**, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 29-40, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235578158.pdf>. Acessado em: 11 out. 2022.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>

SOUZA, Lirani Firmo da Costa *et al.* A atuação da Psicologia na orientação profissional do futuro ingressante universitário: uma revisão bibliográfica. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, Alagoas, v. 6, n. 1, p. 59-72, abr. 2020.

SPACCAQUERCHE, Maria Elci. Orientação profissional online: uma experiência em processo. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 63-

74, jun. 2005. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 out. 2022.

SPARTA, Mônica. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 1-11, dez. 2003.

TRANSFERETTI, José Antonio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo. **Formação Desafios Morais**. São Paulo: Paulus, 2018.

TRANSFERETTI, José Antonio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo. **Formação Desafios Morais 2**. São Paulo: Paulus, 2020.

TROMBINI, Tharynn Penido. **Uma Revisão de literatura sobre motivação/ desmotivação no trabalho**. 2014. 48p. Monografia (Psicologia, ênfase Psicologia Organizacional). Instituto de Psicologia, UFRGS. Porto Alegre: 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/102338>. Acesso em 11 nov. 2022.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA, pós-sinodal, vita consecrata, **Vaticano**, Roma, 25 mar. 1996. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata_po.html. Acesso em 04 nov. 2022.

VILELA, Adriana Vilela. **A importância da motivação e sua influência no ambiente de trabalho**. 2010. 38p. Monografia (Gestão de Recursos Humanos). Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/R200039.pdf. Acessado em: 11 nov. 2022.

VITÓRIO, Jaldemir. **A pedagogia na formação: Reflexões para formadores da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2008.

ZACHARIAS, Ronaldo; VEIGA, Alfredo Cesar. **Igreja Escândalos Sexuais: Por Uma Nova Cultura Formativa**. São Paulo. Paulus. 2019.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

PROCESSOS DE ACOMPANHAMENTO DOS JOVENS QUE PROCURAM A VRC

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada “VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: AS ESCOLHAS, OS CAMINHOS E O PERCURSO - UM ESTUDO SOBRE A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL PARA A VIDA RELIGIOSA” com objetivos de propor um itinerário de Orientação Vocacional que contemple a dimensão subjetiva dos candidatos visando uma escolha consciente pela VRC, e descrever e analisar a efetividade do processo de Orientação Vocacional aplicado aos candidatos a VRC. Vinculado ao Programa Stricto Senso De Mestrado Profissional E Psicologia, Desenvolvimento E Políticas Públicas que será conduzida pela mestrandia Edilamar da Glória Martins sob a orientação da Profa. Dra. Hilda R. C. Avoglia.

Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Responder a esta pesquisa não envolverá quaisquer riscos significativos, você estará apenas informando questões genéricas referentes ao acompanhamento vocacional realizado pela sua congregação. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário apresentará caráter anônimo e deverá ser respondido online. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão arquivados e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos.

Deixamos claro que você não venha a ter quaisquer despesas ou danos em decorrência de sua participação, apenas o investimento de seu tempo na resposta do questionário.

É importante esclarecer que por se tratar de uma pesquisa “on line”, ela não está isenta de falhas técnicas (problemas de sistema; indisponibilidade provisória das páginas; perda das informações e necessidade de reinserção dos dados), porque a tecnologia tem suas falhas.

Você terá acesso à profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de qualquer dúvida. A principal pesquisadora é Edilamar. Da Gloria Martins., RG: 06058892-8, contatos: E- mail: iredilamarcp@gmail.com , telefone 11956292540.

Se tiver alguma dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNISANTOS) – Av. Conselheiro Nébias, 589/595 - Boqueirão, Santos - SP, 11045-003

Telefone: 3205-5555 – ramal 1254 E-mail: comet@unisantos.br

Ao assinalar a opção “aceito participar”, a seguir, você atesta sua anuência com esta pesquisa, declarando que compreendeu seus objetivos, e a forma como ela será realizada. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Diante das explicações você acha que está suficientemente informado (a) a respeito da pesquisa que será realizada e concorda de livre e espontânea vontade em participar, como colaborador?

Sim

Não

ANEXO B – Questionário *on line*

QUESTIONÁRIO COM AS COORDENADORAS DOS PROCESSOS DE ACOMPANHAMENTO DOS JOVENS QUE PROCURAM A VRC

1- Assinale como se inicia o processo de acompanhamento das/dos jovens que procuram a Vida Religiosa Consagrada.

- a) Por meio de conversas pessoais
- b) Consulta às redes sociais (*Whatsapp, Facebook, Instagram* etc)
- c) Visita a família do jovem
- d) Busca de antecedentes criminais
- e) Carta de recomendação do pároco
- f) Conversa com o pároco e/ou diretor espiritual
- g) Vai ao encontro presencialmente da/do jovem
- h) Recebe a/o jovem na comunidade religiosa
- i) Outros. Quais? _____

2 - Quem é responsável pelo acompanhamento das jovens que iniciaram o processo de aproximação com a Vida Religiosa Consagrada?

- a) Animador e/ou Promotor Vocacional Provincial
- b) Religioso(a) da comunidade mais próxima da residência do(a) jovem
- c) Leigo integrante da equipe vocacional próximo à residência do(a) jovem
- d) Pároco
- e) Diretor Espiritual
- f) Provincial
- g) Outro. Qual? _____

3- Como se dá o acompanhamento das jovens?

- a) Acompanhamento pessoal feito pelo referente provincial
- b) Cada comunidade tem um religioso e/ou religiosa referente para o acompanhamento pessoal dos(as) jovens
- c) Por meio da convivência em grupo
- d) Os(as) jovens residem nas comunidades religiosas por um período determinado antes de iniciar a etapa formativa
- e) Visita às famílias
- f) Visitas às paróquias e/ou comunidades que os candidatos(as) participam
- g) Testes psicológicos, *coachings* e vocacionais

4- São proporcionados momentos dos (das) jovens participarem da missão da Vida Religiosa Consagrada?

- a) Sim
- b) Não
- c) Outra

5- É proporcionado aos (as) candidatos(as) experiências missionárias e/ou voluntariado?

- a) Sim
- b) Não
- c) Outra

6- É proporcionado momentos de convivência dos(as) jovens com as comunidades religiosas?

- a) Sim
- b) Não
- c) Outra

7- São organizadoa encontros vocacionais para grupos de jovens vocacionadas(os)?

- a) Sim
- b) Não
- c) Outra

8- Existe algum material sistematizado para o acompanhamento dos(as) jovens?

- a) Sim
- b) Não
- c) Outra

9- Qual o tempo de duração do acompanhamento realizado com aos jovens?

- a) 1 semana
- b) 3 meses
- c) 6 meses
- d) 9 meses
- e) 1 ano
- f) Durante toda a etapa formativa
- g) Não há acompanhamento

10- Marque as áreas contempladas no acompanhamento dos jovens que desejam se consagrar a Deus.

- a) Desejam de se consagrar a Deus
- b) Seguimento a Jesus Cristo
- c) Carisma Congregacional
- d) Espiritualidade
- e) Participação na comunidade paroquial e/ou de vida
- f) Autoconhecimento
- g) Afetividade e Sexualidade
- h) Dons e habilidades
- i) Catequese
- j) Projeto de Vida
- k) Outra

11 - Existe algum processo de acompanhamento para os candidatos que estão fazendo o discernimento para entrada na Vida Religiosa Consagrada.

- a) Sim
- b) Não
- c) Outra

12 – De que maneira você descreve que é realizado o processo de discernimento?

- a) Presencial
- b) online
- c) Híbrido, ou seja, das duas formas
- d) Não existe acompanhamento
- e) Outra

13 - Que estratégias, recursos e/ou ferramentas são usadas nesse processo?

- a) Entrevistas individuais
- b) Entrevistas grupais
- c) Fichas de atividades da Congregação
- d) Avaliação psicológica
- e) acompanhamento espiritual
- f) Encontros frequentes com grupos maiores
- g) Outra

14. Aborde sobre sua participação no processo de discernimento na VRC:

A) Obstáculos: _____

B) Elementos Facilitadores _____

15. Deixe seu comentário sobre esta pesquisa:

ANEXO C – Transcrição do grupo focal

GRUPO FOCAL PESQUISA ACOMPANHAMENTO DAS PESSOAS QUE BUSCAM A VRC (2022-04-26 04 40 GMT-7) 1.mp3

Coordenadora: Início agradecendo a vocês, pela presença de vocês.

- É, eu gostaria também de me apresentar mais uma vez. Vocês já me conhecem. Eu sou a irmã Edilamar mestranda no programa de mestrado em Psicologia Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos.
- Muitas de vocês, eu conheço da escola de formadores, muitas mesmo, e também da conferência dos religiosos, onde trabalho na formação inicial com alguns grupos.
- Moderadora: Quero apresentar a vocês, a irmã que será a moderadora deste nosso grupo, que também é uma colega do mestrado, irmã Maria José que passa a se apresentar.

Moderadora: Sou Irmã Maria José (...)

Coord.: Agora, a proposta é nos conhecer um pouco, assim faremos uma breve apresentação em que cada fala seu nome, a congregação e o trabalho que realiza.

Coord.: Seria importante a gente fechar os Microfones e abri-los só no momento de falar.

Coord: Quem começa, para nós?

Posso começar. Sou J, sou irmã da congregação das Irmãs Paulinas, moro em Roma já há 8 anos coordenando um curso de formação sobre o carisma da família Paulina, para os membros da família. Da família Paulina, e não só da minha Congregação. Estou contente de estar aqui participando com vocês, conheça.

Sou MA. Sou da Congregação das Irmãs de São José de Cluny. Estou muito longe de São Paulo, uns 600 km. Hoje, já é uma abertura para conhecer mais gente.

Sou a Irmã SCM da Congregação das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Terezinha. Moro aqui, em São Paulo, e acompanho a etapa do pré postulante e a irmã Edilamar faz um trabalho conosco, não é? Já há muitos anos faz com as nossas formandas.

Eu sou Irmã Sonha, das Dominicanas de Santa Catarina de Sena. Moro aqui em Amparo, e eu também acompanho as jovens do postulante e noviciado. Irmã Edilamar há um bom tempo trabalha conosco também. Muito obrigada, pelo convite.

Eu sou irmã R das Irmãs Servas de Santa Terezinha do Menino Jesus.

Eu estou aqui em Roma, e agora estou voltando do Santuário de Genazzano. É porque é a mãe do Bom Conselho, padroeira da nossa congregação.

Estou retornando para Roma porque faço parte do conselho geral e também acompanho, o setor formativo no meu Instituto.

A Irmã Edilamar, é uma grande amiga e presta uma grande ajuda para o nosso Instituto. Nós fizemos a reelaboração do nosso plano de formação, e ela nos ajudou. Eu a agradeço muito e é com muita alegria que estou aqui.

Eu também estou aproveitando dessa oportunidade, aqui da Itália, e meu nome é irmã Z, e sou também Carmelita, Missionária de Santa Teresa do Menino Jesus. Atualmente, não estou mais na formação. Elegeram-me para o conselho geral, aqui sou conselheira geral. Sou responsável pela pastoral da Juventude, que é em âmbito geral, e da economia, mas já trabalhei, mais ou menos 10 anos, na formação. Há muito tempo que também conheço a Irmã Edilamar nos encontros da CRB, de São Paulo e agradeço-a também por esse momento. É muito bom rever vocês.

Eu sou irmã M.F. Moro aqui em Pindamonhangaba e já trabalhei na formação. Também eu fiquei feliz, irmã Edilamar, de receber o seu convite. Hoje, não estou diretamente na formação inicial. Eu também fui eleita e estou à frente da Província, e estou aprendendo também nesse serviço.

Meu nome é irmã G. Sou da Congregação das irmãs Missionárias do Sacro, Costato de Nossa Senhora das Dores. Moro no Taboão da Serra, SP, e no meu primeiro ano de Juniorista fui acompanhada pela irmã Edilamar, assim como outras irmãs da Congregação. Ela tem sido para nós, esse ponto de apoio. É um prazer estar aqui.

Eu sou irmã A, moro atualmente em Belo Horizonte. Sou do Instituto religioso Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento, conhecido popularmente, como: “Toca de Assis.” Somos um instituto novo. Estamos aprendendo ainda muita coisa e, graças a Deus, ele coloca os Anjos na nossa vida e a irmã Edilamar é um desses.

Hoje eu estou acompanhando as aspirantes do nosso instituto, também ajudo no acompanhamento de algumas vocacionadas e também faço parte da equipe formativa do Instituto. Estamos ainda aprendendo a nos estruturar, nessa questão formativa. Então é uma alegria estar aqui, com muita gente experiente, desejando aprender.

Esta aqui a irmã SCI, mas sua câmara não está aberta deve estar vendo alguma coisa, pois disse que vai participar

Bom dia, a todas. Eu peço desculpas, porque não estou conseguindo escutar quase nada. Eu estou com um problema aqui na conexão, mas vou tentar me apresentar. Sou irmã ME, Dominicana de Santa Catarina de Sena. Trabalhei como responsável pelas postulantes e, atualmente sou responsável pelas junioras da nossa Congregação e também pela promoção Vocacional. É uma alegria muito grande poder participar, e espero conseguir resolver esse problema, para escutar melhor. Desculpem, obrigada.

Coord: Acho importante colocar novamente o tema sobre a nossa pesquisa para entenderem o contexto do nosso grupo.

- Então, assim, eu vou compartilhar a tela.
- Assim contextualizo esse convite para o grupo focal. O primeiro, o convite para responder ao questionário estruturado, depois o convite para o grupo focal.
- Esta pesquisa está inserida no Programa de Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento de Políticas Públicas. Eu sou a mestranda, a minha orientadora, professora Hilda, que muitas pessoas já conhecem pelos cursos que ela tem dado dentro da CRB, a partir da nossa pesquisa, o tema da minha pesquisa é esse: “Vida Religiosa Consagrada, as escolhas, os caminhos: um estudo sobre a orientação vocacional para a Vida Religiosa.

- Trago, como problema, como pergunta o que está me instigando para toda essa busca é: “A dimensão subjetiva é um fator essencial na decisão consciente, na escolha vocacional da vida religiosa consagrada”.
- Quando eu falo a questão subjetiva, eu estou falando dessas questões humanas, das questões psíquicas, disso tudo que a gente não vê mas, a pessoa que se sente chamada à Vida Religiosa, traz consigo. Basta só fazer um acompanhamento? A gente ir visitar? A gente conhecer a família, só isso basta? Por isso, trago essa pergunta na pesquisa.
- E eu trago a hipótese, de que “A dimensão subjetiva presente no processo de escolha vocacional para a vida religiosa consagrada promove uma decisão mais consciente.”
- Eu tenho os objetivos gerais que são: “Descrever e analisar a efetividade do processo de orientação vocacional aplicada aos candidatos à Vida Religiosa. Então, por isso, é que eu pedi o questionário, eu vou trazer presente, vou descrever e vou analisar. E o segundo objetivo é: “Propor um itinerário de orientação vocacional que contemple essa dimensão subjetiva da pessoa” visando uma escolha mais consciente.
- Os objetivos específicos são fatiados do objetivo geral, e vão na mesma linha. Eu vou descrever o processo da orientação vocacional que é aplicado aos candidatos. O Segundo é, eu vou levantar estratégias para a orientação vocacional que contemple a dimensão subjetiva desse processo.
- Então, essa pesquisa é uma pesquisa e está sendo realizada com os formadores, ou com pessoas que realizam o acompanhamento vocacional dos candidatos, e o intuito é compreender como é realizado esse processo de discernimento vocacional, visando a construção de uma proposta específica para o acompanhamento vocacional.
- Então, se desenvolve rapidamente. Essa é minha pesquisa para vocês entenderem o que eu estou fazendo aqui, o que está acontecendo? Como é isso?
- Agradeço, vocês, por contribuírem na primeira parte da pesquisa respondendo ao questionário e, nesta segunda fase da pesquisa, que é a realização de grupo focal, nós vamos conversar um pouco como sobre está sendo realizado o acompanhamento.
- O Objetivo é a gente poder colher mais informações sobre esse acompanhamento formativo. Então, num primeiro momento, nós teremos um tempo para conversar sobre o que está sendo realizado no acompanhamento. E depois, no segundo momento, podemos ver as sugestões, o que pode melhorar no processo de acompanhamento.
- Então, vamos à primeira questão: Qual é a realidade do acompanhamento, para os que estão interessados em ingressar? Como é feito? Quais os avanços? Quais as dificuldades encontradas nessa área?
- Cada uma se manifesta como quer. Todas são convidadas a falar, por isso, o número de pessoas não é muito grande, para que todas tenham oportunidade de falar, de se colocar e interagir uma com a outra. Para falar, é só usar a mãozinha que está aí na plataforma mostrando que deseja falar. Se a outra está falando, e você quer fazer uma inferência, alguma colocação é só utilizar o recurso; assim, a colega já sabe que você quer fazer alguma colocação.
- Então, já abro a questão, o meu intuito e o da irmã M. J. é de escutar, escutar vocês.
- No Chat a SC está questionando se a pesquisa se refere apenas ao acompanhamento dos que querem entrar ou se não poderia se estender às etapas de postulado e noviciado. Sim, eu vejo que o acompanhamento para as pessoas, ele vai até o noviciado, mas, o postulado é um grande momento de discernimento daquele que ingressa. Mas sabemos que na formação inicial o acompanhamento é parte essencial.

- Então eu estou entendendo isso, e quero que deixar bem claro para vocês, que eu tenho esse entendimento, pois a todo momento se faz esse acompanhamento. Não é só lá, na entrada. Quando o jovem entra no postulado, é um grande momento da gente poder ajudar a fazer o discernimento e aí temos a oportunidade de ajudá-lo a trabalhar questões subjetivas para dar uma resposta mais consistente, mais consciente, mais clara, não é?
- Vejam, alguém abriu a câmera e a gente já se apresentou. Você quer se apresentar? Quem é você? Onde você está? A tua experiência na formação, por favor.

Eu sou Irmã SCC, estou em Morungaba. Cheguei atrasada porque estava em outro compromisso online e não quis deixar de vir, porque para mim é muito importante este grupo, porque vejo fundamental esse acompanhamento no postuladado que é uma etapa, muito importante na formação. Assim eu agradeço o convite. E penso que é uma Riqueza para todas nós participarmos desse grupo. Obrigada.

Eu também acompanho algumas jovens que não estão diretamente no postuladado, são vocacionadas, vamos dizer assim, ou pretendentes à vida religiosa, e o desafio é realmente chegar. Essa questão da subjetividade, o que realmente, elas querem? Quais são as convicções que as levam a pedir para entrar na vida religiosa? Para fazer o acompanhamento, ou mesmo para descobrir se realmente é isso que elas querem, é um desafio. E fazer o discernimento, é outro desafio porque às vezes não sabem exatamente o que querem.

E também penso que é próprio da época, os jovens começarem uma coisa e desistirem e não saber exatamente o que querem.

No caso das postulantes, que já estão nesse processo, quando adentram no autoconhecimento e começam a acessar a história, descobrem um pouco de suas questões, tomam contato com as motivações, com o porquê, que realmente estão aqui, porque escolheram esta vida, parecem que se decepcionam. Depois fazer a segunda opção pela Vida religiosa, se reestruturar dentro processo de formação, é um desafio.

Quero dizer que, quando descobrem as reais motivações, como por exemplo, que vieram por medo do casamento. Fazer depois uma nova opção é um caminho ainda um pouco difícil, ou bem difícil mesmo. Reestruturar esse novo modo de você sentir, de viver a vida religiosa, de viver o seu chamado.

Mas estão abertas, pelo menos é o que eu percebo. Assim, as jovens estão muito abertas a esse autoconhecimento. Há também esse grande interesse da parte delas, de se conhecerem e sem saber se realmente aqui é o lugar delas.

Nós, na congregação fazemos o processo, mas não é o do acompanhamento vocacional.

Eu já trabalhei como promotora vocacional liberada pela congregação. Fiquei seis anos contínuos na pastoral vocacional; continuo nesse meio e a gente nunca sai, sempre atua na mesma atividade. Assim fazemos todo o processo de acompanhamento e, primeiramente, é o conhecer de onde a jovem vem, de que lugar, de que família e isso se dá com visitas para o conhecimento da jovem, dentro do convívio familiar, do convívio paroquial, no contexto de igreja que participa, que atua. Feito este primeiro passo do conhecimento, iniciamos o processo de acompanhamento vocacional. Aí procuramos ajudar a jovem no processo de discernimento, dando possibilidade à jovem para entrar e ver o que realmente ela quer, qual é sua própria opção.

Isso se dá no momento em que ela ingressa e já está na congregação. É este compromisso que nós já temos com elas, o compromisso de estar acompanhando-as mais de perto

Quando se fala da questão da subjetividade, eu vejo essa grande abertura das jovens de querer realmente fazer esse processo do autoconhecimento. Vejo como um grande avanço, esse querer conhecer-se para se doar.

Atualmente, eu estou acompanhando o pré postulante no qual fazemos o acompanhamento dentro, ou seja, a jovem entra na VRC, e aí está um momento bem delicado do acompanhamento: a jovem sai de casa e entra para o convívio dentro da congregação. Como ajudar a fazer esse corte do cordão umbilical, para fazer com autonomia sua opção?

Dentro deste contexto, vemos que é um desafio para a jovem estar dentro da vida religiosa, estar num outro contexto familiar ou se adaptar a uma família religiosa que é também um significativo desafio. Hoje, a questão das redes sociais, as dificuldades da família... fazer o acompanhamento é um processo minucioso, ter presente a individualidade, respeitando o caminhar de cada uma.

Também, não deixo de colocar que a Vida religiosa não é um mar de rosas, e que também nós temos os nossos defeitos e somos uma comunidade de irmãs que buscamos viver bem nossa entrega a Deus. Não somos perfeitas, estamos em busca de sermos cada dia melhores e é esse o caminho que vamos fazendo com elas, no dia a dia.

Vou basear-me no tempo que eu atuei na pastoral, seja na orientação, no acompanhamento das vocacionadas e seja no postulante, porque hoje eu não estou acompanhando etapas. Então, o que eu digo é em base daquilo que eu já fiz. E em base, sobretudo, ao que eu acredito, também fazia e praticava em termos de acompanhamento. É muito importante ver como Deus aparece na história da pessoa, sua experiência de Deus. Ver a experiência que a pessoa faz. A experiência da jovem ou do jovem é a sua história real. Como ela é, não como a pessoa imagina, ou idealiza a sua história ou até quer contar. Mas como é a sua história? A história normal, não é? A história desde o nascimento. São as primeiras relações. Ver se aparece a questão Deus, porque quem chama é Deus. Não é a pessoa que quer inventar um ideal ou quer pertencer à vida consagrada ou quer ser uma religiosa.

Como disse, irmã SMC, é importante ajudar a jovem ver o que quer (O que eu quero?) A pessoa quer ser religiosa, não é? Então, muitas vezes eu, na minha experiência, eu encontrei muitos casos, de pessoas que têm muita dificuldade com a identidade sexual.

Que faz questão de dizer que tem vocação para Vida Religiosa, acham que a vocação está clara, está muito clara e tem uma insistência muito grande neste sentido.

Por isso, é preciso escutar, escutar a história da pessoa, como a história é, e não com fatos irrealistas, sem se buscar muito essa questão de ideal de vida, porque idealizar a vida é muito fácil. E todos nós idealizamos bastante e a idealização é uma fuga. Nós sabemos, não é? Uma fuga da realidade.

Então, assim escutar, escutar a história da pessoa para mim é fundamental. Ali está a parte subjetiva.

E a pessoa não sabe. E a parte objetiva também. E no caso do chamado, a parte mais objetiva é se tem Deus que chama, porque às vezes a pessoa quer ser religiosa e já está lá no noviciado,

tem uma linguagem religiosa, mas não tem chamado de Deus. Tem um discurso religioso idealizado, mas não tem sinais de chamado.

Então, muitas vezes me deparei com essa realidade de escutar a história de uma pessoa e não ver nada de chamado porque não aparece em fatos. E quando perguntava, eu lhe dizia: olhe a sua vida, a sua experiência, tem uma linda busca de Deus. Mas um chamado de Deus não consigo perceber e é difícil, muito difícil isso.

Encontrei situações difíceis, mas ouvindo a história da pessoa, a história não tem contradição. A história é o que é, não o que eu invento, o que eu gostaria. Então eu creio que, é isso o importante. A história é o lugar de Deus.

Obrigada, para mim, é importante falar isso. Não é porque a irmã J, ela é do tempo que a gente ia nas Na

Bom dia, mais uma vez, agora estou escutando melhor vocês. Olhem, eu estou achando muito interessante e eu queria também colocar. Eu penso que, como vocês falaram, o principal, o tempo muito importante do discernimento é o postulante. Mas assim.

Eu vejo que na verdade, o acompanhamento é um processo que exige tempo, tempo da jovem confiar na formadora, assim a gente tem que ter uma paciência muito grande. E então, o que eu observei, por exemplo, no segundo ano do postulante, a história delas muava muito.

A versão que contou ou escreveu na primeira vez, no primeiro ano, mudou no segundo ano. Dava para perceber que existe um medo de revelar a história para formadora. Talvez pensasse no que falar e se a formadora iria compreender e ajudar.

E assim, eu vi que minha missão naquele momento era ajudar a jovem a encontrar também o seu lugar no mundo, o seu lugar na igreja. Quando uma jovem se deixava acompanhar aceitava fazer o processo, algumas viam que ali não era seu lugar e saíram felizes, claro que na hora era conflitivo mas depois percebiam.

Existem resistências e a gente tem que ter tempo, porque a pessoa procura passar uma outra imagem.

Existem casos também, depois dos votos perpétuos. Depois que descobriu que tinha um problema afetivo, que foi passando por todas as etapas de formação e depois descobriu que realmente não era esse o seu lugar.

Um momento forte de acompanhamento e de discernimento é o postulante, mas já, na animação vocacional, desde quando a jovem nos procura, nós temos muito bem organizado o processo de acompanhamento. Interessante que, num dos nossos roteiros de acompanhamento on-line para jovens que estão iniciando, uma das perguntas é, descreva pormenorizadamente tudo, desde a sua gestação até agora. Então falei, nossa, isso também depende, não é? É uma coisa que a gente tem que ter é paciência porque tudo depende da maturidade de cada uma. Mas eu vejo que é um processo e que é preciso ter confiança e a gente está para ajudar que ela descubra qual é o lugar, ou o que é que Deus pede a ela para que se realize.

Então tem que ter muita paciência, muita oração.

Tantas experiências bonitas, é de verdade. A formação é, é um Tesouro nas nossas mãos. E o desafio é constante. Ouvindo as Irmãs que já falaram, eu pensava, a questão da motivação, ou

das motivações que as jovens trazem e também a questão de já chegarem prontas e, queira ou não, o trabalhar com sua história que é sagrada.

A irmã ressaltou a questão de Deus na história, daí a importância com a história tendo presente que a história da pessoa é sagrada. Assim, na etapa do postulando ajudar a desconstruir as imagens e deixar Deus moldar novamente esse barro da própria história. É um desafio muito grande.

Ouvindo, cada uma de vocês, o nosso processo de acompanhamento no postulando é de dois anos e, em nossa cabeça vamos criando fantasias, nós criamos imaginações, mas a questão é que a jovem chega com todo um contexto formado e a história, o contexto já da nossa história social, política, econômica, antropológica, tudo isso, é influência. Sem contar esses contextos de redes sociais.

E a história tem muitas nuances e muitas vezes parece que a pessoa a encoberta e tantas coisas vão tocar esse coração da história.

É muito desafiador.

E como a gente tem que fazer isso? Como é que se faz? Tocando devagar, com muito carinho, com muito cuidado e, às vezes a gente não tem a paciência histórica nas etapas, e vamos passando para a próxima etapa. Assim vamos queimando as etapas.

E no queimar etapas, às vezes, acontece isso que nós já ouvimos dizer, que chegando o tempo de fazer os votos perpétuos, a jovem falar que a sua caminhada não é essa. Então, ajudar a jovem, fazer o processo é um desafio muito grande. Requer de nós, formadoras, muito discernimento, o nosso apaixonamento por aquilo que nós abraçamos, que é a vida consagrada é saber, é estar inteiro naquilo que nós abraçamos como religiosas e para ajudar nesse processo.

E, nem sempre, eu e não sei vocês, mas devido todas e tantas coisas que fazemos, a gente acaba deixando a desejar um pouco no trabalho do acompanhamento. Assim, é importante poder contar e ter outras pessoas nos ajudando nessa caminhada. Eu digo, profissionais confiáveis, porque a história como a gente já disse, é sagrada. Então, não é todo mundo que toca isto.

No acompanhamento, sempre digo às jovens que, o importante é que se descubram e sejam felizes. Não é que sejam religiosas, porque a nossa vida não é uma vida para viver de forma amarga e de cara amarrada, mas é uma vida de entrega e entrega por inteiro na Alegria.

E os desafios são tantos aqui e onde ela for, e o mais importante sua vida, na sua caminhada, é que você se por inteiro.

É um desafio grande, também ter essa postura, diante da carência de vocações que nós vivemos.

É um desafio que outras pessoas entendam isso, porque a jovem chega e o desejo de todas é que a jovem permaneça, ter muitas vocações, muitas irmãs, mas não adiante ter pessoas que não se sintam felizes e ajustadas.

É muito bom ver a riqueza da partilha de cada uma que já falou

Eu vejo assim, tanto no trabalho de acompanhamento como depois que a jovem, entra a necessidade de, entre a equipe ter comunhão, quem acompanha a jovem para e entrada, a equipe de formação que vai acompanhar a jovem depois que entra e também essa comunhão Conselho geral ou Governo provincial, comunhão de saber onde se quer chegar ou pelo menos, o desejo,

nesse acompanhamento, de saber aonde chegar. Ver a importância de trabalhar juntas este lado humano

Hoje em dia, não são muitas vocações que saem, nem às vezes é a questão da vocação em si, mas é a questão desse lado humano mesmo, que às vezes ainda não foi trabalhado.

São as irmãs falando que no postulante é importante trabalhar a história. E como é importante, pois, eu já ouvi, irmã de 70 anos partilhar hoje, uma situação que às vezes poderia ter trabalhado lá no comecinho. Então, meu Deus do céu, é uma coisa lá da infância e como pessoa aos 70 anos ainda está segurando, vai levar isso para o caixão. E eu perguntava: você vai levar isso para o caixão? E qual a disposição de se abrir para uma mudança. E de se abrir a essa palavra para desconstruir. Parece que mesmo com essa idade, a pessoa não está aberta

Então, é um desafio. É um desafio também para a gente que está na formação, que tem horas que nós também, de repente precisamos desconstruir algumas ideias formadas, pois pensamos de um jeito e de repente surge tanta coisa e você tem que estar aberto ao novo também, ao novo da jovem.

Uma das coisas que fiquei pensando, escutando vocês falar do postulante, para nós é muito forte trabalhar a história, mesmo que a jovem já comece lá no acompanhamento, antes de entrar ou no aspirante, mas nessa etapa do postulante é muito importante rever a história e rezar essa história. Eu pude fazer experiência com jovens de orientar para olhar o que lembra da história e ir revendo parte por parte, mesmo antes da concepção, na gestação, o que ela lembrar da infância, e assim rezar cada momento e rezar junto com elas para ajudar a curar as feridas.

Portanto, não basta só saber da história. Eu vejo assim, de repente, ela pode relatar a história, mas a ferida está, muito presente nessa história ou na pessoa.

E ainda assim, sinto que por mais que a gente trabalhe um ano no postulante, ainda é pouco esse trabalho com a história, assim precisa continuar ao longo da formação.

Outra coisa, que me chama atenção quando a pessoa trabalha a história, quando chega no postulante no primeiro ano e no segundo ano do postulante, no noviciado, no juniorato aquela história ou o jeito de ver a mesma, às vezes já mudou. Há coisas que realmente, mudaram.

Aí, até que ponto a pessoa tem a consciência de ver realmente o que é a sua história. O que assimilou da sua história? O que acolheu da própria história? O que rejeitou da sua história?

Então, isso é um desafio. Eu sinto que é um desafio, mas também não deixa de ser uma graça, porque a gente se coloca nesse trabalho junto com a formanda e, automaticamente, vamos trabalhando a nossa história e a nós também. Não estamos prontas.

O ajudar no sagrado da jovem é esse processo da confiança. Isso é muito sério. A gente pode conseguir que ela tenha essa abertura, mas também não ter confiança e abertura. E como lidar com tudo isso? Também não é tão simples.

Estou acompanhando, com toda atenção, toda essa partilha, e realmente é um trabalho que nós temos, uma missão que é muito desafiadora, que nos coloca assim, muitas questões.

Essa questão das motivações, que já foi dito, está sendo compartilhada essa questão. O que a pessoa busca? E o que eu percebo também muitas vezes são fugas. Não que a gente precisa ir muito ao fundo de tudo isso.

Eu sinto dificuldade porque estou muito longe dum lugar onde tenha recursos para receber também essa ajuda. Quando nós tínhamos a casa de formação, aí em São Paulo, era bem fácil para uma jovem receber logo essa ajuda, também de profissionais.

Mas aqui, onde estamos, na diocese de Marília, é bem, bem distante, uma cidade muito pequenina, muito carente.

E eu fico imaginando, é uma das minhas preocupações. Como fazer para proporcionar uma ajuda mais profunda para a jovem?

Preciso fazer muita mudança. É um quebra-cabeça para poder trocar uma daqui, outra para lá, para poder ver quem que vai ter essa possibilidade de se trabalhar o mais urgente possível.

Então, eu sinto essa, essa dificuldade, e vejo que é uma necessidade. Nós sabemos realmente o quanto é importante. Nós precisamos ajudar essas jovens a fazer esse discernimento profundo, a acolher a sua história, a fazer todo esse processo que nós estamos aqui pensando e refletindo. Porém, muitas vezes, eu, na minha realidade, me sinto assim como muita incerteza. Como fazer para poder dar essa possibilidade?

Na realidade de minha congregação, estamos em lugares que não têm acesso a uma ajuda tão próxima. Eu teria que viajar. Mas eu vejo, vou fazendo aquilo que posso, dentro daquilo que entendo que é o processo formativo.

Percebo essas necessidades da história pessoal de cada uma, porém, essa ajuda é uma coisa que me preocupa.

Quando alguém nos procura para conhecer a nossa congregação, também quando se toca no assunto de fazer um trabalho de autoconhecimento, mostram resistência e não querem. Não sei se vocês têm essa experiência. Precisa da paciência, como que foi falado.

E não faz muito tempo, que uma irmã já de votos perpétuos, foi convidada a fazer esse caminho e ela foi, mas quando a coisa começou a fluir e chegar nos eixos da questão, ela caiu fora. Então agora a gente percebe que a pessoa fugiu de si própria.

E você faz o quê num caso desses? A pessoa continua com os seus problemas, suas dificuldades e teve a chance de melhorar. Então é muito desafiador para a gente que está com essa responsabilidade de cuidar, de formar. Às vezes, eu perco o sono, pensando como fazer para dar essa possibilidade e ver também a pessoa se abrir a essa proposta tão necessária, tão essencial.

Para mim, esse é o desafio maior porque entendo o quanto vai fazer bem para a pessoa, pois a ajuda no testemunho, mas a pessoa pode não querer. Não estou me referindo às pessoas que estão entrando pois estão na formação inicial de aspirantado, postulante, mas as irmãs que já estão mais diante e não conseguem pegar a oportunidade de se trabalhar. A preocupação é querer dar essa mão, mais essa ajuda para a pessoa.

Agradeço a partilha de cada uma, as alegrias e as preocupações, como a irmã falou que perde o sono, eu já me senti incluída.

Faz pouco tempo, que eu estou ajudando na formação, a nossa Congregação é de origem italiana. Tivemos muitas mudanças na formação mudaram as formandas bem como as formadoras, faz só um ano que estou na formação.

Para mim, é uma graça e um desafio diário. É uma graça poder ajudar a jovem a se abrir para Deus, a conhecer a comunidade.

Mas é um desafio quando eu penso assim, que nós temos 4 jovens, hoje na comunidade: 2 são vocacionadas, uma é aspirante e a outra postulante. E mesmo que elas estivessem na mesma etapa, para mim, o desafio é que a medida de uma, não é a medida para a outra.

É essa paciência que Deus tem comigo, essa paciência que o Senhor, vai me conduzindo no dia a dia para eu, por primeiro ir me abrindo e vendo a necessidade dessa jovem.

É um desafio, porque a nossa casa de formação hoje, ela está dentro da casa de retiro da nossa Congregação.

Então eu percebo, assim que preciso ajudar essas jovens crescer nessa amizade com Deus, nesse autoconhecimento de si. Hoje, temos quatro jovens e três delas já estão fazendo terapia. Então é perceber também essa passagem da família para a comunidade. É algo também que requer muito de nós, como irmãs, como comunidade de estarmos mais abertas para acolher estas jovens, mas também é aquele desafio do educar. Nem tudo é sim, e nem tudo é não.

Entra o equilíbrio, não é? E assim como eu também sou nova na formação, então, para mim, em alguns momentos eu vejo a formação mesmo como esse desafio, mas um desafio positivo que primeiro me faz sair de mim, me desconstruir para construir e, ao mesmo tempo ajudar essas jovens a se abrir para Deus.

Bom participar deste grupo e foi me dando uma esperança e ao mesmo tempo, um desespero. É esperança de ver que com a graças a Deus não estamos sozinhos, tem desafios e estamos em comunhão. Ao mesmo tempo, ouvindo as partilhas das senhoras, vejo luzes de como podemos melhorar.

Mas, assim partilho com as senhoras, um grande desafio nosso, institucional, que nós somos um instituto novo, então temos muitos desafios. Um entre eles, é a formação das próprias irmãs?

Então hoje um grande desafio nosso é a formação das próprias formadoras porque somos irmãs novas que temos buscado sim, pela graça de Deus mais formação e a irmã Edilamar tem nos socorrido neste sentido.

Temos buscado a escola de formadores e mais leituras e estudos, mas mesmo assim nós percebemos como que é difícil, ter uma irmã que acompanhe, que ajuda nesse processo, de ajudar as jovens que nos buscam e as formandas a encontrar sua verdadeira motivação, a entrar na história e trabalhar história. Não só ouvir a jovem e não só passar de etapa mas ajudá-la a se trabalhar.

Então isso é um grande desafio nosso, é tentar fortalecer as próprias irmãs, as próprias formadoras, para que fazendo um bom processo pessoal, possam ajudar as próprias irmãs e formandas.

Tanto que até agora. Para o serviço de animação Vocacional específico, é uma grande dificuldade conseguir uma irmã. Nós que até que somos um número bom de irmãs, mas todas

muito bem ocupadas, então aquelas que tem maior tempo, uma maior experiência no acompanhamento não conseguem se dedicar tanto, então a acabamos tendo esta dificuldade, esse desafio de formar boas irmãs para serem formadoras.

E de ter essas irmãs para ajudar no acompanhamento, especialmente do Serviço de Animação Vocacional (SAV). Hoje na equipe para nós está um pouco manco. Por essa falta de irmãs que consigam ajudar.

Então essa é uma grande dificuldade nossa.

E também uma coisa que à medida que as senhoras foram falando, eu fui pensando aqui no desafio que eu tenho hoje e com o grupo de aspirantes, e no nosso caso acho que algumas congregações não tem pois nós temos um ano de aspirantado, dois anos de postulado e dois anos de noviciado.

E às vezes, parece que todo esse tempo formativo ainda é pouco, e temos os problemas com irmãs como nos falaram as irmãs que acabaram de falar.

Eu tenho percebido que essas jovens que estão chegando do acompanhamento vocacional a gente percebe uma geração muito sensível, jovens muito frágeis e como alguém falou, vem pronta, vem com o diploma, vem com profissão e sabe resolver muitas coisas fora, sabem? Daí da ideia, sabem fazer críticas, mas que não sabem se relacionar entre si que às vezes um pequeno desentendimento já tem uma crise de ansiedade, já fica numa dificuldade tão grande. Então para mim também esse grande desafio. perceber como que essa geração, como que essas vocacionadas que estão vindo são tão sensíveis emocionalmente. Parece que é qualquer coisa vai quebrar, trazem dificuldade na relação, no trato. Esse é um grande desafio que eu estou tocando aqui.

Acho que é isso. Muito obrigada ir Edilamar pelo grande auxílio que a Senhora dá a nossa família religiosa.

Nossa, muito obrigada, Ângela. Muito obrigada pela sua participação, está.

Coord: Agora temos a presença integral da irmã RSST que estava dirigindo você agora está aqui e pode dar sua colaboração sobre o tema do acompanhamento.

Obrigada, eu agradeço também a todas, a Riqueza que vocês trouxeram tem que estão oferecendo e de fato quando a gente ouve, a gente lembra, da nossa realidade.

Eu gostaria de entrar rapidinho na exposição aí da irmã Ângela, quando ela falou da a preocupação de formar e ter formadoras que é também dificuldade nossa.

Mas nós estamos, eu estou no segundo mandato aqui do governo geral, trabalhando com a formação e no primeiro mandato foi um pouco sofrido, porque trabalhar com a formação em geral do instituto é cada uma fazia por si, mas deixando-se com certeza é guiar por Deus pela situação.

Não é que cada uma conseguia fazer o processo de acompanhamento e formação sozinha, assim no último capítulo geral, nós decidimos de fazer algo juntas, mas nós não somos uma congregação grande assim então nós pensamos em nos ajudar.

De fato, a carência é grande e nós notamos seria preciso dar atenção a preparação das formadoras.

Então nós começamos com a deixar a palavra para cada formadora a querer ouvir as dificuldades, seus desafios e foi aí que nós percebemos essa necessidade seguir juntas e de colaborar naquilo que nós podemos umas com as outras e formamos uma comissão Internacional e formação de equipe de formação.

Nós tivemos muitas perdas, irmãs, de jovens junioristas e nós decidimos que seria melhor fechar as portas para as vocacionadas principalmente em algumas missões principalmente em Madagascar por falta de um bom preparo das formadoras.

Nós decidimos de fato de fechar para acolhida das candidatas para favorecer antes uma boa preparação das formadoras e depois é podermos assim estar ajudando no acompanhamento das jovens que nos procuram para fazer esse caminho e conhecer a vontade de Deus na vida delas e para isso pedem a ajuda nossa.

No Brasil nós tivemos aí e temos uma grande ajuda com a irmã Edilamar de fato é o nosso braço direito na questão da formação humana e da pastoral vocacional. Mas, sobretudo, nós queremos dar o postulante.

E nós percebemos que toda essa questão de ajudar a jovem a olhar a própria história a própria vida, o escrever, falar é o que tem nos ajudado muito também na convivência. Então, de fato, é a primeira fase no aspirante.

Nós também temos aspirante e o postulante, então é ali que de fato é vai acontecendo esse processo de confiança.

Da parte da jovem é a abertura, o sair do ideal, de ver a minha família como perfeita, porque o medo de se deparar com a própria fragilidade, com a própria fraqueza, o medo de dar nome, de verbalizar pensando no que vão fazer, o que vão pensar

Então nós percebemos que é de fato a experiência, esse processo de confiança, introduzindo-as também nessa grande história de Deus que acompanha o caminho humano de cada uma, a história pessoal de cada uma, mesma onde elas se sentiram sozinhas, abandonadas Deus as acompanhou com o seu amor com a sua presença e tão. às vezes, para algumas, é muito doloroso esse processo, mas nós temos respostas muito bonitas.

Temos irmãs que estão lutando nesse caminho nesse processo de Liberdade interior que você percebe que dá alegria de ver que a pessoa está sendo a protagonista da sua história, ela e Deus. Protagonista do seu caminho vocacional e

Então, de fato, nós decidimos de nos ajudarmos, como formadoras, dentro da congregação, sendo uma congregação pequena, auxiliadas pelas ajudas profissionais, né?

Assim temos psicólogos alguns casos psiquiatras. Vimos também a importância do conhecimento cultural, somos uma congregação pequena mas temos essa interculturalidade então a importância desse processo na aceitação de cultura.

Diante de tudo isso é que estamos dando pequenos passos. Já conseguimos ver alguns sinais assim de Esperança. Agradecemos de fato, toda essa ajuda que a gente é está recebendo.

Uma irmã estava falando da dificuldade de formar formadoras por ser um instituto novo, mas isso não é um privilégio dos institutos novos também nós com fundações mais antigas temos também esses desafios.

E mas nesse tempo que eu fiquei na formação sempre trabalhei no pré postulante e postulante e sempre acompanhei o período de adaptação, quando vem da família e iniciava com a parte de formação humana.

Eu vejo um dos desafios durante esse tempo. Experiência com os jovens que vêm com um algum problema de estrutura psicológica e interessantes, que são aquelas que têm mais certeza da vocação, são aquelas que nós percebemos que não têm condições por algum problema estrutura de personalidade.

Ai é preciso fazer esse caminho de ajudar a jovem a se perceber e ajudar a ver que sua vocação não é a vida consagrada.

Outro desafio que encontramos hoje é da jovem querer assumir compromissos permanentes ou de longo prazo embora já entrem com mais conhecimento, mais preparação intelectual, profissional, trazem consigo também grandes fragilidades na área afetivas

Tem também o desafio de saber trabalhar com as novas gerações. À medida que também vamos envelhecendo, vai se tornando difícil o trabalho com as novas gerações.

Vou indo assim, acompanhei já algumas gerações, como que de uma para outra, como muda, não é? É? Vem novos desafios, é?

Sim, então acho que cada vez mais é desafiante a questão de estrutura, de família, de tantas outras questões. Mas é, eu sou muito grata por esse tempo que eu passei na formação, que também foi uma oportunidade de aprender bastante. A formação nos ajuda muito, porque também nos e impulsiona a buscar, a crescer a nos superar.

Então, e obviamente, agora, numa outra experiência, vejo que trabalhar na formação inicial é sempre bom embora tenha seus desafios também mais fácil que do que trabalhar com a formação permanente.

Ainda mais as irmãs que estão aqui na Itália, que o desafio é diferente, estou aprendendo e também em relação a outras países onde nós estamos e aí entra o desafio da interculturalidade, compreender o outro que vem de uma outra família, de uma outra realidade, com outra educação e outra forma de compreender a fé

Um desafio para vida consagrada será no acolhimento e no trabalho dos jovens que vem de famílias homossexuais, dois pais, duas mães e tantas outras realidades na área da identidade sexual.

Essa questão, da ansiedade é muito gritante, hoje, na sociedade também. Pra mim é uma inquietação, porque a fragilidade nos jovens é sentida e é difícil pra gente que tem que lidar com tudo isso.

O que às vezes me inquieta, não é o acompanhamento psicológico, mas, o psiquiátrico que muitos jovens estão necessitam mesmo e essa inquietação não dá para descartar. Como trabalhar isso?

Os jovens que chegam para nós, são sofridos e muitos já sofreram abusos ficando neles essa marca, e nós, recebendo esses tesouros. Como podemos ajudá-los?

O que você tem a dizer?

São dois os grandes desafios na formação: o da identidade e do abuso sexual.

São desafios enormes para quem trabalha na formação. E além desses, vejo como desafio o da frustração. Às vezes a expectativa da jovem é grande e quando frustrada gera ansiedade

Só acrescentando uma rapidamente. As irmãs também falaram que o grande desafio, talvez o maior, seja o da formação permanente. Sim, a formação inicial não acontece no espaço, daí a importância de investir no contexto da comunidade formativa, isto é, o testemunho das irmãs, o diálogo. Que a jovem se sinta inserida na comunidade.

Várias já falaram do desafio de acompanhar as jovens. Estava pensando se o maior desafio é o de acompanhar ou de ser acompanhante. Se realmente conseguirmos ser instrumentos de Deus para saber discernir na história da pessoa, onde estão os seus desejos, que podem ser escondidos ou até inconscientes e onde estão os desejos de Deus. Confrontar estes níveis. Então, na minha experiência, sinto que se eu não me deixo acompanhar continuamente é muito difícil acompanhar.

Achei bonitas as experiências que vocês colocaram, mas queria destacar a da irmã X pela coragem que tiveram de fechar as portas para as vocacionadas e de preparar os instrumentos dentro da própria casa. Parabéns! Achei uma experiência muito iluminadora porque, muitas vezes queremos consertar os outros, quando somos nós, às vezes, eu mesma, instrumentos de Deus, mas desafinadas. Porque, se formos desafinadas, aquelas que forem acompanhadas por nós, também serão. Portanto, quando tenho alguma dificuldade devo me deixar acompanhar e me preparar continuamente para ser instrumento de Deus. Como me deixar ser instrumento de Deus? Esta é a pergunta.

Um aspecto que penso e precisa melhorar é não focalizar o acompanhamento da vida consagrada. Parece contraditório, mas vou explicar. Acompanhar a pessoa para que se encontre na vida, dentro do projeto do amor de Deus, que é infinito e se ela se encontra como pessoa ela vai dar uma resposta coerente seja na vida consagrada ou seja para uma cristã ou casada ou não, mas que seja real, no bem, no amor de Deus.

Concordo com a irmã e é uma necessidade de não apressar os tempos, porque a gente tem muita pressa, até no acompanhamento externo. Essa pressa de chegar em nossa casa quando é necessário acompanhar, mesmo quando alguém diz: a menina é boa, é de família boa... mas quando chega pra nós ela é boa, mas não para a V.C. e a gente não tem estrutura para dizer: ela é boa mas sua vocação é outra. Não ter pressa, ter paciência e não pensar só na necessidade de termos mais gente. A V.R. não é só trabalho, é o "ser" também uma realidade. Ajudar mais a jovem voltar-se para o projeto de Deus em relação a ela. Diria, também, formarmos uma sinodalidade. Por que, o que pode acontecer? Como o processo formativo é longo, a jovem pode dizer: eu vou para outra congregação. O importa é ter a certeza que o acompanhamento é para que a jovem se encontre no projeto de Deus. Qual é o sonho de Deus e onde a jovem pode viver melhor a radicalidade do seu batismo.

Concordo também com a congregação que teve a coragem de fechar "as portas" não porque não queria novas vocações para se preparar. Não é impedir, mas continuar ajudando as jovens para perceber qual a vontade de Deus para suas vidas. E ter a coragem de mostrar a realidade para nossas irmãs, porque às vezes tem a cobrança das Irmãs. Mas como vocês fecharam as portas para as jovens?

São três coisas. Começo pela última, a da informação. Tem jovens que giram por vários Institutos. Nossa Congregação procura saber porque a jovem deixou a mesma, por que procurou outro Instituto. Qual foi a experiência que a jovem teve. Conhecer também a família, conhecer a realidade da jovem antes de entrar, é muito importante para ver os sinais de vocação. Ver as reais condições da jovem, é possível.

Ter a objetividade de ajudar a jovem sair da congregação sem se preocupar com o número de irmãs no momento. Cuidar do processo formativo para que amanhã não ocorram dificuldades por causa das falhas na formação e que geram dificuldades no amanhã da Congregação tanto para a jovem como para as comunidades.

O caminho do aperfeiçoamento em cada etapa porque se o processo é bem feito em cada etapa tem maior possibilidade de aperfeiçoamento no caminho da maturidade no processo vocacional.

O outro ponto é o de testemunho como diz o Papa Francisco, que a maior campanha vocacional é o testemunho. A Congregação cresce por atração e não por propaganda. E nós chegamos à conclusão em nossa Congregação que a maior dificuldade nossa é a formação permanente. Devemos continuar o caminho de amadurecimento pela vida.

Outra questão é a da escuta. Acompanhamento próximo mesmo, não ficar só nos conteúdos. Escutar as jovens, estar presente na vida delas, participar do que elas estão fazendo. Não queimar etapas. Está na hora, já passou o tempo... Não queimar etapas e atenção à integração entre o humano e o divino.

Um desafio em relação à pandemia foi o problema da distância. Mas ao mesmo tempo quanto conseguimos com o uso da internet. Muitos encontros podemos fazer

- Lembro de uma comunidade que dá esse testemunho de dar responsabilidade para elas, de enfrentar juntas os desafios de dialogar, de chamar atenção com paciência é elogiar também, então é importante a gente investir na comunidade formativa, nessa capacidade de diálogo entre nós.

Várias tocaram na questão do desafio de acompanhar, de ter pessoas para acompanhar.

Eu não sei se é maior o desafio para acompanhar as jovens hoje ou se ter acompanhantes que realmente consigam é ser um instrumento de Deus.

Para discernir na história da pessoa onde está os desejos dela que podem ser escondidos e podem ser conscientes. E onde estão os desejos de Deus ajudar a confrontar esse nível.

Então, na minha experiência e também naquilo que eu acredito. Se eu não me deixo acompanhar continuamente, é muito difícil acompanhar.

Eu achei muito bonita as experiências que vocês compartilharam não é especialmente a experiência que a irmã nos trouxe a coragem que vocês tiveram de fechar as portas para as vocacionadas e preparar instrumentos dentro de casa.

Parabéns, eu achei isso uma experiência muito iluminadora, porque muitas vezes nós queremos consertar os outros, mas os instrumentos de dentro de casa ou eu mesma como instrumento de Deus posso estar desafinado, não é? Então, se eu estou desafinada, eu levo o meu grupo a cantar desafinado, não é?

Então isso me tocou muito e porque na minha experiência eu acredito assim, quando eu tenho dificuldade de me deixar acompanhar ou quero me acompanhar por minha conta. Alguém precisa me acompanhar. Eu me deixar ver a luz do outro, né? A luz dos olhos do outro, que é por onde passa a luz de Deus.

E então eu, como instrumento, precisa estar continuamente sendo afinado para acompanhar os outros. Creio que um desafio grande é esse, não é preparar continuamente, se preparar, eu me preparar continuamente

Realmente, porque os desafios sempre tiverem sempre, sempre vão ter agora como eu sou instrumento de Deus no meio dos desafios é que é a pergunta.

Um aspecto que eu penso e acredito que precisa melhorar é não focalizar no acompanhamento na vida consagrada. Parece contraditório, mas acompanhar a pessoa para que ela se encontre na vida e dentro do projeto de Deus que é amor, mas não focalizar para nenhuma estrutura. Não enquadrar a pessoa. Eu vejo que isso atrapalha muito o discernimento.

Há muitas pessoas, quase a maioria, chega nas nossas instituições, nas nossas casas e se enquadram. Elas começam a se comportar como irmãs, como irmãos como padre, se vestem igual e cria já do início essa questão do parecer, mas AO ser da pessoa, ainda não, não é conhecido não nasceu ainda o ser como Deus a vê.

Muitas vezes a gente se sente sozinha porque isso não é uma visão da instituição. No caso dessa questão de não focalizar já a vida consagrada, mas o ser da pessoa diante de Deus, dentro de um projeto que é muito maior do que as nossas estruturas, é muito maior que a congregação, muito maior que a igreja. O projeto de Deus é infinito, o amor de Deus.

Então, ajudar desde o início isso eu acho isso maravilhoso e muito difícil. Nós enquadrámos as pessoas, ela chega hoje a menina, amanhã ela está toda se comportando igual nós nos horários, na forma de vestir, de comer. A gente corrige as coisas externas, mas não conhece o ser da pessoa.

Para mim é um grande apelo de Deus. Para mim pessoalmente no acompanhamento.

Eu Acredito que não é porque é isso que nos convence, é o que eu sou diante de Deus e não o que os outros vêem ou querem que eu seja, ou que eu pretenda ser,

Então, desfocar da vida consagrada e, repito, parece contraditório, mas não é, quer dizer focalizar no projeto de amor de Deus, que é infinito e se a pessoa se encontra como ser real, sua verdade diante de Deus. Ela a pessoa vai dar uma resposta a Deus coerente, seja para a vida consagrada, ou seja, para ser uma cristã ou ou casada ou não casada, mas que ela seja real, no bem, no amor de Deus.

Uma Sônia.

Quero sublinhar sobre a questão também da escuta atenta dessas jovens, um acompanhamento próximo mesmo e não ficar só na formação de conteúdos, mas escutar as jovens e estar presente na vida delas, participando também do que em casa estão fazendo.

E não queimar as etapas, não é achar que já está pronta, então vamos para a próxima etapa. Já venceu o tempo, já está na hora de ir, porque existe também a questão da pressão das pessoas, do peso de pressão que as irmãs da província colocam. E as irmãs ficam na pressão falando: já

está na hora. Quando é que vai para a próxima etapa? Vai continuar ainda? Então não queimar a etapas.

E ressalto também a importância da questão dessa da integração entre o humano e o Divino não só ficar no humano mas também o Divino.

Acho que é isso?

A questão da pandemia no processo de acompanhamento vocacional foi um desafio que ao mesmo tempo que foi ruim, mas trouxe um lado bom nesse tempo da pandemia.

A questão da distância, que nós não conseguimos fazer tantas as visitas às vocacionadas, tantos encontros presenciais, mas ao mesmo tempo, aprendemos a usar a internet, não é? Então, o quanto isso nos ajudou a nos aproximar. E aproximar elas também mesmo morando em lugares tão distantes, então.

Com a graça de Deus. Nós temos conseguido fazer encontros mensalmente. E o quanto esses encontros ajudaram a nos aproximar e conhece-las um pouco, por mais que seja só quando elas vierem que vamos conhece-las de fato e ter um contato mais próximo.

Porque é esse desafio ser contato só virtual, pois é no presencial que a gente consegue tocar e perceber, mas concretamente. O quanto é importante retomar também a constância dos encontros tanto o com o grupo e também as conversas pessoais com a pessoa que acompanha.

Mas não podemos negar que o virtual nos ajudou a ver um pouco das jovens e foi clareando o processo de conhecimento das jovens.

Mas o grande desafio realmente é quando a jovem entra, porque é aí que vai aparecer, aquilo que.

Não é tão bonito escondidinho lá atrás da tela.

O seu.

Falar também.

Como já foi colocado eu vejo a importância de maior conhecimento e dentro do possível fazer visitas na família e também permitir que a jovem tenha essa convivência também conosco.

Lembrei até de uma jovem que a gente estava acompanhando no nordeste online, por causa da pandemia, e ela mesmo disse, agora eu quero não quero mais falar, não, eu quero. fazer a visita, eu quero conhecer presencial. Isso é para dar um exemplo. E assim aconteceu ela foi fazer a visita super animada dizendo que queria ficar uma semana, depois quinze dias e depois do terceiro dia que ela chegou, aparentemente muito aberta e falou que iria embora

E disse: “Eu acho que eu quero é outra congregação, qua vida contemplativa, não. Para nós foi tranquilo porque o importante era ela fazer o discernimento

Mas três meses depois nos procurou dizendo: “ – Agora eu u pensei bem sai na na empolgação achando que era uma coisa, mas aí não era. Eu quero voltar, eu quero continuar o acompanhamento. Eu quero me ver de novo também. É porque eu nunca tinha saído de casa, então assim.

por isso vejo como importante essa reciprocidade de conhecer a jovem e da jovem nos conhecer, conhecer o ambiente que vive na família

Mas é muito importante permitir que ela tenha esse contato para ver como vivemos. Olhar literalmente para nós com qualidades e defeitos

Ter contato com nosso carisma, nossa espiritualidade, como que mais de perto. Isso nos ajuda e ajuda quem nos procura

E eu sinto também uma necessidade também da gente continuasse trabalhando, trabalhar nas nossas comunidades. Que precisamos dialogar. Já que nós vamos receber as jovens pe necessário trabalhar internamente vendo que não estamos prontas.

Interessante o que foi dito foi necessário fechar a comunidade de formação e não receber jovens até que estivessem preparadas. Isso parece estratégia de choque mais ajuda a tomar consciência.

Eu penso que eu, que eu falei da outra vez foi era referente a essa questão que melhorar essa, esse compromisso de investir muito na comunidade formativa, na nossa capacidade de diálogo de ser testemunho, como já foi falado Assim também tudo é sinal do espírito.

Tudo é dom. Precisamos ver o que a gente. pode aproveitar, como a irmã flou que está longe dos grandes centros e percebe a dificuldade de encontrar profissionais. É tão longe dos grandes centros. Uma alternativa hoje são os profissionais que atendam online para suprir um pouco dessa. Essa dificuldade?

Eu vejo que hoje em dia dá para tirar o que de bom o online pode oferecer. A internet pode proporcionar algo de bom como nós estamos fazendo agora nesse instante, E como as irmãs falaram, sem desprezar o presencial.

Concordo investir muito na formação permanente.

Sim, é. Eu dizia que seria tão bom se um grupo das nossas irmãs nas nossas congregações, uma grande parte tivesse essa consciência desse, dessa responsabilidade, da formação.

É porque o que acontece na minha realidade é que muitas vezes é uma luta solitária.

porque ainda todo aquele aquela visão do passado que bastava estar nas etapas e para a frente, como alguém disse aí no nosso grupo não é queimar etapas e eu me lembro de uma experiência que foi aconteceu aqui que me preocupou muito. Foi o caso de uma vocacionada, como só tinha ela aqui, então foi para outro país fazer a formação e assim que nesse processo de acompanhamento muito rápido a acompanhante entrou em contato com a família e com a jovem veio para casa de formação e já foi encaminhada para outro país. Quer dizer, para uma cultura uma cultura totalmente diferente. uma pessoa que nunca havia saído do país. Nunca muito da família. Não tinha nenhuma experiência de ter vivido fora um tempo, então Ela Foi e voltou como Júniora.

E aí logo começou a estudar pois precisa ter um curso profissionalizante e fica para trás o que falamos do autoconhecimento, do trabalho pessoal e assim a pessoa vai levando as etapas para a frente ou queimando etapas. Não sabemos até quando, porque temos essa consciência de que esse caminho de autoconhecimento, de um aprofundamento do acolhimento, da própria história a pessoa não fez.

Então, que segurança podemos ter de um futuro de vida consagrada ou uma pessoa que não teve nenhuma formação nesse sentido?

É preocupante ver que uma ou duas pessoas sabem e entendem que é necessário tempo, que é necessário processo, saber que a formação não é mais como era antes. Todas deveriam ter essa consciência.

Quero só uma partilha de uma experiência que nós tivemos aqui na comunidade que percebemos que foi muito positivo. Nos encontros mensais com as vocacionadas externas

Fizemos um encontro convidando várias congregações religiosas diferentes para partilharem do seu carisma, da sua espiritualidade com todas as vocacionadas. Assim vimos o quanto foi rico.

E também despertou dúvidas, Curiosidades, outras partiram para outro caminho, não e se identificaram com outras congregações. Então foi muito positivo. Essa troca, não é aquilo que que foi colocado já aqui.

E no outro encontro nós tivemos que foi em agosto do ano passado, falando sobre as vocações, vários tipos de vocações. Aí chamamos um casal leigo amigo nosso para partilhar sobre a experiência deles de casamento, também convidamos outros tipos de consagradas. Com a partilha do jovem tivemos algumas vocacionadas que passaram a ver o casamento de forma diferente como uma opção de vida tendo clareza de que vocação religiosa era uma fuga do casamento.

Para nós, foi um momento muito precioso, então foram experiências ricas, elas trouxeram para acompanhamento pessoal essas experiências que as ajudou no discernimento.

Eu queria e a partilhar nessa continuidade justamente do que a outra irmã falou, sobre a questão da humana.

Eu vejo uma grande necessidade a questão da convivência e a nossa congregação estabeleceu que a jovem que quer conhecer a nossa congregação faça primeiro um período de experiência então ter, para ter esse tempo de experiência, e de convivência conosco que pode ser de três a seis meses para ver realmente se é esse caminho que deseja seguir assim esse processo já integra essa questão do humano e do espiritual.

Não ter não medo de avançar no processo, porque às vezes a gente fica com aquele receio de deixar a jovem mais um ano na etapa formativa e eu vejo que isso as vezes é uma necessidade que precisa ser enfrentada. Em alguns casos a jovem precisa ficar mais um ano na etapa, seja do aspirantado, seja no postulante sempre intuito de ajudar a amadurecer no discernimento.

Também é importante levar em consideração a questão partilhada de juntar ao discernimento a possibilidade de ter contato com vários carismas, com outras vocações específicas que podem ajudar nesse processo.

Nós chegamos no nosso horário de finalizar e conseguimos conversar bastante sobre a questão do acompanhamento agradeço a riqueza das colocações.

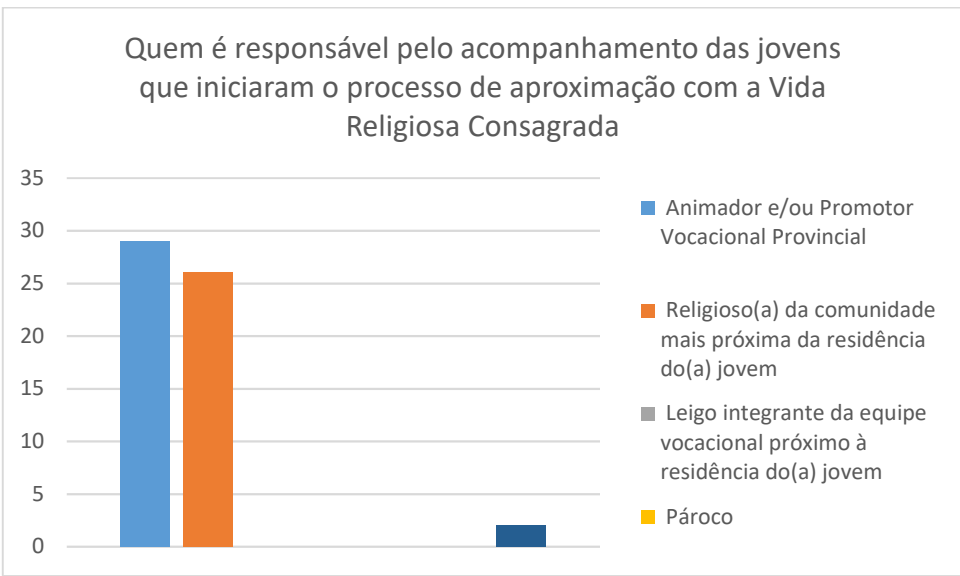
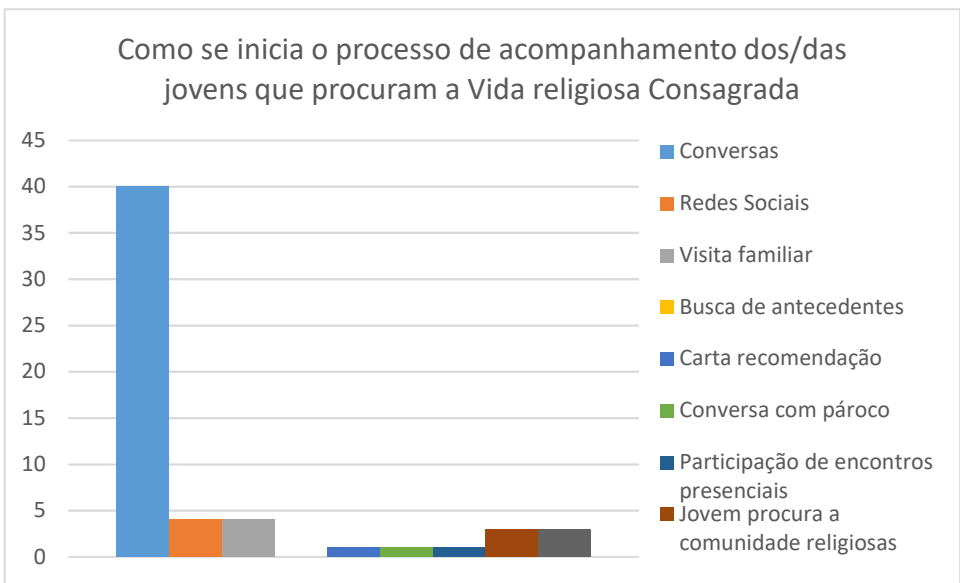
Está, então eu quero agradecer muito a vocês a colaboração na pesquisa é vocês falaram uma coisa que é verdade, hoje aprendemos juntas pois foram muito profundas as partilhas.

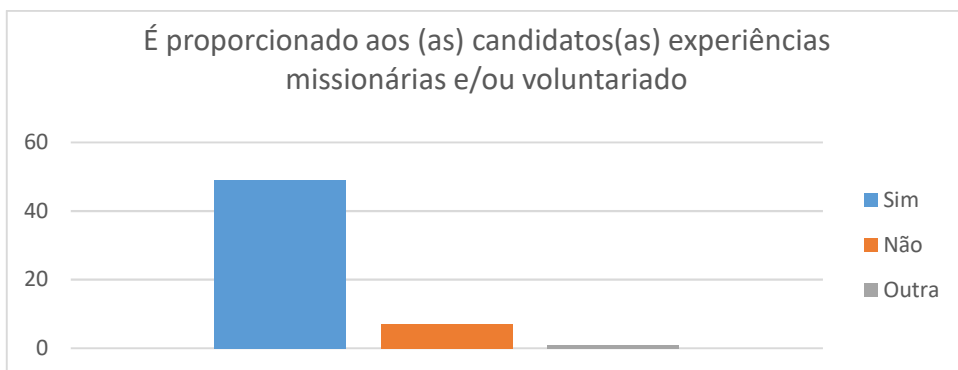
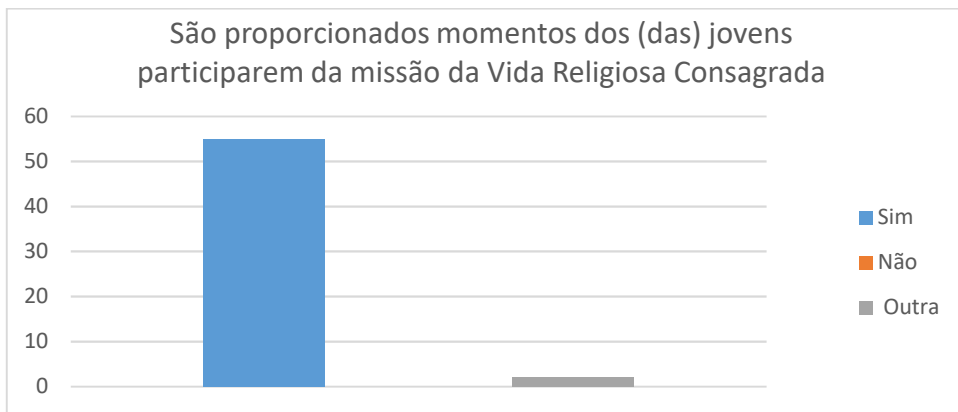
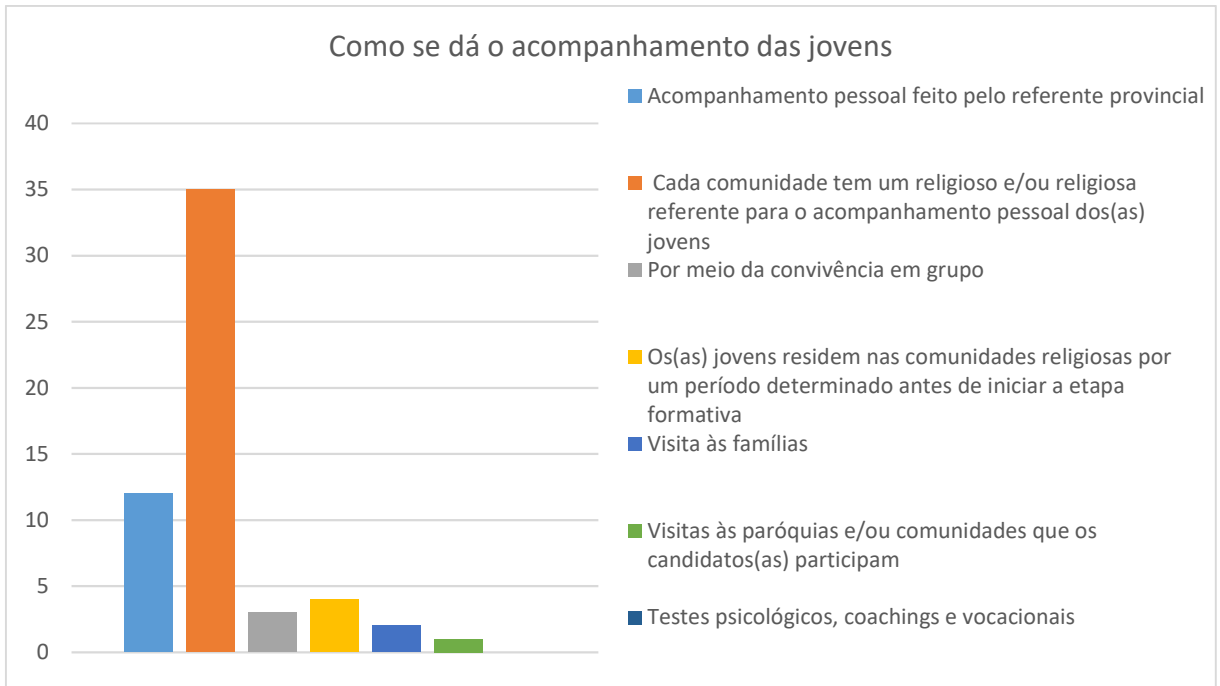
É muito bom ver vocês saírem satisfeitos e se sentiram bem de participar desta experiência do grupo focal sobre o acompanhamento.

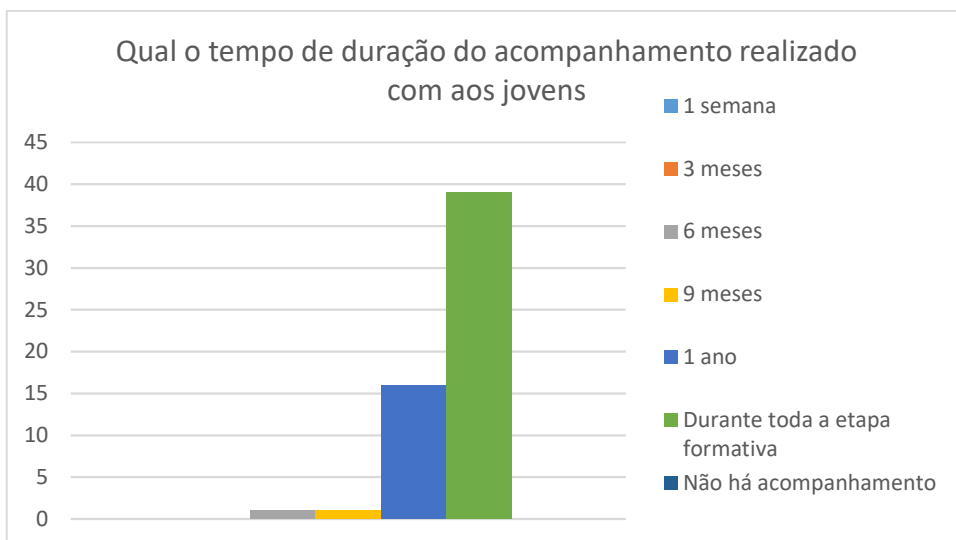
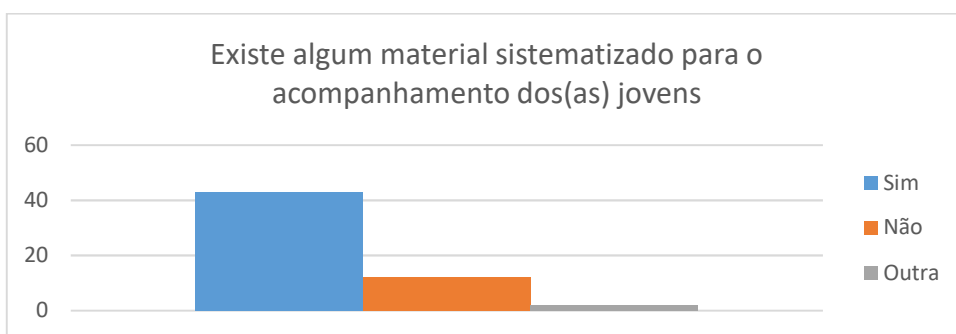
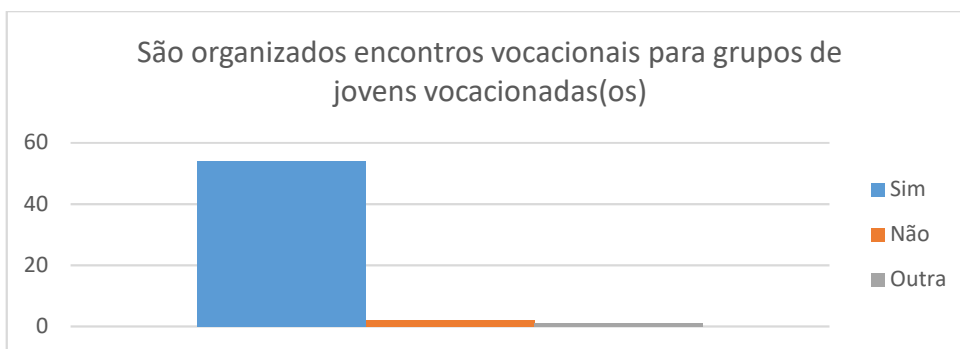
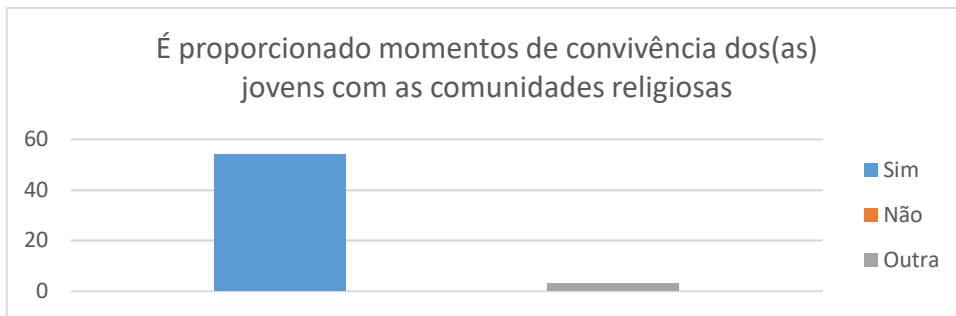
Então agradeço muito a todas! Eu quero depois continuar compartilhando com vocês esse trabalho sobre o acompanhamento. Meu desejo é fazer um material que ajude realmente no processo de acompanhamento.

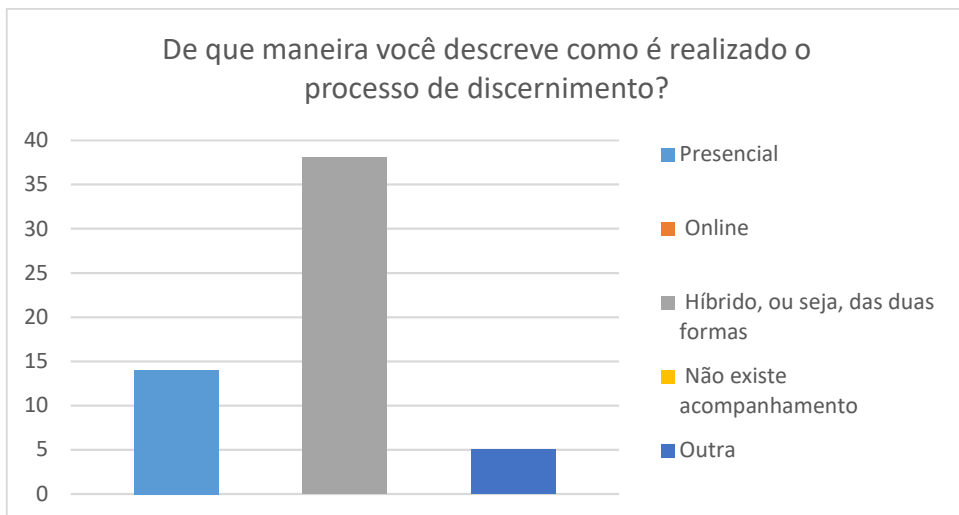
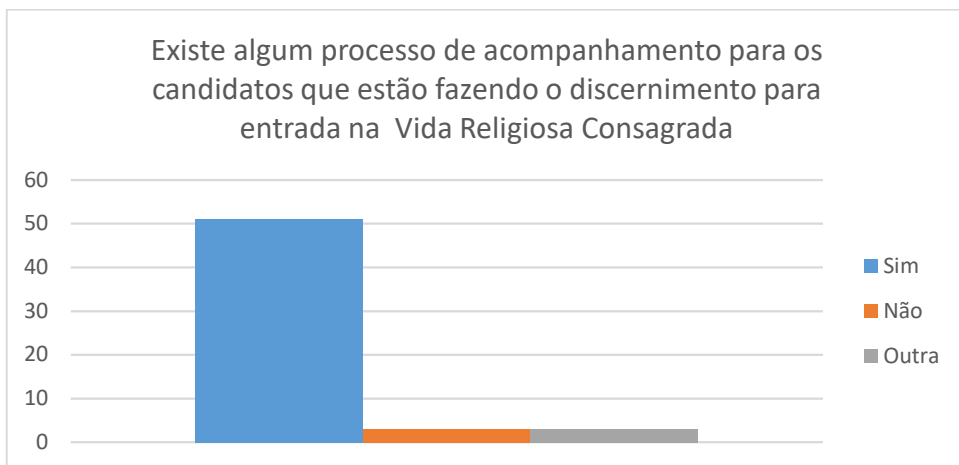
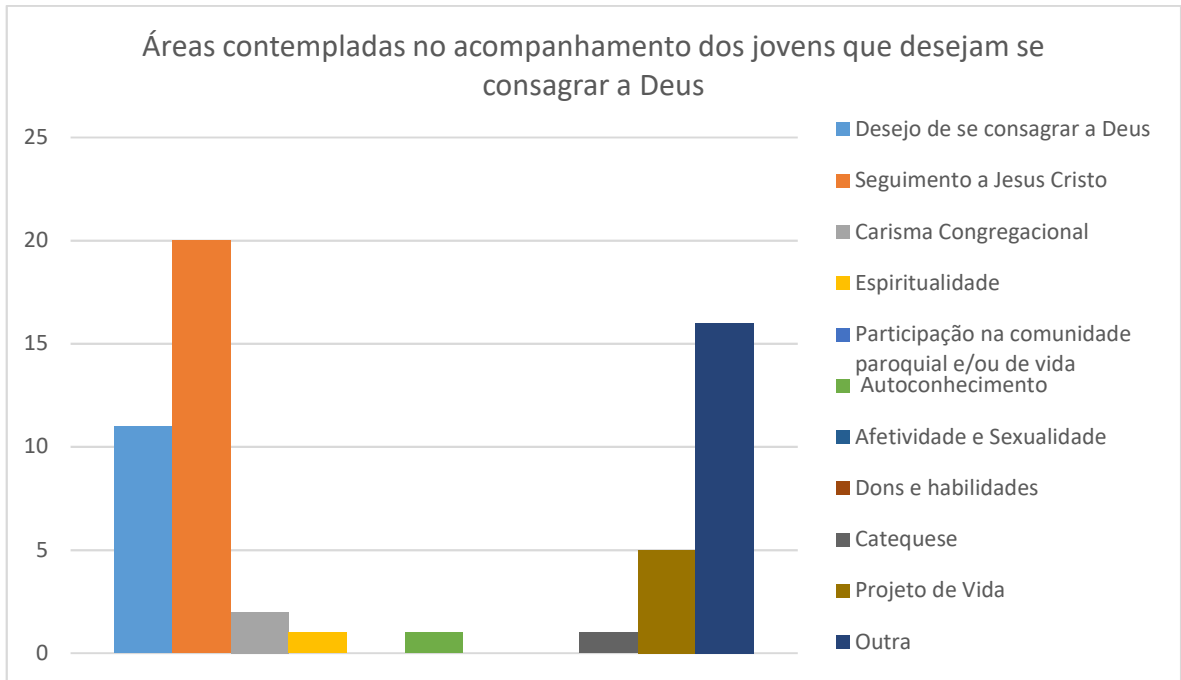
Agradeço muito muito a vocês que deram sim e que vieram. Outras pessoas queriam participar, mas não conseguiram. Então até mais.

ANEXO D- Resultados quantitativos do questionário

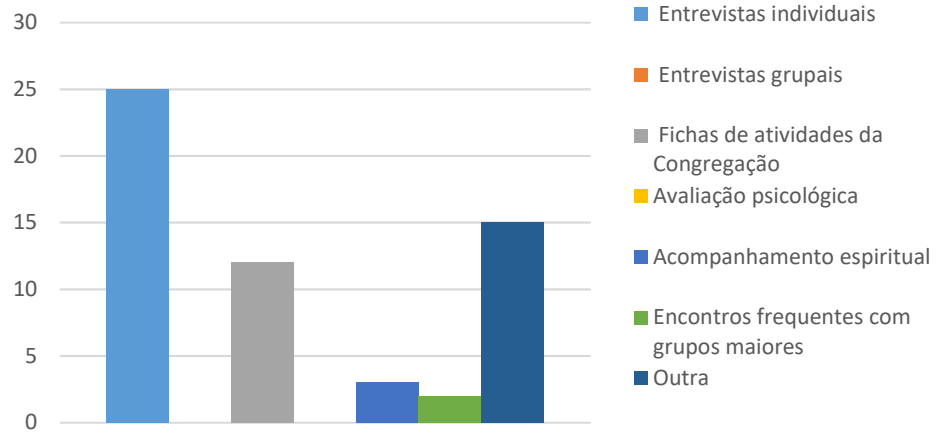








Que estratégias, recursos e/ou ferramentas são usadas nesse processo



ANEXO E – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SANTOS - UNISANTOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: AS ESCOLHAS, OS CAMINHOS E O PERCURSO - UM ESTUDO SOBRE A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL PARA A VIDA

Pesquisador: EDILAMAR DA GLORIA MARTINS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52269721.1.0000.5536

Instituição Proponente: Universidade Católica de Santos - UNISANTOS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.059.136

Apresentação do Projeto:

A orientação vocacional se constitui num processo que envolve a escolha profissional, sendo que, no caso da vida religiosa essa escolha pode desencadear implicações específicas a partir da ótica de fé. A pessoa que se sente “vacionada” a este estilo de vida precisa ter clareza quanto as implicações desta escolha que leva a renúncia de relações afetivas sexuais, já que toda essa energia deve ser colocada a serviço da missão. O objetivo da presente pesquisa é propor um itinerário de Orientação Vocacional para a vida religiosa, que contemple a dimensão subjetiva dos candidatos visando uma escolha consciente. Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza quanti e qualitativa que se realizará em duas etapas, sendo que na primeira, a aplicação de um questionário online em 50 formadores (N=50) adultos e de ambos os gêneros.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos:

- a) Descrever e analisar a efetividade do processo de Orientação Vocacional aplicado aos candidatos a VRC.
- b) Propor um itinerário de orientação Vocacional que contemple a dimensão subjetiva dos candidatos visando uma escolha consciente pela VRC.

Objetivo Secundário:

- a) Descrever o processo de Orientação Vocacional aplicado aos candidatos a VCR.

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, nº 300

Bairro: Vila Mathias

CEP: 11.015-002

UF: SP

Município: SANTOS

Telefone: (13)3228-1254

Fax: (13)3205-5555

E-mail: comet@unisantos.br



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SANTOS - UNISANTOS



Continuação do Parecer: 5.059.136

b) Levantar estratégias para orientação vocacional que contemplem a dimensão subjetiva desse processo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, a participação na pesquisa oferece riscos mínimos, sendo possível ocorrer algum cansaço físico em função de responder ao questionário ou mesmo em participar dos encontros grupais. Caso algum seja informado ou identificado algum desgaste ou mobilização emocional do participante, nesse caso, será garantido, sem nenhum ônus, o respaldo profissional da pesquisadora. Desta forma, o participante poderá desistir de responder ao Questionário ou mesmo de participar do Grupo Focal a qualquer momento, sem que isso afete de nenhum modo seu trabalho enquanto formador. Não haverá nenhum ônus por desistir da pesquisa.

Sobre os benefícios, serão científicos e sociais, pois os formadores da Vida Religiosa Consagrada que participarem da pesquisa estarão contribuindo para o avanço científico na área da Orientação Vocacional no âmbito da Vida Religiosa Consagrada. Também favorecerão para criação de um produto que vise estratégias de Orientação Vocacional específica para este estilo de vida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

1. É uma pesquisa interessante, entretanto é importante adequar de uma forma objetiva e clara no item "Desenho do Projeto" indicado no documento Informações Básicas do Projeto, com a apresentação de maneira concisa o projeto de pesquisa resumidamente incluindo os métodos e técnicas escolhidos que integre de maneira lógica a finalidade do problema da pesquisa. Não ficou claro a segunda etapa do projeto de como serão conduzidos os trabalhos com os participantes escolhidos aleatoriamente dos 50 iniciais.
2. É importante indicar as referências no texto do projeto para melhor fundamentação teórica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de Consentimento Livre e esclarecido e o questionário a ser aplicado foram inseridos no projeto detalhado, porém é necessário que o TCLE seja em um documento separado e nesse caso apresentar uma previa no Google Forms, o link de acesso ao TCLE e do questionário.

Não ficou devidamente esclarecido os participantes da pesquisa. No projeto temos uma única ciência de uma congregação e no texto é indicado que serão de várias regiões do país. Portanto para cada Instituição é necessária a apresentação do documentação da ciência e da autorização para a realização do projeto de pesquisa conforme Resolução 466/2012 do CNS, item II; II-8.

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, nº 300

Bairro: Vila Mathias

CEP: 11.015-002

UF: SP

Município: SANTOS

Telefone: (13)3228-1254

Fax: (13)3205-5555

E-mail: comet@unisantos.br



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SANTOS - UNISANTOS



Continuação do Parecer: 5.059.136

Recomendações:

1. Adequar de uma forma objetiva e clara no item "Desenho do Projeto" indicado no documento Informações Básicas do Projeto inserido na Plataforma Brasil. Neste item é necessário apresentar de maneira concisa o projeto de pesquisa resumidamente incluindo os métodos e técnicas escolhidos que integre de maneira lógica a finalidade do problema da pesquisa. Não ficou claro a segunda etapa do projeto de como serão conduzidos os trabalhos com os participantes escolhidos aleatoriamente dos 50 iniciais.
2. É importante indicar as referências no texto do projeto para melhor fundamentação teórica.
3. É indicado que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido esteja num documento inserido na Plataforma e não na forma de anexo. Trata-se de um documento que explica, em linguagem clara e objetiva, todos os procedimentos, vantagens e desvantagens do participante na pesquisa num determinado protocolo. É o primeiro passo para o participante da pesquisa ingressar em um estudo. Resolução 510 de 2016 do CNS, capítulo 2º do I ao XXVI parágrafo.
4. É necessário apresentar na Plataforma Brasil a simulação no Google Forms pronta para avaliação deste CEP.
5. Adequação dos objetivos primários e secundários.
6. Não ficou claro quem na verdade serão os participantes da pesquisa. No projeto temos uma única ciência de uma congregação e no texto é indicado que serão de várias regiões do país. Portanto para cada Instituição é necessária a apresentação da documentação da ciência e da autorização para a realização do projeto de pesquisa conforme Resolução 466/2012 do CNS, item II; II-8.
7. É necessário adequar o texto dos itens de inclusão e exclusão do Protocolo de Pesquisa inserido com o Projeto de Pesquisa apresentado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Necessários ajustes no protocolo de pesquisa. Pela pendência.

Considerações Finais a critério do CEP:

Cumprindo a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto de pesquisa foi analisado por um relator e em reunião ocorrida no dia 19 de outubro de 2021 o Colegiado do Comitê de Ética da Universidade Católica de Santos o considerou PENDENTE.

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, nº 300

Bairro: Vila Mathias

CEP: 11.015-002

UF: SP

Município: SANTOS

Telefone: (13)3228-1254

Fax: (13)3205-5555

E-mail: comet@unisantos.br



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SANTOS - UNISANTOS



Continuação do Parecer: 5.059.136

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1835077.pdf	30/09/2021 19:43:21		Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.docx	30/09/2021 19:33:35	EDILAMAR DA GLORIA MARTINS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao3.pdf	29/09/2021 21:21:55	EDILAMAR DA GLORIA MARTINS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao2.pdf	29/09/2021 21:21:16	EDILAMAR DA GLORIA MARTINS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao.pdf	29/09/2021 21:20:21	EDILAMAR DA GLORIA MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	29/09/2021 21:18:25	EDILAMAR DA GLORIA MARTINS	Aceito
Outros	Questionario.docx	29/09/2021 21:17:58	EDILAMAR DA GLORIA MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	29/09/2021 21:17:34	EDILAMAR DA GLORIA MARTINS	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTOS, 25 de Outubro de 2021

Assinado por:
Cezar Henrique de Azevedo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, nº 300

Bairro: Vila Mathias

CEP: 11.015-002

UF: SP

Município: SANTOS

Telefone: (13)3228-1254

Fax: (13)3205-5555

E-mail: comet@unisantos.br

ANEXO F – Produto Final



PRODUTO TÉCNICO FINAL

**ITINERÁRIO PARA ACOMPANHAMENTO
VOCACIONAL DA VIDA RELIGIOSA
CONSAGRADA
CONTEMPLANDO A DIMENSÃO SUBJETIVA**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

ORIENTAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL

ITINERÁRIO

INTRODUÇÃO AO ITINERÁRIO

PRIMEIRO ENCONTRO

SEGUNDO ENCONTRO

TERCEIRO ENCONTRO

QUARTO ENCONTRO

QUINTO ENCONTRO

SEXTO ENCONTRO

SÉTIMO ENCONTRO

OITAVO ENCONTRO

NONO ENCONTRO

DÉCIMO ENCONTRO

DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO

DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO

DÉCIMO TERCEIRO ENCONTRO

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

Dentro da minha experiência na formação na Conferência dos Religiosos do Brasil, me deparei com a realidade dos processos de acompanhamento vocacional e fui percebendo que faltava contemplar a dimensão subjetiva nesse processo, que abarcava predominantemente a dimensão espiritual, as questões da congregação, além de outras questões, porém quase nada que trouxesse presente a dimensão subjetiva, assim a partir daí, foi elaborada a presente pesquisa que se propôs a investigar esse aspecto, apresentando em seus objetivos a elaboração de um itinerário que contemplasse a dimensão subjetiva. Por isso, pode-se dizer que esta dissertação é resultado da pesquisa que se propõe a elaborar de um itinerário de acompanhamento vocacional que contemple a dimensão subjetiva.

Assim, neste trabalho, em um primeiro momento são oferecidas orientações para os que atuam no trabalho do Acompanhamento Vocacional (acompanhantes) no sentido de esclarecer sobre a proposta de uma formação contemplando a dimensão subjetiva. Em um segundo momento, é proposto um roteiro, para ser realizado junto daqueles que procuram a Vida Religiosa Consagrada.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL

O que é o Acompanhamento Vocacional, a luz da Psicologia

O Acompanhamento Vocacional é uma *práxis* inserida no processo da Orientação Vocacional, que se constitui em uma das áreas de atuação da Psicologia e está voltada para atuar junto aos que estão em processo de escolha, seja antes de ingressar em uma graduação, em um curso técnico, no mercado de trabalho, bem como auxiliar nas opções de vida, sejam elas as mais cruciais ou as mais “normais” na vida, além de inserir-se no processo de opção de um estilo de vida diferenciado, como é o caso da Vida Religiosa Consagrada (VRC). Nesse prisma, a proposta é qualificar os acompanhantes que se colocam na tarefa de acompanhar os candidatos a VRC para que, nesse processo, possam ter presente a dimensão subjetiva da pessoa, aqui entendida como os processos internos de pensamento e sentimentos (**emoção e razão**) principalmente, a emotividade que dá tonalidade ao jeito de ser da pessoa, de modo a distingui-la das demais (BALDISSERA, 2015).

Nos processos de Acompanhamento Vocacional no contexto da VRC é comum e importante a atenção à pessoa, tendo presente a espiritualidade. No entanto, neste caso, a proposta é atentar a dimensão humana, no sentido de contribuir no processo de **autoconhecimento** e **autopercepção** frente a opção pela Vida Religiosa.

Algumas considerações sobre o “acompanhar”:

Primeiramente é importante entender a natureza do Acompanhamento Vocacional aqui abordado a partir das contribuições de Cencini (1994), que entende o acompanhamento como uma ajuda instrumental, temporária e qualificada prestada por um religioso com mais tempo de atuação e dirigida a uma pessoa que manifesta o desejo de optar pela VRC.

Para o Acompanhamento Vocacional, Cencini (1994) sugere como referência a compreensão do mecanismo de **Identificação Projetiva**, que é o processo através do qual o mundo subjetivo do indivíduo (sentimentos, projetos, imagem de si, dificuldades, entre outros) é transmitido a outra pessoa, ou seja, projetada sobre ela; a qual o reelabora a luz de precisos critérios e, depois, o restitui ao sujeito de forma modificada para que ele volte a se apropriar. Cencini (1994) salienta ainda que este modelo de relação requer a disponibilidade do acompanhante para operar inicialmente como uma tela projetiva que acolhe a realidade da pessoa em acompanhamento, com capacidade de reelaborar essa realidade à luz de critérios

objetivos, provocando na pessoa o desejo de se reapropriar de forma nova de sua realidade ou de sua identidade vocacional mais consciente e ressignificada.

Assim, entende-se que este modelo de referência requer que as pessoas que acompanhem saibam dar tempo para escuta, que saibam olhar nos olhos, que saibam ter paciência com o tempo da pessoa que está no processo de acompanhamento.

Neste estilo de acompanhamento, as conversas são fundamentais, requerendo postura de disponibilidade do acompanhante que deve aprender acolher e auscultar aquilo que a pessoa traz, pois é a partir dessa relação que a pessoa expressará **quem é, o que pensa e o que realmente quer**. Neste sentido, um elemento fundamental é que o acompanhado, ao se expressar, tenha oportunidade de ir se dando conta de suas questões internas, aprendendo, assim, a lidar com as mesmas, ou seja, ao falar, ao se expressar se conhece e compreende a si mesmo, entende como lidar, como resolver suas próprias questões.

As principais posturas de um “acompanhante”

É importante pontuar que, quem acompanha necessita também refletir acerca de seu caminho pessoal e, para o acompanhamento de outra pessoa, precisa apreender e desenvolver posturas nem sempre fáceis de serem assimiladas.

Das contribuições de Miranda e Miranda (1983), destacam-se as seguintes:

- a) O acompanhante deve preocupar-se em **ser empático**, desenvolvendo a capacidade de ir ao encontro da realidade do outro, colocando-se em seu lugar e percebendo seus sentimentos e situando-se no lugar do outro, ou seja, como se sentiria se estivesse no lugar do outro?
- b) Deve buscar uma **aceitação incondicional do acompanhado**, ou seja, aceitar a pessoa no que ela é, no que traz, sem julgá-la no que é, no que fala ou no que faz. Em suma, ter respeito por quem se apresentar para ser acompanhada.
- c) A **congruência** postula que o acompanhante deve ser o que se é, sem máscaras, sem encenações, mostrando-se de forma autêntica e genuína como pessoa humana com seus sentimentos, palavras e ações. Como argumentam os autores, ser congruente é ser uma pessoa honesta e autêntica.

Dos estudos de Manenti (1993) destaca-se as seguintes questões:

- a) O acompanhante está bem resolvido pessoal e vocacionalmente, no sentido de estar dando conta de suas questões, enquanto, sabendo **quem é, o que quer e para onde está indo**, estando integrado em sua vocação como religioso(a).
- b) O acompanhante deve ser capaz de compreender e **lidar com o diferente**, porque os acompanhados certamente trarão pontos de vistas diversificados, sendo pessoas com suas diferenças. Ter a capacidade de compreender os modos de vida dos outros sem condená-los, sem justificá-los e sem moralismo.
- c) É importante que o acompanhante tenha uma **autoestima realista** não se considerando como se estivesse “pronto” ou “acabado, mas que está constantemente se revendo em uma atitude de busca de a cada dia aprender mais.

Tomasi (2007) apresenta os seguintes aspectos:

- a) Capacidade de estabelecer um **relacionamento de proximidade**, com atenção ao papel que exerce para não se perder assumindo outra postura fugindo, assim, do papel que se propôs, como por exemplo passar a ser amigo do acompanhado.
- b) A busca (porque vai desenvolvendo) de uma postura de confrontação no sentido de ajudar quem é acompanhado a perceber aquilo que não ajuda no crescimento, bem como a **capacidade de comunicar as discrepâncias e incoerências** em seu comportamento.
- c) A arte de saber **dosar os opostos**, ou seja, acolhimento e provocação, compreensão e confronto, paciência e urgência sempre com consciência de ser um mediador.

Agora vejamos alguns elementos essenciais nos encontros ou conversas priorizando o acompanhamento individual. Vejamos:

Relativo ao acompanhante:

1. Disponibilidade para adentrar em relacionamento ativando as habilidades interpessoais para viver as relações em profundidade.
2. Preparar-se para estar atento ao acompanhado nas atividades que irá propor, nas suas partilhas, no seu jeito de se colocar estando atento para lidar com o cansaço, preocupações e outros que podem atrapalhar a concentração no acompanhamento.
3. Manter o contato visual mostrando-se atento à pessoa.

4. Concentrar-se para escutar e escutar e auscultar que é ter uma atenção, sobretudo, ao não dito, buscando compreender o que tem de latente por trás das palavras ou nas entrelinhas.
5. Colocar-se na postura de quem está para ajudar, de quem media, isto é, de um facilitador.

Relativo ao ambiente dos encontros:

Ambiente físico:

Salienta-se que não se deve desmerecer a questão do ambiente físico onde ocorrerão os encontros, pois este aspecto é de grande relevância, assim, é importante preparar o ambiente para os encontros, para execução das atividades. Aqui se fala de preparar uma sala com mobiliário que possibilite a conversa bem como a realização das atividades.

Privacidade:

Outro elemento fundamental é a privacidade do lugar onde acontecem os encontros, não são indicados corredores ou salas abertas de espera, nas quais existe circulação de pessoas. No caso, muita atenção para não expor a pessoa. Outra questão, não menos importante, é o cuidado com pequenos desconfortos como excesso de claridade ou com muita escuridão, um ambiente muito quente ou excessivamente frio, também quando existe muito barulho impedindo a concentração, atrapalhando a conversa.

As pequenas atenções por parte do acompanhante têm um grande significado para a relação que vai se construindo ao longo do processo.

ITINERÁRIO
CONTEMPLANDO A DIMENSÃO SUBJETIVA

INTRODUÇÃO AO ITINERÁRIO

Itinerário é processo, trajeto, percurso que leva a um determinado lugar, assim foram pensados os treze encontros com atividades que, de forma, gradual vão ajudando a pessoa a ir tomando contato com suas questões mais profundas. Seria importante que preferencialmente fosse realizado de forma presencial, para uma percepção mais real da pessoa que esta buscando este estilo de vida.

PRIMEIRO ENCONTRO

QUEM É VOCÊ?

Seria um primeiro encontro a ser realizado após os contatos feitos por meio das redes sociais, por telefone, *WhatsApp*, através de encontro informal com alguém da Congregação ou ainda outra forma de contato. Este seria, de preferência, um contato presencial, caso não seja possível pode-se formalizar um encontro por alguma plataforma ou uma vídeo chamada.

Geralmente a pessoa que busca o acompanhamento traz consigo dúvidas a respeito da Congregação, sendo este o momento de responder as suas dúvidas e questionamentos, além de fazer esclarecimentos. É um momento importante para apresentar a Congregação. Pode-se dizer que é um momento informativo.

Da parte do acompanhante existe o mesmo movimento do acompanhado, qual seja, vem com perguntas, dúvidas e esclarecimentos. No entanto, o acompanhante não deve ficar só nas perguntas, no sentido de algo apenas aparente, mas pode se propor a conhecer o mundo interno da pessoa, assim, é importante entender quem é esta pessoa que se coloca no Acompanhamento Vocacional.

Este primeiro encontro é um momento de apresentação que não pode deixar de ter a fundamental pergunta: **“Quem é você?”** Pergunta esta, que abre espaço para descortinar toda a realidade da pessoa que se apresenta para o processo do acompanhamento e, neste sentido, a verbalização pode trazer questões óbvias, por isso, é importante oferecer outros recursos para que a pessoa possa se expressar sem reservas.

Orientação

1. Atentar na elaboração dessa atividade, pois na verdade, falará de si.
2. Oferecer o tempo necessário para que a pessoa se expresse com liberdade.
3. Evitar, a todo o momento, dar palpites, se intrometer, devendo apenas observar com leveza e aceitação.
4. Ao final, poderá solicitar à pessoa apresentar o que construiu.
5. É importante que registre, por escrito, como se sentiu realizando a atividade.

Atividades

Pedir ao acompanhado que, por meio de colagens, represente **quem é e como se vê**. Assim, irá fazer uma montagem a partir do material que lhe for fornecido, verbalizando quem é.

Material

Providenciar um caderno fino de capa dura que irá funcionar como um diário, no qual a pessoa irá escrever o que for sendo solicitado nos encontros, assim, ao final, a pessoa terá registrado todo o processo em um único lugar.

Deixar o material disponível: Como base para elaboração da atividade, solicita-se uma folha A3 e outros materiais: folhas de sulfite branca e colorida, revistas, jornais, cola, caneta esferográfica, canetas piloto, lápis, fitas de tecido e/ou outro material.

QUEM É VOCÊ?

SEGUNDO ENCONTRO

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO

Um ponto importante para fazer uma escolha é o autoconhecimento, pois possibilita que a pessoa se conheça a fundo reconhecendo seus gostos, desejos, características, sentimentos, pontos fortes, pontos de dificuldades, seus defeitos e suas aspirações, suas lutas e buscas, os entraves da vida, a forma de se relacionar, o que a deixa feliz, o que a entristece. Quando a pessoa se conhece tem maior domínio sobre suas emoções e por consequência sobre suas ações. O autoconhecimento facilita as escolhas e a tomada de decisões.

Orientação

Destinar um tempo para que a atividade seja realizada.

A atividade não precisa ser realizada na presença do formador, pois o tempo de parar sozinho para fazer a atividade já se constitui em uma tarefa reflexiva de grande valor.

Valorizar o que o acompanhado conseguir construir, seja lá como for.

Atividade

Escrever sobre o que conhece de si em forma de poesia. Ressaltando que sintam-se livres para fazer da forma que desejarem e para que usem sua criatividade.

Fale sobre você: suas qualidades, seus defeitos, suas aspirações, seus desejos, seus hábitos, seus padrões de comportamento, suas crenças, suas preferências, seus sentimentos, seus gostos, relacionamentos e outros sobre você.

Material

A poesia deverá ser registrada no caderno diário.

TERCEIRO ENCONTRO

AUTOESTIMA A PERCEPÇÃO DO AUTOCONCEITO E DA AUTOVALORIZAÇÃO

Certamente, neste encontro, já existe mais proximidade porque já foram vencidas as primeiras barreiras iniciais e, assim, o convite é dar mais um próximo passo no processo do Acompanhamento Vocacional, a proposta desse encontro, é voltar o olhar para a autoestima que se refere ao conceito que a pessoa tem sobre si mesma, como a pessoa se sente em ser quem é, pois isso é de fundamental importância no processo da escolha vocacional.

A autoestima se refere à forma como a pessoa se sente sendo ela mesma, autoestima é o sentimento de competência e de valor pessoal. É a soma da autoconfiança com o auto respeito refletindo o julgamento interno de nossa habilidade de lidar com os desafios da vida e de buscar a própria felicidade.

A autoestima afeta profundamente todos os aspectos e experiências da pessoa como por exemplo como age e desempenha o trabalho, nas relações afetivas com amigos, parceiros, na família bem como se age em outras relações. A forma como reagimos aos acontecimentos do dia a dia são determinadas por quem consideramos ser, as dificuldades de nossa vida são reflexo da visão mais íntima que temos de nós mesmos. Assim, a autoestima é a chave para ser bem-sucedido ou para fracassar.

Certamente a nossa autoestima influencia os nossos desejos, sonhos, projetos e pode influenciar as nossas buscas e nossas escolhas, ou seja, a autoestima tem a ver com a vocação que quero abraçar com aquilo que quero ser.

Orientações

A autoestima é ponto crucial na pessoa, pois determina como esta se coloca na vida, não é difícil de observar, uma vez que já na relação (nos encontros) vai mostrando negatividade, desvalorização ou uma supervalorização que também reflete uma baixa estima. Aparece também a forma como lida com a responsabilidade se tem confiança em si ou desconfiança ou medo.

Para a realização da atividade sugere-se conversar sobre a autoestima. Não seria o caso de ensinar, mas falar sobre e ir lançando questionamentos com perguntas: **como é isso em você?** Fale um pouco sobre isso.

Após a atividade realizada, ouça a pessoa, não faça inferências ou emita juízo, lembre-se que ela fará a atividade do espelho em casa, e é bom que esteja livre psicologicamente para que seja o mais autêntica possível consigo. Incentive a pessoa para que continue pensando.

É importante que saiba que essas atividades mobilizam a pessoa e que a ajudarão a pensar sobre si. A atividade do espelho será realizada em casa, ou seja, no espaço reservado de um encontro para o outro.

Atividades

A proposta é trazer a questão da autoestima por meio de algumas atividades. Aqui não se trata de explicar para pessoa o que é autoestima, mas sim perceber o conceito que a pessoa traz de si e depois ajudá-la nesse sentido.

Primeira

Material: Preparar 5 bandeirinhas estilo festa junina. O tamanho referência é da palma da mão. Utilizar papel sulfite colorido. Já pode entregar coladas num barbante delicado. A pessoa depois de pronto poderá colocar na porta do armário, na frente do espelho, na parede em lugares significativos de fácil visualização.

Atividade: Nas bandeirinhas escrever o conceito de si
(O que acho de mim)



Segunda

Material: Usar o diário

Orientações

Algumas vezes, durante o dia, parar com tempo em frente ao espelho onde estarão as bandeirinhas e olhar-se e perguntar: *o que acha de si ou qual o conceito que tem de si.*

Alertar que ao final a pessoa terá um texto.

- Na próxima etapa deve-se dedicar um bom tempo para conversar sobre as atividades, lembre-se que a subjetividade da pessoa vai despontando a partir destas atividades.

QUARTO ENCONTRO

SENSO DE IDENTIDADE

Sabe-se que a construção da identidade é uma tarefa que deveria se consolidar na adolescência no sentido de realizar a passagem primordial de adolescente para um adulto maduro, produtivo, engajado na sociedade, porém essa não é a realidade, pois existem muitas pessoas que avançaram na idade, mas ainda não consolidaram a identidade não sabendo quem é, o que quer e para onde está se dirigindo.

Na construção da identidade a pessoa define quem é, quais seus valores e quais direções deseja seguir em sua vida. A identidade é a concepção que a pessoa tem de si, composta de valores, crenças, e metas a que a pessoa tenazmente se compromete.

A formação da identidade recebe influências das capacidades com as quais a pessoa nasceu e as características da personalidade, de fatores interpessoais ou das pessoas com as quais se relaciona e de fatores culturais que seriam os valores sociais tanto os globais como os comunitários.

Com o sentimento de identidade a pessoa se sente como sendo a mesma no tempo e no espaço percebendo que os outros a reconhecem como essa semelhança e continuidade. Quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais aprecia seu modo de ser, suas semelhanças ou diferenças das demais pessoas e quanto menos desenvolvido o sentimento de identidade menos aceitação e necessidade de apoio de opiniões dos outros para avaliar-se e menos compreende as pessoas como diferentes de si.

Orientações

Aqui cabe uma conversa sobre a identidade, sobre a concepção de si que traz, o que entende como aprendido na família, no meio ou a sociedade em que está inserido e na cultura, os valores apreendidos. Conversar por alto sobre o que quer da vida e para onde está indo. Não deve ser uma conversa esclarecedora, mas abrindo caminhos para a pessoa se questionar a respeito da questão da identidade.

A atividade é sugestiva e pode levar a se questionar.

Atividades

Após a conversa, propor um tempo só com a atividade da folha para pensar na questão da identidade e escrever a resposta das perguntas dentro dos desenhos.

Depois do tempo de reflexão propor uma conversa para que a pessoa possa partilhar.

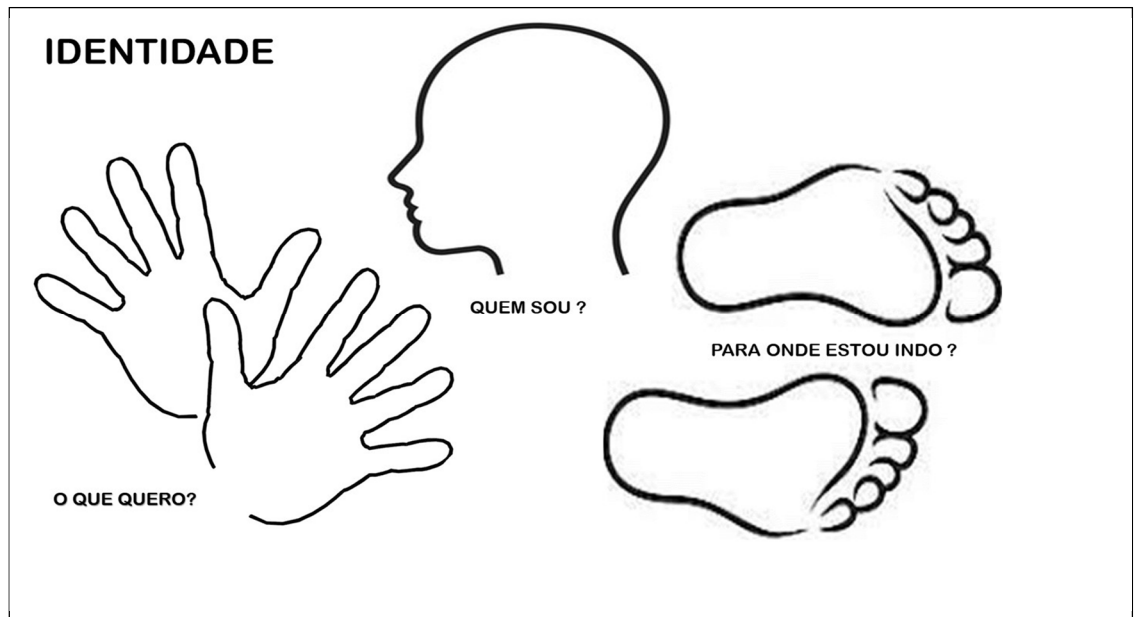
Ao final, orientar que é importante continuar pensando na questão e para isso levará para casa a atividade denominada a carteira de identidade.

Material

Folhas xerocopiadas com a atividades propostas.

Atividade presencial

Atividade 1



Atividade 2

Colar sua foto	CARTEIRA DE IDENTIDADE
<input type="text"/>	QUEM SOU (Apresentar-se como o máximos de elementos que couber no espaço.)
O que quero.(escrever)	<input type="text"/>
Para onde estou indo (escrever)	<input type="text"/>

VALORES – O QUE VALE A PENA PARA MIM

Este tema refere-se aos valores e poderá não emergir, mas é de fundamental importância ajudar a pessoa acompanhada a conhecer o que norteia sua vida, pelo que se deixa conduzir e a partir de que referencial faz suas escolhas.

Ao falar de valores, temos presente o que a pessoa valoriza ou o que é importante para ela. O valor é uma organização mental referente à conduta, aos objetivos que a pessoa tem, como estes estão dispostos por ordem de importância, segundo o qual a pessoa se avalia e faz opções, pode-se dizer que são preferências, o que impele como um dever interior. (BRANDÃO,1984).

De maneira mais ampla, os valores dizem respeito aos princípios morais e éticos que orientam a vida e se referem a formação da consciência da pessoa e de sua relação com o meio em que vive. Assim, os valores norteiam a conduta das pessoas e tem influência na tomada de decisão, nas escolhas que a pessoa vai fazendo ao longo da vida.

Orientações

No primeiro momento do encontro ver o que ficou refletindo sobre o encontro passado e conversar sobre.

Durante essa conversa questionar com leveza sobre o que mais valoriza na vida, suas prioridades, o que lhe atrai.

Orientar para pensar sobre o que mais valoriza na vida, depois pedir para escrever nos círculos numerando por ordem de importância o que mais valoriza na vida.

Dar um bom tempo de reflexão para pensar e depois fazer a atividade dos círculos.

Quando finalizar a atividade, após a pessoa falar sobre o que fez, conversar sobre a questão dos valores, no sentido de que quanto mais gostamos de algo mais procuramos, mais vamos em direção a isso, o nosso coração pulsa pelo que damos mais valor. O que mais damos valor nos puxa, nos carrega.

Dizer que é importante continuar a reflexão em casa e que poderá escrever como se sente frente aos valores que elencou.

Atividade

Nos círculos escrever por ordem de importância o que mais valoriza na vida. O que mais vale na sua vida.

Material:

Preparar 7 círculos, o tamanho referência é o tamanho da palma da mão.



SEXTO ENCONTRO

IDEAL, SONHO, PROPÓSITO

Viver é algo muito especial, assim, é preciso viver com intensidade e ter clareza de onde se quer chegar ou saber para que se vive, se faz necessário ter uma meta, um ideal, um propósito de vida. Esse ideal de vida pode ser também chamado de sonho, algo que impacta a vida da pessoa e dos que vivem à sua volta. Ter um sonho, um ideal, um propósito é ter um norte, uma meta e isso ajuda a alinhar a vida para chegar, onde se quer, ajuda nas escolhas imediatas porque estas estarão pautadas nesse sonho ou ideal.

Muitas vezes se para pensar e não se tem clareza dos sonhos, dos ideais mais profundos. Ter ideais, ter sonhos, ter propósito é ter pelo que acordar e lutar a cada dia, assim vale a pena tomar consciência de nossos dos sonhos e ideais.

Ao trabalhar com a questão vocacional é importante ter presente os sonhos, o ideal de vida de uma pessoa e ajudá-la a tomar consciência desta sua realidade.

Orientação

É muito importante ajudar as pessoas a ver o sonho, ideal ou propósito pelo qual a pessoa luta e vive a cada dia.

Bastaria apenas um dos termos: ideal, sonho, propósito, mas ao explorar os três é dada mais oportunidade da pessoa se expressar.

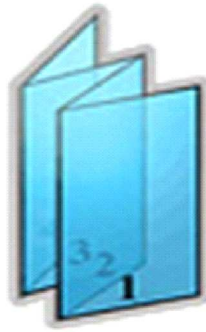
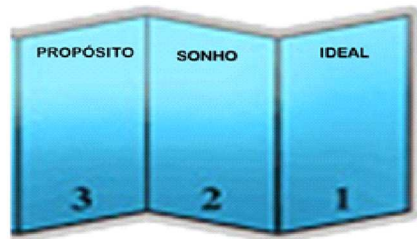
Aqui está implicado o sentido da vida da pessoa.

Atividade

Utilizar uma folha de sulfite e dobrá-la em 3 partes ou mesmo estilo folder

Através de desenho expressar seu ideal, seu sonho, seu propósito de vida.

Em casa, destine um tempo de reflexão e se pergunte sobre seu propósito de vida e escreva-o com letras grandes e coloque num lugar que possa visualizar bem ao acordar.



SÉTIMO ENCONTRO

O QUE ME MOTIVA, O QUE ME IMPULSIONA

Estando no contexto dos aspectos subjetivos do acompanhamento vocacional é importante entender o porquê abordar o tema da motivação nesta perspectiva. Santos e Henrique (2020) a partir das contribuições de Feldman (2015) argumentam que motivação é o que impulsiona, direciona e energiza o agir humano envolvendo aspectos biológicos, cognitivos e sociais.

Santos et al. (2010) ressaltam que a motivação é a força que impele as pessoas a aderir a alguma atividade para alcançar seus objetivos.

Gomes e Michel (2007) destacam que motivações que vem do interior da pessoa, são chamadas motivações intrínsecas ou internas, estas encaminham a pessoa para alguma coisa ou objetivo. Os autores argumentam ainda que as motivações vão depender da força dos impulsos que acontecem no interior da pessoa. Existem também as motivações extrínsecas que são forças exteriores que impulsionam a pessoa, estas podem vir de pessoas, ambientes, situações entre outros. Gomes e Michel (2007) entendem que as motivações vão depender da força dos motivos entendidos como impulsos que acontecem no interior da pessoa, assim são esses motivos que irão impulsioná-la mantendo o comportamento, podendo-se dizer que os motivos são molas que impelem a ação.

Orientação

Nesta etapa o objetivo é proporcionar oportunidade do acompanhado pensar no que o motiva na vida e isso ajuda também a olhar para a questão vocacional.

É claro que a pessoa trará que as motivações são espirituais, mas mexer com a questão vai ajudar a impulsionar a pensar e olhar com mais profundidade e isso já ajuda muito.

Atividade:

O que te move: Considerando as rodas as motivações internas e o baú as motivações externas.

- Escreva 4 motivações internas nas rodas (o que te impulsiona a cada dia, o que te move)
- Escreva no baú do caminhão as externas (os estímulos que encontra)
- Em casa pode pensar e escrever sobre as motivações em sua vida.

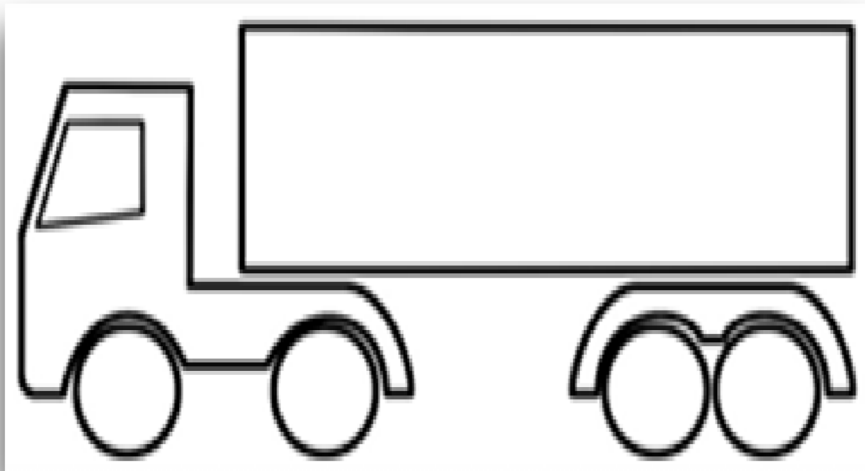
Material

O QUE TE MOVE?

Considerando as rodas as motivações internas e o baú as motivações externas.

- Escreva 4 motivações internas nas rodas (o que te impulsiona a cada dia, o que te move)
- Escreva no baú do caminhão as motivações externas (os estímulos que encontra na sua realidade)

Desenho de um caminhão em uma folha A4.



OITAVO ENCONTRO

MEU LUGAR NO MUNDO – SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

É da natureza humana o sentido de pertença, a necessidade de se sentir parte de um grupo social e neste sentido é a partir da vivência familiar que a pessoa começa a fazer a experiência de ter um lugar no mundo, se na família a pessoa é incluída, recebendo afeto e respeito certamente se sentirá em seu lugar e aprenderá a acolher, dar afeto e respeitar e se ao contrário não receber afeto, não sentir que é acolhido e não for respeitado, certamente terá dificuldade de sentir que está ou tem um lugar podendo ter dificuldades na relação com as pessoas.

O sentimento de pertença influencia a vida como um todo, como na capacidade de dar e receber amor, na forma como a pessoa se sente na realidade em que está inserida, na forma como se relaciona e como realiza as atividades que lhe são confiadas, nas escolhas na vida. Assim pode-se dizer é de fundamental importância na vida da pessoa.

Orientação

Neste encontro deve-se estar atento a como a pessoa se sente na realidade em que está inserida, se tem sentimento de pertencimento, sobretudo, no mais imediato que é a família, como a pessoa se sente no mundo e se percebe que tem espaço na vida.

Atividade

Situar-se no globo terrestre através de um desenho.

Depois escrever no verso da folha a sobre o seu lugar no mundo.

MEU LUGAR NO MUNDO

Situe-se no globo terrestre no globo terrestre especificando essa localização através de um desenho. Depois n verso da folha escreve sobre isso.



NONO ENCONTRO

CONSTRUINDO MINHA HISTÓRIA

No contexto do acompanhamento é importante o contato com a história pessoal para que, assim, a pessoa vá aos poucos tomando mais consciência de si. Assim a proposta desta etapa é a escrita da história para entender como se deram os fatos, como eles marcaram a existência da pessoa e como estes fatos influenciam no hoje das pessoas, principalmente no sentido vocacional.

Escrever a história pode ajudar a pessoa a compreender os fatos acontecidos no passado ou como estes estão influenciando o presente e dar pistas para construção do futuro de forma diferenciada.

Escrever a própria história é uma oportunidade de ressignificar a história, a vida.

Orientação

Fazer uma retrospectiva do caminho feito até o momento.

Ouvir a pessoa em acompanhamento, como se percebe, o que foi aprendendo de si e como se sente frente a isso.

Conversar um pouco sobre a importância de tomar contato com a história pessoal ou como isso pode ajudar dentro do caminho vocacional.

Fazer a proposta de escrever a história.

Lembrar que a pessoa precisará de um bom tempo em casa para ir aos poucos escrevendo sua história.

Atividade

Escrita da história pessoal.

Material

Preparar o roteiro para escrita da história.

Utilizar o caderno diário para a escrita.

Roteiro

Você é o protagonista desta história, então entre nela, assim na escrita entre a fundo se colocando nessa escrita.

Escreva sobre o ambiente familiar quando você era criança, seu relacionamento com seus pais, irmãos, parentes e amigos. Descreva suas maneiras de brincar, suas imaginações,

fantasias a respeito do futuro, seu relacionamento na escola. Fale sobre sua saúde ou as doenças que lembra desde a infância. Fale como pensava, como via as coisas desde a infância.

Descreva seus medos e porquês, angústias, aborrecimentos, ansiedades, dificuldades, enfim, como você era como criança, adolescente e como é hoje.

Que circunstâncias familiares ou pessoais coincidiram com suas doenças ou aparecimento de queixa ou mudança no seu estado geral? O que você acha que tem sido os motivos de suas dificuldades atuais? Quando começaram? O que de pior poderia acontecer na sua vida? E de melhor? Descreva suas experiências mais sofridas, mágoas, emoções. Quando ocorreram?

História familiar

Pai e mãe: origem, idade, profissão, saúde (passada, presente) algum tratamento. Características (personalidade). Qualidades e limitações, amizades, lazer, vícios E reação da família diante desse vício.

- Papel dos pais (mãe e Pai) na família: Quem mandava em casa. Quem acompanhava a educação dos filhos
- Como os pais se relacionavam entre si, com filhos, com você, com familiares, com vizinhos.
- Se são falecidos: o que causou a morte e as consequências para a família.
- Tipo de educação dado pelos pais: castigo e recompensas.

Irmãos: descrever os irmãos começando do mais velho: idade, saúde, grau de escolaridade, personalidade, profissão, estado civil, e como se relacionam, olhar o passado e o presente.

Ambiente familiar: Descrever o ambiente físico que viveu na infância.

- Momentos de refeições, finais de semana. Momentos marcantes da família.
- Celebrações de aniversário, Natal e Páscoa.
- Momentos de encontro da família.
- Relacionamento familiar entre si e com os de fora.

Pessoas significativas: Pessoas significativas para você ou para a família. Se morou com família quanto tempo? Atividade que exercia na família, na casa.

HISTORIA PESSOAL

Infância: Primeiras recordações da infância. Relacionamento com os irmãos e outras crianças. Primeiro brinquedo. Como brincava, que papel exerce nas brincadeiras. Jogos preferidos. Acontecimentos marcantes, positivos e negativos

Adolescência: (11-13 anos) brincadeiras preferidas. Esportes. Relação com os colegas da mesma idade, namoros e paqueras.

Juventude: diversões, vida profissional, vida afetiva como sente como homem/mulher. Como lida com seu físico, com sua sexualidade. Fatos importantes da juventude.

Desenvolvimento afetivo: como é sua afetividade? Sentimentos que mais experimenta. Como lida com seus sentimentos (raiva, ciúme, inveja, alegria, euforia, ciúme, depressão). Sentimentos que marcam seu jeito de ser; sentimentos que não sabe lidar. O que mais lhe fere? Como exercita o perdão. Reação frente às contrariedades.

- As amizades: tem amigos? Como lida com as amizades? Fale sobre sua vivência em grupos.
- Experiência de namoro: Despertar afetivo. (Idade, iniciativa, manifestações de afeto, duração).

Desenvolvimento sexual: Curiosidades sexuais na infância. Jogos sexuais. Brincadeiras de conotação sexual.

- Primeira menstruação. Primeira polução noturna (preparação, sentimentos). Questões de masturbação (passado /presente), fantasias que acompanham. Frequência e as consequências.
- Alguma pessoa já tentou te fazer mal? Alguém já quis abusar de você? Quem foi essa pessoa? Como você lidou com isso?
- Você traz alguma preocupação nessa área? Quais? Tome contato com a questão.

Trabalho: A questão da produção em sua vida. Sua vida de trabalho. Primeiro trabalho (idade, tipo de trabalho, sentimentos). Relacionamentos no trabalho. Uso do dinheiro.

Personalidade:

- Autoconceito: Como você se vê? O que mais gosta e o que menos gosta em si? Por quê?
- O que falam de você? Como você vê isso?

Ideais: Que valor acredita acima dos demais? Porquê? Tem coragem de defender este valor e seus valores num grupo? Porquê? Fale sobre suas aspirações. O que mais deseja na vida? Quais os três maiores desejos? Quais seus maiores sonhos? Quais fantasias passam pela sua cabeça? Você se acha pessoa de princípios?

- Se fosse se casar, que tipo de homem, de mulher escolheria? Poderia ser como o seu pai ou sua mãe? Que tipo de educação daria aos seus filhos?
- O que gostaria que não se repetisse daquilo que viveu na família? Como gostaria de ser daqui a 10 anos?

Êxitos e fracassos : Os três maiores êxitos de sua vida. Três maiores fracassos. Como enfrentou?
Os momentos mais felizes e os momentos mais tristes com seus porquês.

- Meios que usa para sair das dificuldades.
- Fatos que não gostaria que se repetissem em sua vida.

Lazer e preferências: O que faz para descansar? O que faz nos dias livres, nas horas vagas. Se tivesse um dia livre sem ter que dar satisfação, o que faria nesse dia?

- Leituras, filmes, programas de TV
- Que curso gostaria de fazer? Caso não seja permitido, como reagiria?

Sentido da vida: O que mais lhe atrai na vida? Que sentido tem a vida para você? Alguma vez já sentiu desgosto de viver? Já houve tentativa de acabar com a vida? Porquê? Sente medo de não se controlar nesse caso?

Encontro com Deus

- Quando percebeu a presença de Deus em sua vida?
- Fale como percebeu Sua Mão sobre você, sua vida e sua história.

Vocação religiosa: Tipo de participação na comunidade paroquial (liturgia catequese, pastoral social).

- Como e quando começou a pensar na questão da Vocação à Vida Religiosa?
- Porque escolheu a congregação, a diocese, a comunidade de vida.
- Influências, modelos, motivações extrínsecas.
- Como gostaria de ser? O que acha que esperam de você?
- Como acha que o mundo vê a Vida Religiosa, Sacerdotal, a Comunidade de Vida? Isso te influencia?
- E como você percebe?

DÉCIMO ENCONTRO

O MUNDO EMOCIONAL E AS ESCOLHAS

Como seres humanos somos dotados da riqueza da emocionalidade que exerce grande influência em nós dando colorido à nossa vida. E através de nossas emoções que sentimos o mundo, expressamos nossos sonhos, projetos e desejos.

São muitas palavras usadas nesta área. Vejamos:

O afeto é tudo aquilo que me afeta, que chega até mim e que me estimula. Daí falamos em afetividade que diz respeito a maneira como nos relacionamos com a realidade em que estamos inseridos, fala da relação que estabelecemos com as pessoas, com as circunstâncias e com as coisas. Afetividade expressa também a minha forma particular de me deixar tocar pela realidade pelo meio em que vivo e convivo.

A emoção é um conjunto de reações corporais, automáticas e inconscientes, que acontece diante de algum estímulo que vem do meio em que estou inserido.

Os sentimentos são as nossas reações às emoções, diz respeito a como nos sentimos diante de algo ou alguém. Os sentimentos são mais duradouros e menos explosivos.

É importante levar em consideração o mundo emocional porque está sempre presente em nossa vida e tem influência em nossa forma de pensar, de agir e também em nossas decisões, assim precisamos conhecer esta nossa dimensão para que possamos fazer escolhas de forma mais consciente.

Orientação

Conversa sobre os sentimentos, as emoções que se fazem presente no dia a dia e que é importante conhecê-las para que se saiba como lidar com elas.

Fazer a proposta da atividade dando tempo para que a pessoa realize com calma.

Atividade

Uma conversa consigo para pensar sobre o mundo emocional.

Material :

Preparar a folha xerocopiada

Usar o caderno para fazer as anotações.

UMA CONVERSA COM VOCÊ



- 1 - Sentimentos que predominam?
- 2 - Sentimentos que experimenta durante o dia.
- 3 - Se você tivesse que se descrever através de sentimentos, o que diria?
- 4 - Suas paixões.
- 5 - Seus medos.
- 6 - Sentimentos que tem dificuldades de lidar.
- 7 - O que mais lhe fere?
- 8 - O que te deixa feliz?
- 9 - Você se acha muito sensível emocionalmente ou uma pessoa resiliente que enfrenta as dificuldades com força?
- 9 - Você acha que você controla suas emoções ou elas te controlam? Fale sobre isso.
- 10 - Você age mais com a razão ou com o coração?
- 12 - Como é para você ter que tomar uma decisão? Como se sente? Quais sentimentos afloram?

DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO

A SEXUALIDADE E O PROCESSO DE ESCOLHA.

Expressa um conjunto de forças organizativas e propulsoras da pessoa humana que envolvem o nível somático e o nível psíquico em toda a sua profundidade.

Imprimindo o modo particular de ser e de se realizar como homem - como mulher.

Permeia toda a nossa personalidade, nossa alma e nosso corpo, nossa realidade consciente e subconsciente.

É uma dimensão global da pessoa, uma dimensão não só física, mas também psíquica e espiritual.

Componente fundamental da personalidade, a sexualidade humana é concebida para além de sua dimensão biológica e genital. Ela manifesta o todo da personalidade, ou seja, é uma dimensão constitutiva da personalidade e caracteriza todas as dimensões da vida da pessoa, assim pode-se dizer que a sexualidade é parte integrante da totalidade da pessoa humana e, seu amadurecimento, objeto de um perseverante processo educativo.

A vivência da sexualidade não se dá apartada dos sentimentos e do campo cultural: a sexualidade é um dos pontos centrais na identidade do ser humano, a ponto de se poder afirmar que a identidade social de cada pessoa começa pela definição do sexo a que pertence.

A sexualidade integrada na vida é expressão do amor amadurecido, para isso se faz necessário uma integração de toda a personalidade. A sexualidade é parte de um todo.

A sexualidade possui dentro de nós uma força vital muito intensa, ela está ligada à possibilidade de gerar novas vidas, ela está ligada ao prazer, está ligada ao instinto conservador da vida, está impregnada de afetos

Ao falar de integração da sexualidade estamos falando principalmente da busca de se conhecer no sentido:

Identidade sexual: Fala-se sobre as características biológicas de um indivíduo, ou seja, fala-se de cromossomos, genitálias interna e externa, composição hormonal, gônadas e características sexuais secundárias.

Identidade de gênero: Refere-se ao sentido psicológico de ser homem ou mulher, ou seja, é como o indivíduo se sente internamente, como sendo um homem, como mulher ou nem uma coisa nem outra.

Orientação sexual: Refere-se à atração sexual (afetiva e/ou intelectual) que a pessoa possui por outras pessoas, ou seja, é por quem o indivíduo costuma se atrair.

É importante que a pessoa esteja bem resolvida no que diz respeito à sua sexualidade, pois como faz parte do todo, isso poderá ajudar a estar bem na realidade em que vive, bem como a viver de forma plena dando a sua contribuição no mundo.

Você entende que sua sexualidade é parte de um todo e que sua contribuição na sociedade tem muito a ver com isso. Quanto mais se sentir bem sendo o que é, e quem é, melhor viverá, podendo assim fazer escolhas de forma mais tranquila.

Orientações

Essa atividade tem o objetivo de ajudar as pessoas e refletir sobre a própria sexualidade, é um tema bem delicado e certamente a pessoa terá dificuldades de partilhar sobre a questão, mas será importante dar este espaço para que as pessoas se apropriem das suas questões. Assim pode-se apenas perguntar como foi a reflexão e se gostaria de partilhar.

É importante que a pessoa em acompanhamento entenda que sua sexualidade é parte de um todo e que sua contribuição na sociedade tem muito a ver com isso. Quanto mais se sentir bem sendo o que é, e quem é, melhor viverá, podendo assim fazer escolhas de forma mais tranquila.

É fundamental que o acompanhante também esteja atento a si a esse respeito, tendo claro como é a respectiva questão para si, ou seja, que o acompanhante seja bem resolvido na área.

Atividade

Reserve um tempo para estar com você num lugar reservado e reflita sobre as questões sugeridas no marcador de página. Será importante anotar.

Como percebe a sua sexualidade? Como você lida com sua sexualidade? Como sente em seu corpo? Como se sente sendo o que é? Traz alguma dificuldade nesta área?

Quais?

Como pode resolver estas dificuldades?

Você tem claro sua identidade sexual, sua identidade gênero e sua orientação sexual?

Como se sente em relação a isso?

Quais as questões que traz a esse respeito?

Material

Fazer um marcador de páginas com as perguntas. A ideia do marcador de páginas é para facilitar ter as perguntas à mão numa forma simples.

- Como percebe a sua sexualidade? Como você lida com sua sexualidade? Como sente em seu corpo? Como se sente sendo o que é? Traz alguma dificuldade nesta área? --Quais? Como pode resolver estas dificuldades?

- Você tem claro sua identidade sexual, sua identidade gênero e sua orientação sexual? Como se sente em relação a isso?

- Quais as questões que traz a esse respeito?

DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO

O PROJETO DE VIDA

Vimos a importância de ter um propósito de vida, mas também na vida é importante planejar, definir metas e objetivo, para isso é importante a elaboração de um projeto pessoal de vida. Por que elaborar um projeto de vida?

O Projeto de Vida nos ajuda a fazer um planejamento para não deixar que a vida simplesmente passe, mas estabelecer estratégias para que a vida seja vivida com mais motivação e de forma mais estruturada. O projeto nos ajuda estabelecer rotas, caminhos na vida.

Ao elaborar um projeto de vida estamos sendo honestos conosco tendo clareza para onde devemos direcionar nossas energias, nossos dons para atender às várias necessidades de nossa vida. Um projeto de vida abarca as várias áreas de nossa vida para dar mais qualidade à vida como um todo. Vejamos estas áreas: área social no sentido da cidadania, a pessoa como parte de uma sociedade que com sua vida ética, com empatia vive atento ao bem comum para o crescimento da sociedade fazendo do mundo um lugar melhor com sua colaboração. Área pessoal visando ser uma pessoa melhor que busca o autoconhecimento para ter em mãos sua identidade sabendo assim quem é, o que quer e para onde está se dirigindo. A área ocupacional que irá refletir o trabalho feito nas duas áreas acima, aqui se vai se delineando como quer colaborar na sociedade, com qual ocupação se estará contribuindo na sociedade.

Ao elaborarmos um projeto de vida estaremos planejando o que queremos para nossa vida, definindo as rotas que iremos percorrer para atingir o que foi projetado.

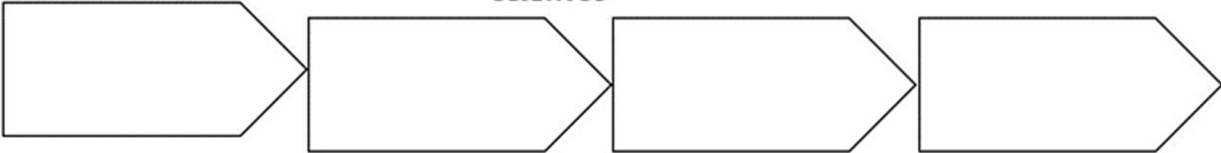
Atividade

Construir o projeto pessoal de vida.

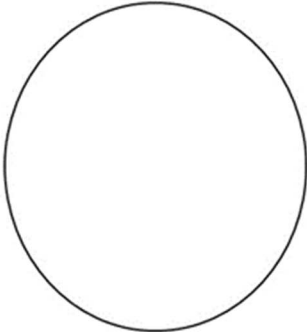
Você terá agora a oportunidade de elaborar um projeto de vida e para isso elaboramos um guia que você poderá utilizar da forma que desejar.

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE VIDA

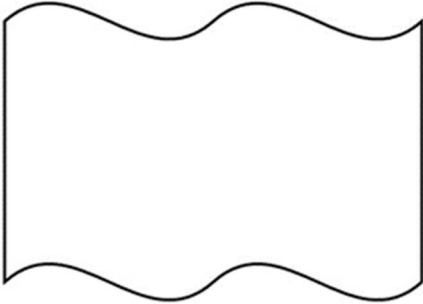
PROJETO DE VIDA
OBJETIVOS



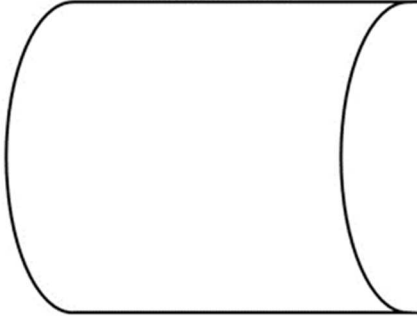
Tempo para realização dos objetivos



Pessoas e grupos que podem colaborar com a vivência do projeto



Avalie-se continuamente para ver quais habilidades possui e quais vai precisar desenvolver
4 formas de avaliar-se



DÉCIMO TERCEIRO ENCONTRO

O DESAFIO DA ESCOLHA

Falar sobre o desafio da escolha é ter presente a decisão, a escolha é inerente a nossa realidade humana, isso porque como seres humanos decidimos a história e a construímos com as nossas decisões e de certo modo as nossas escolhas vão determinar o nosso ser. É através das opções feitas no curso da vida que formamos a nossa existência histórica.

A pessoa ao fazer escolhas acaba ficando em dificuldade pela necessidade de despedir-se de muitas possibilidades disponíveis, pois ao optar por alguma coisa deixa-se outras. (Gurn 2014)

A pessoa que não decide ficará sem forma, pois é da natureza humana fazer opções e se comprometer para assim formar ou dar forma a sua história. É importante ter presente que a vida inteira a pessoa vai ter que lidar com uma infinidade de decisões que precisam ser tomadas. A vida não pode passar sem decisões, pois ou a pessoa decide por si ou será decidida pela existência.

O ser humano tem o poder de escolher e foi presenteado com o livre-arbítrio. Isso significa que é livre para escolher, mas qualquer que seja a escolha terá que conviver com ela.

É de fundamental importância aperfeiçoar o processo de decisão: A vida é cheia de oportunidades, escolhas e conseqüentemente decisões, são escolhidas algumas ou apenas uma entre muitas alternativas para uma ação a ser realizada.

Na tomada de decisão, algumas pessoas se perdem, é importante ver o processo, se possível por inteiro (dentro do que está ao nosso alcance) ao tomar um caminho, ao escolher, ao decidir por algo na vida.

Um grande obstáculo para tomada de decisão é a ideia de querer manter aberta todas as portas. Quer dizer, quando me decido por algo deixo outro, ou seja, quando entro numa porta deixo ou fecho outra. As pessoas com muitas portas abertas são as que mais têm dificuldades para se limitarem a uma só escolha.

A escolha de vida envolve o risco e a incerteza, a maturidade é o que dá sustentação para que a decisão aconteça. A maturidade é a estrutura para lidar com as situações difíceis da vida e que dá sustentação para usufruir da mesma.

Orientações

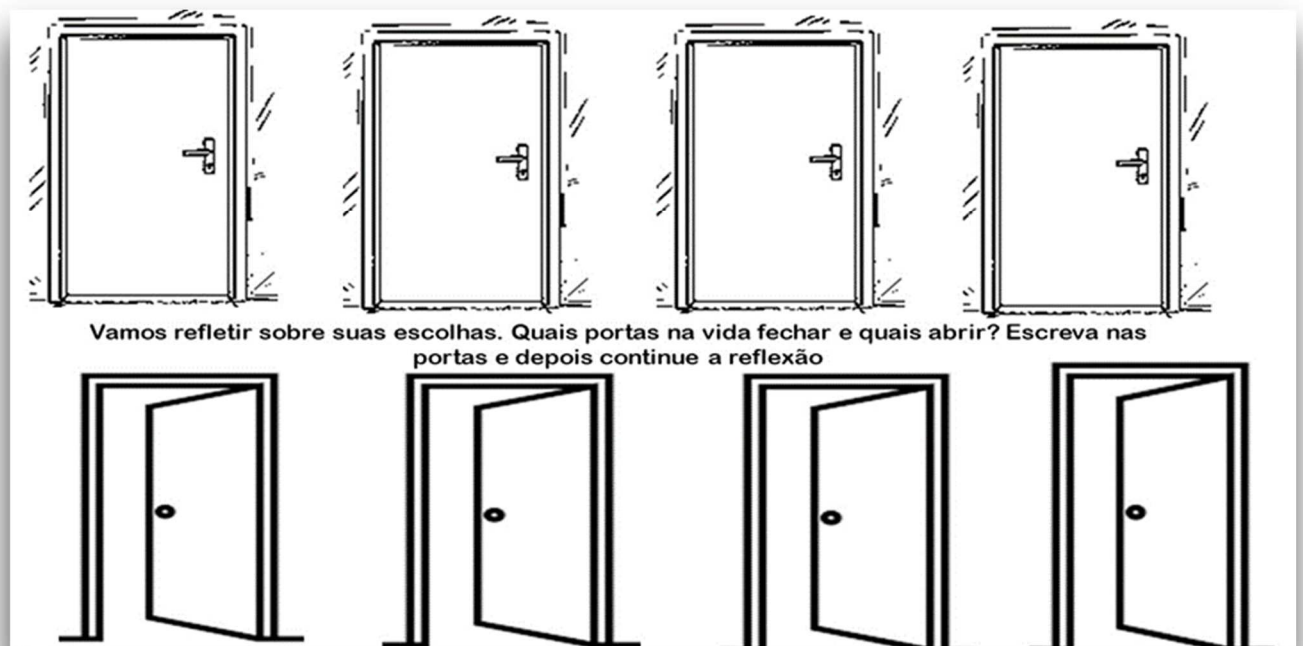
Este encontro tem como objetivo fazer provocações acerca da escolha, da tomada de decisões e a esta altura já se pode trazer presente o processo de acompanhamento vocacional que está vivendo, é importante fazer uma conversa e levantar questionamentos sobre os sentimentos frente ao processo.

Atividade

Dar tempo de reflexão para realizar a atividade das portas explicando a simbologia das portas como as diversas opções de escolha, quando se entra por uma porta, deixa-se ou se fecha outra.

Fazer uma conversa sobre a atividade das portas, relacionando com o processo de escolha na vida, abrimos e entramos em algumas portas e temos que deixar outras. Não conseguiremos deixar todas as portas abertas porque não podemos ficar com tudo, sempre perdemos alguma coisa.

-
-



REFERÊNCIAS

- BALDISSERA, D. P. **Conhecer-Se Um Desafio: aspectos Do Desenvolvimento Humano**. São Paulo, Paulinas, 2015.
- BRANDÃO M. **Psicologia e Formação Religiosa**. São Paulo: Paulinas,1995.
- BRANDEN, N. **Auto Estima: aprendendo a Gostar de Si**. São Paulo, Saraiva. 1982.
- CENCINI, A. **Vida Consagrada: Itinerário Formativo No Caminho De Emaús**. São Paulo, Paulinas.1994.
- GOMES E. D. MICHEL, M. A Motivação De Pessoas Nas Organizações E Suas Aplicações Para Obtenção De Resultados. **Revista Científica Eletônica de Administração**. Faculdade de Ciências Jurídicas e Gerenciais de Garça FAEG/FAEF – ISSN: 1676-6822. Disponível e: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/kC7xKUQpezmWbO8_2013-4-30-10-35-34.pdf . Acessado em 02/11/2022.
- GRUN, A. **O Poder da decisão**. Petrópolis, Rio de janeiro, Vozes. 2014.
- MARQUES, J. R. **Instituto Brasileiro de Coaching**. 4 de agosto de 2022. Disponível em: bccoaching.com.br/portal/motivacao-pessoal/valores-humanos-quais-sao-os-seus/. Acessado em 02/11/2022.
- MIRANDA, C. F. MIRANDA, M. L. **Construindo Relação de Ajuda**. Belo Horizonte, Crescer, 1986.
- TOMASI, F. L. M. **Ouro Testado No Fogo: acompanhamento psicoespiritual entre mistério e seguimento**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SANTOS J. N. HENRIQUES F. R. **Motivação no trabalho: a estratégia que gera resultados satisfatórios para as organizações**. Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Guarujá, São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao-5/4164-rci-motivacao-no-trabalho-122020/file#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20pesquisa,implementadas%20por%20gestores%20nas%20organiza%C3%A7%C3%B5es> . Acessado em: 27 de novembro 2022.
- SANTOS et al. A Importância Da Motivação No Ambiente De Trabalho. **Revista de gestão de negócios Unimes**. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/635-2662-2-PB.pdf>. Acessado em: 02/11/2022.

SCHOEN-FERREIRA, T. H., AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Natal)** [online]. 2003, v. 8, n. 1 [Acessado 26 Novembro 2022], pp. 107-115. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012> . Epub 22 Out 2003. ISSN 1678-4669. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012> .

Vidaria blog. **Por que contar a própria história nos faz compreender quem somos.** 31/05/2017. disponível em: <https://vidaria.com.br/2017/05/31/por-que-contar-a-propria-historia-faz-a-gente-compreender-quem-somos/> . Acessado em: 02/10/2022.